

JULIANA LOPES DE MORAES

***A VIDA MODERNA (1907 – 1922), O PERIÓDICO-VITRINE DA CIDADE DE SÃO
PAULO: tempos de modernidade com um leve toque português***

ASSIS

2007

JULIANA LOPES DE MORAES

***A VIDA MODERNA (1907-1922), O PERIÓDICO-VITRINE DA CIDADE DE SÃO PAULO:
tempos de modernidade com um leve toque português***

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras -UNESP- Universidade
Estadual Paulista para obtenção do título de
Mestre em Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social**

Orientadora: Rosane Gazolla Alves Feitosa

ASSIS

2007

*A Eduardo Sanches, companheiro e
incentivador incansável, meu refúgio
maior.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me proporcionar a vida, por ser a minha luz e minha salvação e também por me oportunizar este curso;

Aos meus pais, Elizabeth N. de Moraes e Irineu L. de Moraes, por me incentivarem e me apoiarem em todas as circunstâncias;

Ao meu namorado, Eduardo Sanches, pelo incentivo e paciência nos meus momentos difíceis;

A minha orientadora, Rosane G. A. Feitosa, pelos ensinamentos, pela sua presteza e também dividir comigo uma fatia de seu extenso conhecimento;

Aos professores com os quais convivi e aprendi muito durante este curso: Álvaro Simões, Luiz Roberto Cairo e Maria Lídia L. Maretti;

Aos colegas de curso pelo companheirismo e amizade;

À Seção de Pós-graduação pela atenção e serviços prestados, em especial, à Miriam e à Edna;

Ao CEDAP e a seus funcionários pela ajuda e pelos esclarecimentos prestados sempre que necessitados;

A CAPES, por financiar esta pesquisa e, conseqüentemente, me proporcionar dedicação exclusiva ao curso;

A todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização desta dissertação;

MORAES, Juliana Lopes de. *A Vida Moderna* (1907 – 1922): o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

RESUMO

São Paulo surge nos primórdios do século XX como grande pólo econômico devido ao café que regia a cidade, o sudeste do país, especialmente, e trazia benefícios nos aspectos: econômico, político e cultural. Sob essas condições, a cidade de São Paulo “civiliza-se”, acentuam-se também as transformações e as revistas e jornais se constituem como meio de entretenimento para a sociedade burguesa e como divulgação para a literatura. O presente trabalho, partindo da premissa de que a Literatura é fruto de seu tempo e que é indissociável da sociedade que está ao seu redor, estudou a revista *A Vida Moderna* (1907-1922), que participou e interagiu no processo de criação de novos costumes, valores e comportamentos na cidade de São Paulo. Neste periódico, encontramos textos de autores consagrados e também de outros menos conhecidos, além de notícias e notas sobre a vida e as personalidades importantes desse momento paulista. No capítulo 1, contextualizamos a revista na cidade de São Paulo, mostramos o momento político, econômico e cultural da cidade. No capítulo 2 recuperamos o formato pelo qual o periódico tornou-se um sucesso editorial e um empreendimento comercial de sucesso, assumindo o perfil de revista de variedades, com grande tiragem e estreita relação com a publicidade. No capítulo 3, reunimos informações sobre seus colaboradores _ autores, ilustradores, caricaturistas _ bem como sobre o público-leitor da época, o modo de se fazer a revista e as alterações realizadas ao longo dos anos. No capítulo 4, fizemos uma coletânea dos poucos, mas significativos textos de literatura e de cultura portuguesas publicados no periódico. A maior parte dos textos literários portugueses são de autores canônicos como Camões (século XVI), Padre António Vieira (Século XVII), Alexandre Herculano e Eça de Queirós (século XIX). Por meio do periódico *A Vida Moderna* (1907-1922), mostramos o quanto a cultura e a literatura, se faziam presentes na sociedade paulista do início do século XX e refletiam o momento de transição social e cultural brasileiro _ Pré-modernismo.

Palavras-chave: cidade de São Paulo; Periódico; *A Vida Moderna*; Literatura Portuguesa; Pré-modernismo; história literária

MORAES, Juliana Lopes de. *A Vida Moderna* (1907-1922): São Paulo city shop window magazine : times of modernity with slight portuguese marks. Dissertation (Master's Degree in Languages) - Faculty of Sciences and Languages, UNESP – São Paulo State University, Assis, 2006.

ABSTRACT

São Paulo city emerges at the beginnings of the 20th century as a huge economic pole due to the coffee agriculture that conducts the city of São Paulo, the southeastern side of the country, specially, and brings social, cultural and economical improvements. Under these conditions, São Paulo “gets development and social progress”, the transformations get harder where magazines and newspaper are a means of amusement of the burgeois society and a means of publishing literary texts. This master's dissertation considering that Literature is a product of its social time and it is part of the society it concerns to, proposes to study *A Vida Moderna* (1907-1922) (*The Modern Life*) magazine which participated and interacted in the process of creation of new habits, values and behaviors in the city of São Paulo. In this magazine, we find literary texts by well-known authors as well as unknown ones, besides news and some notes about lives of important persons of São Paulo city. In chapter one, we contextualized the magazine in São Paulo town, showing the political, economic and cultural moment of the city. In the 2nd chapter, we review the time the magazine became a successful publishing business as a “magazine of variety contents” and a good sale one with a slight relation with merchandising. In chapter 3, we collect information about the magazine collaborators_ authors, illustrators, caricaturists _ as well as the reader of that time, the way of writing/publishing the magazine and the modifications it got all over the years. In chapter 4, we did a collection of a few but very meaningful texts about Portuguese culture and literature published in *The Modern Life*. The most part of the literary text authors are very well-known ones as Camoens (16th century), the priest Antonio Vieira (17th century), Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco and Eça de Queirós (19th century). We could observe, by the analysis of *The Modern Life* (1907-1922) (*A Vida Moderna*), the culture and literature that could be found in São Paulo society in the beginning of the 20th century in that moment of social and cultural Brazilian transition_ Pre-modernism.

Keywords: São Paulo city; magazine; *A Vida Moderna*; Portuguese literature; Pré- modernism; history of literature,

SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo Primeiro – São Paulo: a sociedade e a literatura.....	24
1.1 A Primeira República (1889 – 1930)	25
1.2 Economia Brasileira: São Paulo e o café	30
1.3 São Paulo e a modernidade	35
1.4 A população paulista e a imigração.....	37
1.5 Literatura e cultura.....	47
1.5.1 O Pré -Modernismo	49
Capítulo 2 – A imprensa paulista e <i>A Vida Moderna</i>	55
2.1 A imprensa paulista no início do século XX: breve panorama.....	56
2.2 Periódicos de variedades: empreendimentos comerciais de sucesso.....	60
Capítulo 3 – A revista pela revista: <i>A Vida Moderna</i> (1907 – 1929).....	69
3.1 A revista pela revista.....	70
3.2 Os colaboradores	84
3.3 Folheando a revista: seções.....	87
3.3.1 Literatura e afins	105
3.3.1.1 Seções de artes e afins.....	115
3.4 A Revista vende a revista.....	118

3.5	Números especiais	123
3.6	O século XX paulista nas páginas da revista-vitrine	135
Capítulo 4	– São Paulo através das folhas de <i>A Vida Moderna</i>: a sutil presença portuguesa	138
4.1	As letras lusas	139
4.1.1	Sol de Portugal	170
4.2	Cultura lusitana e algo mais	180
4.3	A sutil presença portuguesa	196
	Considerações finais	199
	Referências	202

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Proclamação da República, alegoria	25
Ilustração 2 – Marechal Deodoro da Fonseca	26
Ilustração 3 – O Teatro Municipal de São Paulo	33
Ilustração 4 – Pinacoteca de São Paulo	33
Ilustração 5 – Prédios modernos de São Paulo	34
Ilustração 6 – Palacete em São Paulo	36
Ilustração 7 – Palacete em São Paulo	37
Ilustração 8 – Triângulo comercial de São Paulo	38
Ilustração 9 – Rua Direita	39
Ilustração 10 – Operários do Contifício Rodolfo Crespi	41
Ilustração 11 – Interior de indústria na cidade de São Paulo, no início do século XX	42
Ilustração 12 – Av. Paulista, vista da esquina da Praça Oswaldo Cruz em direção a consolação	45
Ilustração 13 – Cartaz da Semana de Arte Moderna	52
Ilustração 14 – Jardim público de São Paulo	53
Ilustração 15 – Página de O Estado de São Paulo	58
Ilustração 16 – Capas das revistas, respectivamente: <i>Fon-Fon</i>, <i>A Cigarra</i> e <i>A Vida Moderna</i>	63
Ilustração 17 – Capa de <i>A Cigarra</i>	65
Ilustração 18 – Capa da <i>Revista Feminina</i>	66
Ilustração 19 – Capa da <i>Revista Sportman</i>	71
Ilustração 20 – Editorial “A Vida Moderna”	72
Ilustração 21 – Editorial “Nova Phase”	73
Ilustração 22 – Capa de <i>A Vida Moderna</i>	75
Ilustração 23 – Editorial “Edição de Natal”	76
Ilustração 24 – Texto editorial “<i>A Vida Moderna</i>, semanal”	78
Ilustração 25 – Foto da administração da revista	79
Ilustração 26 – Propaganda	82
Ilustração 27 – Foto de Estudantes da Faculdade de Direito	83
Ilustração 28 - Capa de <i>A Vida Moderna</i>	88
Ilustração 29 – Capa de <i>A Vida Moderna</i>	89
Ilustração 30 – Folha de rosto	90
Ilustração 31 – Exemplos de expediente: <i>A Vida Moderna</i>	91
Ilustração 32 – Seção “A Vida Moderna”	93

Ilustração 33 – Seção Actualidades.....	94
Ilustração 34 – Seções “Museu” e “Pelo Telefone”.....	95
Ilustração 35 – Seção “Sports”.....	96
Ilustração 36 – Seções “Charadismo” e “Quebra-cabeças”.....	97
Ilustração 37 – Seção “Os nossos instantâneos”.....	98
Ilustração 38 – Seção “Perfis”.....	99
Ilustração 39 – Seção “O Progresso Arquitetônico de S. Paulo”.....	100
Ilustração 40 – Seção “Bebê”.....	101
Ilustração 41 – Seção “O Progresso em Guaratinguetá”.....	102
Ilustração 42 – “A Kermesse no Jardim da Luz”.....	105
Ilustração 43 – Seção “Ver e Falar”.....	106
Ilustração 44 – Seção “Sonetos”.....	107
Ilustração 45 – Seção de folhetins.....	109
Ilustração 46 – Seção “De Monóculo”.....	110
Ilustração 47 – Seção “O momento literário”.....	111
Ilustração 48 – Seção de contos “Jesus”.....	112
Ilustração 49 – Seção “Livros e Autores”.....	113
Ilustração 50 – Seção “Artes e Letras”.....	114
Ilustração 51 - Seção “Os Nossos Autographos”.....	115
Ilustração 52 – Charge. <i>A Vida Moderna</i>	116
Ilustração 53 – “A Arte em São Paulo: Exposições Femininas”.....	117
Ilustração 54 – Seção “Cine-Revista”.....	118
Ilustração 55 - “Concurso literário d’A Vida Moderna.....	119
Ilustração 56 – “Grande Concurso Musical”.....	120
Ilustração 57 – “Os nossos brindes”.....	121
Ilustração 58 – “A direção <i>D’A Vida Moderna</i> ”.....	122
Ilustração 59 – “Edição especial”.....	122
Ilustração 60 – “A Vida Moderna”.....	123
Ilustração 61 – Capa da Edição especial de Natal.....	125
Ilustração 62 - Capas.....	126
Ilustração 63 - Capa de <i>A Vida Moderna</i>	129
Ilustração 64 - Monumento à Feijó.....	131
Ilustração 65 - Capa da edição especial: <i>O Estado de São Paulo</i>	132
Ilustração 66 – “Nossa Capa” - matéria principal da edição especial: <i>O Estado de São Paulo</i>	133
Ilustração 67 – Foto da fachada do prédio de <i>O Estado de São Paulo</i>	134
Ilustração 68 – “O progresso industrial de São Paulo”.....	135
Ilustração 69 – “Pelo Progresso” e “Ministério da Agricultura: valorização do café”.....	136
Ilustração 70 – “O progresso Architectonico de S. Paulo”.....	136

Ilustração 71 - “Melhoramentos de S. Paulo”	137
Ilustração 72 - “São Paulo de ontem e de hoje”	137
Ilustração 73 - Sem título	140
Ilustração 74 - “A moda”	142
Ilustração 75 - As Farpas	145
Ilustração 76 - “As creanças que mentem”	146
Ilustração 77 - “Alexandre Herculano”	149
Ilustração 78 - “Ode a Herculano”	152
Ilustração 79 - “Alexandre Herculano”	157
Ilustração 80 - “A Fama do Padre Antonio Vieira”	158
Ilustração 81 - “Livros Brasileiros em Portugal”	162
Ilustração 82 - Fachada Lello e Irmãos	164
Ilustração 83 - Parte interna Lello e Irmãos	165
Ilustração 84 - “Borboletas”	167
Ilustração 85 - “Sol de Portugal”	170
Ilustração 86 - Seção “Sol de Portugal”	177
Ilustração 87 - D. Carlos I Rei de Portugal; D. Luiz Phelippe; A rainha D. Amélia e D. Manuel II, actual rei de Portugal	180
Ilustração 88 - “Conselheiro João Franco - ex-presidente do Conselho de Ministros de Portugal” e “João Chagas saudoso jornalista português morto na prisão” ..	185
Ilustração 89 - “Exéquias dos Soberanos Portugueses”	187
Ilustração 90 - “Pavilhão Manoelino oferecido pelo Brasil à Portugal”	189
Ilustração 91 - “O sr. Paulino de Oliveira Cônsul de Portugal e sua exma. Esposa.”	191
Ilustração 92 - “A Portuguesa é feia e a hespanhola é bonita”	192
Ilustração 93 - A Vida Moderna em Portugal	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Presidentes da República.....	28
Tabela 2 – Imigração No Brasil por Nacionalidade.....	40
Tabela 3 – Índice de Analfabetismo – 1920.....	59
Tabela 4 – Colaboradores (nomes e pseudônimos), permanentes e esporádicos, de <i>A Vida Moderna</i>	84
Tabela 5 – Colaboradores de destaque na publicação: breves comentários.....	85
Tabela 6 – Números de textos ou ilustrações, relativos à Portugal, publicados na revista <i>A Vida Moderna</i> (1907 – 1922).....	197

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Imigração no Brasil por nacionalidade	40
Gráfico 2 – Textos publicados na revista <i>A Vida Moderna</i> relativos à Portugal	198

A VIDA MODERNA (1907 - 1922)- O PERIÓDICO-VITRINE DA CIDADE DE SÃO PAULO: tempos de modernidade com um leve toque português

Introdução

Se não estamos aprendendo e ensinando, não estamos despertos e vivos. O aprendizado não é apenas como a saúde. É a saúde.

(FERGUSON)

A cidade de São Paulo, no início do século XX, foi marcada por avanços e retrocessos. Por um lado, tínhamos um acelerado processo de industrialização, uma intensificação do surto migratório, um desejo de atualização e, por outro lado, tínhamos o pensamento e as atitudes provincianas do fim do século anterior. Os olhares intelectuais do período escreviam predominantemente sobre e para a cidade relativo ao anseio pela modernização, pela salubridade e pela beleza da nova metrópole que emergia. Os homens da política passaram a ver São Paulo como sinônimo de conquista e de respeitabilidade, já que grande parte dos presidentes da república do período eram paulistas e traziam benefícios à cidade e aos seus aliados.

Nos anos iniciais da República, o projeto oficial era transformar o Rio de Janeiro, até então capital da República, em uma grande metrópole: o “Rio Civiliza-se”. A euforia e o anseio pela modernidade estavam presentes em todos os campos: moda, educação, comportamento, arquitetura, literatura. O espelho do Brasil nesse momento era o velho continente – a França ditava as posturas a serem seguidas por nós, brasileiros.

São Paulo surge nos primórdios do século XX como grande pólo econômico devido ao café. O café regia a cidade e o país e trazia benefícios em todos os aspectos: econômico, político e cultural. Com o poder nas “mãos”, São Paulo “civiliza-se” e se acentuam as transformações na cidade nesse início de século XX, em tempos de Primeira República (1889 – 1930 aproximadamente), assentando-se na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, regendo-se pela política de governadores denominada “café com leite”, já que São Paulo era o maior produtor de café e Minas Gerais o maior produtor de leite do país.

Juntamente a essa “nobreza fundiária”, até então classe dominante e responsável pelas decisões políticas e econômicas do país, emergiam, num segundo plano, matizado, atuante e válido em termos de opinião, uma burguesia industrial e forte, sobretudo, em São Paulo, mas incipiente no Rio de Janeiro. O quadro geral da sociedade paulista do fim do século se transformava graças a processos de urbanização e a vinda de imigrantes europeus em levadas cada vez maiores para o centro sul do país.

Para o professor Bosi (1994, p. 304), a situação brasileira, em geral, do momento em questão, comportava: uma visão do mundo estática quando não saudosista; uma ideologia liberal com traços anarcóides; um complexo mental pequeno-burguês, de classe média, oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo; uma atitude revolucionária.

Na citação que se segue, podemos verificar a visão do professor e crítico literário mineiro, mas formado academicamente em São Paulo, Antonio Candido, a respeito de São Paulo, nos tempos de 1910:

[...] a cidade é outra [...] é um importante centro ferroviário, comercial, político, onde a indústria se esboça. A população mudou radicalmente. Não há mais escravos, os caipiras vão sumindo, chegam magotes de italianos, espanhóis, portugueses, alemães (CANDIDO, 1975, p. 157).

A primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) também alterou os costumes, as relações políticas que se refletiam no crescimento da indústria e no conjunto da

economia. Concomitante a essas profundas transformações sociais, esse ainda é o tempo em que observamos um gosto exacerbado pelo conservadorismo, manifestado, sobretudo, pelos saraus bem comportados nas casas de famílias e pelas antigas conferências literárias.

A literatura produzida na Primeira República, do início aos anos 20, como toda literatura, direta ou implicitamente, traz as marcas do seu tempo, exprimindo simbolicamente suas tensões. Antiga dicotomia impressa na nossa cultura, presentifica-se nesses tempos pré-modernos com redobrada justificativa entre o sertão e a cidade, figurado no tom regionalista ou na simples cor local, ora na exaltação da cosmópole europeizada ou em sua crônica mundana [...] (LEITE, 1996, p. 44).

Antonio Candido (1975, p. 158), esclarece a ligação entre produção literária e vida social, volta-se para São Paulo e focaliza o papel das formas de sociabilidade intelectual e sua relação com a sociedade como forma de caracterizar a literatura brasileira. A literatura, que deixou de ser uma “manifestação grupal”, vai caracterizar-se como uma manifestação “[...] de uma classe – a nova burguesia, recém formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academicismo, decadentismo e *art-nouveau*” (CANDIDO, 1975, p. 158).

Candido ainda chama dialética, esta integração progressiva de experiência literária e espiritual entre o novo e o velho, respectivamente o localismo e o cosmopolitismo. A literatura no país, neste momento, sofre uma crise de identidade muito grande, pois se sente inferior na condição de país jovem e mestiço, em relação aos países velhos de composição étnica estabilizada. Quando o intelectual brasileiro tentou identificar-se com esta civilização se deparou com particularidades do meio, da raça e da história. A partir do momento em que foi obtida a consciência da nossa diversidade, o Brasil passou a se opor a Portugal, procurando se auto afirmar a qualquer custo, enquanto Portugal demonstrava certos excessos de autoridade para conosco, ou mesmo de desprezo.

Contudo, houve um momento em a independência foi confirmada, como podemos perceber no seguinte trecho:

A fase culminante da nossa afirmação – a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo – se processou por meio da verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia. Tomada de consciência, portanto, como rebeldia de um lado e despeitado menosprezo de outro (CANDIDO, 1975, p. 111).

Quanto às questões relacionadas a influências e trocas culturais, podemos dizer que apesar de toda revolta contra Portugal, no século XIX ainda dependíamos literariamente de nossos colonizadores. Embora imitássemos franceses e ingleses, eram realmente nos portugueses que nos espelhávamos, pois eles nos davam o exemplo e o tom da imitação. Todavia, o antilusitanismo do período, causado também pela concorrência da imigração portuguesa da época, fazia com que os brasileiros tratassem os portugueses como inimigos, concorrentes ferrenhos que queriam “roubar” seus empregos, seus comércios e suas casas, fazia com que negassem qualquer influência portuguesa, fazia com que o “moderno” fosse sinônimo de França e “conservado e retrogrado” tudo que viesse de Portugal. Mesmo assim, pudemos perceber a presença portuguesa neste início de século no Brasil e em São Paulo. A literatura foi uma das formas utilizadas para “expulsar” os portugueses da memória.

Para Candido, existiram dois momentos decisivos para a intelectualidade brasileira: o Romantismo (1836-1870) e o Modernismo (1922-1945). A literatura, em todos os momentos, representou a dialética entre localismo e cosmopolitismo, todavia, no Romantismo e Modernismo ocorreu uma acentuação do pólo localista. Ainda para Antonio Cândido:

[...] a literatura brasileira no século XX se divide em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira em 1945 [...] sob esse ponto de vista o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é, da fase de 1900-1922 (CANDIDO, 1975, p. 112).

Nos primórdios do século XX a literatura aparece como literatura de permanência, pois ela conserva e elabora, sem da origem a inovações, traços desenvolvidos depois do Romantismo. Como a fase anterior, ao início do século XX, foi de contraposição

ao Romantismo, essa fase, que busca o equilíbrio, nos passou a impressão de estagnação. Seu produto típico, os romances amenos, feitos com “alma de cronista social”, que serviam para distrair o público leitor. Os textos, na sua maior parte, eram leves, não eram de contundente crítica social, pretendiam trazer diversão e entretenimento. Podemos dizer que o regionalismo foi o ponto principal para uma consciência local, mostrando uma realidade mais típica brasileira.

Por volta ano de 1922, com a Semana de Arte Moderna, percebemos uma nova literatura no Brasil. O Modernismo rompeu com as duas tendências até então existentes e inaugurou um momento na dialética do universal e do particular. Foi um momento, portanto, de ruptura.

Sabemos que o Brasil é um país muito extenso, talvez por isso a literatura se desenvolva de modo diferente em nossos diferentes estados. Neste trabalho, abordaremos o Estado de São Paulo, mais especificamente sua capital, a cidade de São Paulo.

Observamos que o Pré-Modernismo brasileiro foi marcado pelo embate entre o novo e o velho em que, de um lado, possuíamos uma literatura que visava a representar um país, mais atento ao registro dos costumes e da nossa realidade sócio-cultural, por meio de uma linguagem própria e, de outro, uma literatura academicista e europeizada, ainda ditada pelas regras do século anterior.

A literatura dessa fase pré-modernista manifestava-se, sobretudo, na atividade dos profissionais liberais, nas revistas e nos jornais. Entre a cidade e a literatura, destacamos a revista *A Vida Moderna*, um periódico muito bem impresso, com capa em cores, ressaltando a tecnologia de publicação, e apresentando um corpo editorial bem estruturado.

Sendo esse começo de século XX um momento de transição cultural, nosso trabalho tem por objetivo o estudo da revista *A Vida Moderna* (1907-1929), que foi um veículo de extrema importância sócio-política e um periódico formador de opinião nesse início de século paulista, o que nos revelou aspectos importantes para a história de São Paulo, ao verificar as conseqüências sócio-culturais desse período, advindas da presença da literatura e cultura em São Paulo, em que se evidenciam grandes esforços despendidos pela intelectualidade para se tentar compreender o Brasil.

A escolha dessa publicação para compor o *corpus* se deu por vários

motivos. Primeiramente pela ausência de estudos específicos sobre a revista *A Vida Moderna*, que foi uma das primeiras constatações no início da pesquisa. Apesar de citada por vários autores, nenhum, até o presente momento, a utilizou como objeto de extensa pesquisa e reflexão. Em segundo lugar, citaríamos o período sócio-cultural 1900 – 1922, pois este foi um momento estratégico para a pesquisa da construção da identidade cultural da “Paulicéia Moderna”. O estudo e a análise da imprensa periódica possibilitam novas perspectivas e uma maior visibilidade da vivência social na cidade, pois em São Paulo, ocorria a convivência entre o universal e o nacional, visão estática e revolucionária. Uma terceira justificativa para nossa escolha do *corpus* foi o fato da revista *A Vida Moderna* ter sido publicada de 1906 a 1929 em São Paulo, enquadrando-se perfeitamente dentro do período e local de estudo _ São Paulo pré-modernista. Outros critérios a serem levados em conta foram: a) por ser uma revista de extensa publicação, ou seja, permaneceu no mercado por vários anos ininterruptamente; b) também por estar acessível ao estudo com a coleção quase completa, salvo algumas poucas páginas deterioradas no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa), localizado no campus da Faculdade de Ciências e Letras –UNESP- Assis; c) por possuir textos literários, o que nos daria um pequeno recorte dos periódicos paulistanos sobre a recepção literária e também cultural, já que é uma revista de variedades, de Portugal no Brasil; d) também, por ser um periódico formador de opinião, na época, e utilizado como referência em estudos históricos até nossos dias; e) por serem os portugueses a segunda nacionalidade, em número de imigrantes, que aportou ao Brasil nesse período, perdendo somente para os italianos. Segundo o historiador Boris Fausto (1977, p. 100), existiam cerca de 1.030.666 portugueses no Brasil; f) ainda por serem os periódicos, na época, o meio mais acessível de literatura, cultura e entretenimento social, já que eram bem mais baratos do que os livros.

O período da revista que fixamos para esta pesquisa – 1907 a 1922 – se justifica, em virtude deste projeto estar inserido em um período, 1900 -1922, que já vem sendo estudado pela Prof^a. Dr^a Rosane Gazolla Alves Feitosa, orientadora do presente trabalho, desenvolvido com o jornal *O Estado de São Paulo*, de 1900 a 1922. Apesar da revista permanecer no mercado até 1929, vale ressaltar que neste trabalho, faremos um recorte da publicação total do periódico, estudando-o somente de 1907 a 1922. Escolhemos iniciar em 1907, pois, em 1906, a revista se lançou com outro nome, *Sportman*, e neste período, publicava primordialmente esportes, ocorrendo a mudança de nome, em 1907, para *A Vida Moderna*, ano em que a revista foi reformulada e tornou-se muito mais condizente com nosso estudo, pois, a partir daí, transformou-se em uma revista de variedades,

publicando assuntos diversos e dedicando espaço considerável à literatura. Datamos o fim do nosso estudo em 1922, pois é nesta data que, didaticamente, como demonstram vários historiadores de Literatura Brasileira, termina o Pré-modernismo, período de nossa pesquisa.

Como já dissemos anteriormente, a literatura dessa fase pré-modernista manifestava-se, sobretudo, na atividade dos profissionais liberais, nas revistas e nos jornais. Ressaltamos nesse período a revista *A Vida Moderna*, que no período em que foi publicada, entre 1907 e 1929, se caracterizou como uma das revistas de variedades mais bem sucedidas do periodismo paulistano, chegando, por volta de 1915, a disputar com *A Cigarra*, o título de revista de maior vendagem em São Paulo. Mantendo laços editoriais com o grupo de *O Estado de São Paulo*, a revista, paulatinamente, modernizava-se e constituía-se em um empreendimento comercial de sucesso.

O conteúdo da revista era variado trazendo: biografias de figuras relacionadas à política, artes, ciências e a história; comentários sobre empreendimentos industriais e comerciais de São Paulo; comentários sobre produtos novos, geralmente de higiene e de beleza; coberturas de festas, eventos, a Primeira Guerra Mundial e esportes. Dedicava também, espaço considerável à literatura, publicando poemas, contos e críticas em algumas seções fixas, dentre as quais destacamos a seção de crônicas que perdurou durante toda a publicação da revista, com pequenas alterações de nomes como *Chronicas* e *Chroniquetas*.

Com todas as informações levantadas, acreditamos que *A Vida Moderna* teve sua importância dentro da história dos periódicos paulistas e, por isso, acreditamos também que a mesma merecia um trabalho específico a seu respeito, pois vendia a cidade de maneira exaustiva. Além disso, o periódico também reflete a presença portuguesa neste início de século paulista, mostrando que apesar da presença de grande número de imigrantes portugueses, a atuação destes nas de poder foi discreta em São Paulo.

Para que o desenvolvimento do estudo fosse possível, primeiramente realizamos um trabalho com a fonte de pesquisa primária, o periódico *A Vida Moderna* (1907-1922), fazendo um levantamento de todos os números encontrados da revista. Em seguida, pesquisamos sobre a parte histórica e social de Brasil e Portugal, e, principalmente de São Paulo, assim como sobre a literatura e a imprensa do período de 1900-1922. Realizamos a organização do “corpus” encontrado e processamos os dados. Posteriormente analisamos estes textos com base na presença da literatura e da cultura portuguesa em São Paulo nos primórdios do século XX.

Nossa fonte primária de pesquisa se encontra em formato de microfimes, com quase todos os números da revista, no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa), na FCLetras-UNESP-Assis, no próprio campus universitário onde desenvolvemos a pesquisa. Também foi possível o acesso à revista impressa na Escola de Comunicação e Artes ECA-USP, em São Paulo, porém há alguns exemplares, infelizmente em más condições, pois faltam muitos números que estão indicados no índice, e muitos desses com folhas arrancadas, principalmente as capas.

A fim de facilitar o entendimento e proporcionar um contato maior do leitor com o periódico estudado, colocamos figuras para exemplificar nossos comentários. Para facilitar a visualização e identificação desta figuras e suas fontes, optamos por colocar na legenda destas figuras somente o seu nome, quando a ilustração for referente a revista *A Vida Moderna*, além do nome colocamos o número e data, e, na bibliografia “Das ilustrações” colocamos a fonte completa das mesmas.

A fim de proporcionar mais clareza e um caráter organizacional à presente dissertação estruturamos em: introdução, quatro capítulos e considerações finais. Destacaremos, a seguir, os assuntos principais de cada capítulo.

No capítulo 1, faremos um breve panorama do contexto histórico, social e literário do Brasil no período de 1900-1922 e, nos deteremos, mais especificamente, na cidade de São Paulo, o espaço de nosso trabalho, levando em consideração os momentos social, histórico e literário. Destacamos a questão da imigração, os grandes avanços tecnológicos e os aspectos econômicos-sociais da cultura do café. Apresentaremos paralelamente a isto, a cidade de São Paulo e seu rápido desenvolvimento no início do século XX. Comentaremos sobre a história da cidade de São Paulo em um período de intensas transformações e rupturas. A elite cafeeira, os “novos ricos” e os operários são personagens de um cenário que sofre mudanças estruturais e arquitetônicas notáveis. Traremos a literatura como inspiração e, como parte da cidade, mostraremos as respectivas mudanças sofridas. Destacaremos a literatura paulistana dos primórdios do século XX, nos baseando principalmente na teoria de Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade*, que trata da relação entre literatura e sociedade, ou seja, a preocupação com os aspectos sociais da criação, da recepção e da distribuição das obras como um todo.

No segundo capítulo, destacaremos a imprensa, no Brasil e em São Paulo, apontando a história dos periódicos que se constituíam como empreendimentos comerciais. Mostraremos ainda a história dos periódicos e, em destaque, as revistas,

principalmente, as de variedades, tecendo um rápido paralelo com *A Vida Moderna*, duas revistas de sucesso comercial, *A Cigarra* e *A Revista Feminina*. Esta contextualização realizada no primeiro e segundo capítulos, servirá de base para os outros capítulos em que serão abordados com mais detalhes a presença cultural e literária de Portugal em São Paulo através da imprensa periódica.

No terceiro capítulo contaremos a história da revista, *A Vida Moderna*, como um todo, mostrando suas características estruturais, seu conteúdo, sua publicidade, sua periodicidade, seu público-leitor, periódico tão importante e significativo para a história de São Paulo até os dias de hoje. Destacaremos as principais seções e apontaremos grande parte dos colaboradores. Além disso, mostraremos os textos de auto propaganda e editoriais da revista bem como os “números especiais”.

No quarto capítulo, mostraremos o quanto e como o periódico vendia a cidade de São Paulo, colocando-se como uma revista-vitrine de todo progresso e modernidade da cidade no início do século XX. Apresentaremos também os textos (originais e transcritos) que encontramos no periódico que demonstram a sutil presença portuguesa na cidade de São Paulo, tecendo comentários sobre eles e demonstrando, com números, a recepção da cultura e literatura portuguesas no Brasil.

A Vida Moderna buscava vender São Paulo como uma cidade moderna, cosmopolita e progressista, assim como procurava vender a imagem da própria revista. Conseguiu. Foi um empreendimento comercial de sucesso e uma revista de variedades bem conceituada. A presença portuguesa na revista só confirma a revista-vitrine que refletia a sutil participação dos portugueses na construção da cidade de São Paulo, pensando que a participação dos portugueses nas lavouras de café foi incipiente e foi justamente o café que fez da cidade de São Paulo um pólo econômico que gerou a modernidade tão divulgada pela revista.

Capítulo Primeiro

São Paulo: a sociedade e a literatura

A existência admirável que levo consagrei a toda a procurar. Deus queira que não ache nunca... Porque seria então o descanso em vida, parar mais detestável que a morte.

(Mário de Andrade)

Metrópole do café.

Esse epíteto utilizado por Manuel Bernardez (1908), escritor uruguaio, não poderia ser mais adequado para definir a cidade de São Paulo nos primórdios do século XX, pois o café movia a cidade e o país nesses tempos de República.

A Primeira República se notabilizou por trazer inúmeras mudanças ao Brasil e especialmente a São Paulo. Para que pudéssemos entender essas transformações na cidade, palco de *A Vida Moderna*, foi necessário compreender primeiro como se deu a República no Brasil.

Neste capítulo, abordamos também a questão da modernidade em São Paulo, bem como as mudanças estruturais pelas quais a cidade passou. Além disso,

tecemos breves comentários sobre a literatura do início do século XX na sociedade paulistana e sobre o movimento denominado Pré-Modernismo.

1.1 A Primeira República (1889 – 1930)

Contando com o apoio de grandes instituições como a Igreja, o Exército e uma parcela considerável dos fazendeiros de Minas e São Paulo, a República se instaurou no Brasil em 15 de novembro de 1889. Após a proclamação, o país mudou sua forma de governo, mas, para a população as mudanças foram inexpressivas: o poder continuou nas mãos do latifúndio, do café e da corrupção.

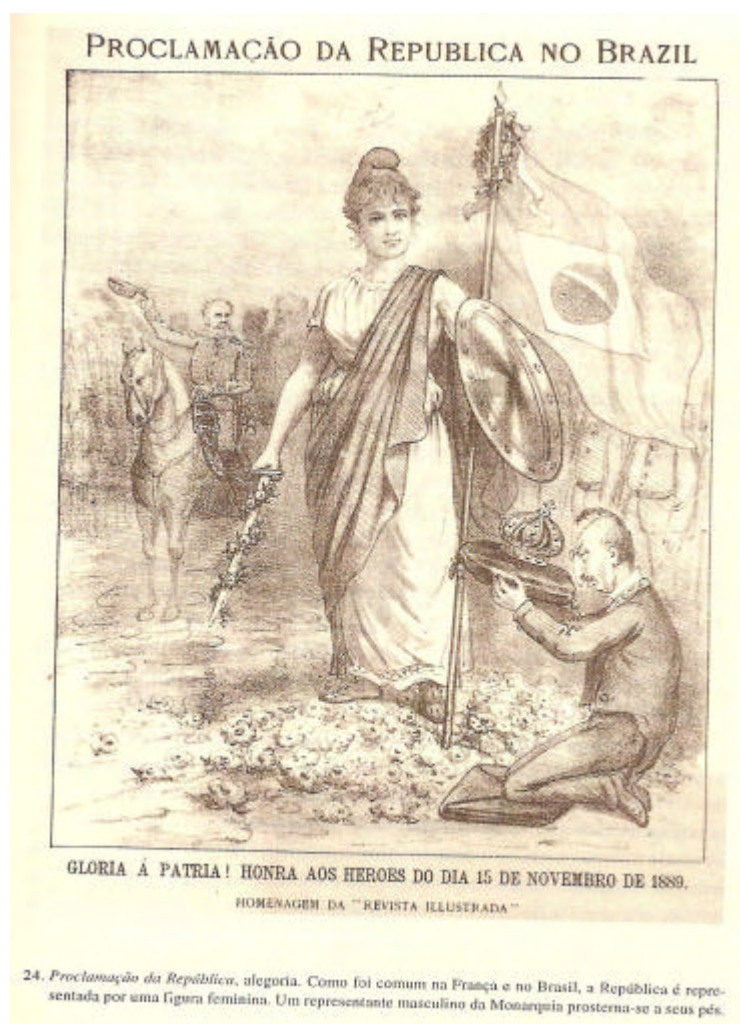


Ilustração 1: Proclamação da República, alegoria.

Durante os anos que se seguiram a 15 de novembro, a incerteza tomou conta do país. Existiam no Brasil vários grupos que disputavam o poder e divergiam em suas concepções de organização da República, tornando o regime totalmente instável. As principais províncias – São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – possuíam seus representantes políticos que defendiam a idéia de uma República Federativa que proporcionasse autonomia a elas. Distanciavam-se, porém, em outros aspectos, como o da organização do poder. Enquanto São Paulo e Minas sustentavam um modelo liberal que seria constituído por cidadãos representados por um presidente eleito por eles, o Rio Grande do Sul era considerado positivista e possuía um regime mais fechado, ligado aos militares (FAUSTO, 2002, p. 245).

Outro setor importante da República nascente foi o dos militares. O marechal Deodoro da Fonseca tornou-se chefe do governo provisório e algumas dezenas de oficiais foram eleitos para o Congresso Constituinte. Mas eles não constituíam um grupo homogêneo. Havia rivalidades entre o Exército e a Marinha; enquanto o Exército tinha sido o artífice do novo regime, a Marinha era vista como ligada a Monarquia (FAUSTO, 2002, p. 246).



Ilustração 2: Marechal Deodoro da Fonseca

Na implantação da República no Brasil ocorreu uma substituição entre as classes dominantes: sucumbiu a antiga oligarquia açucareira e alçou-se a oligarquia do café. O chamado “ouro negro” rendeu a São Paulo muitos louros, pois o Estado era o principal produtor de café e conseguiu, devido à sua força econômica, alcançar também seus objetivos políticos elegendo entre 1894 e 1902 três presidentes paulistas – Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves. A oligarquia do café se fortaleceu no poder através das oligarquias estaduais, o chamado coronelismo, por meio do qual São Paulo obteve muitas vantagens econômicas.

No período abarcado pela Primeira República os coronéis dominavam os eleitores, e, assim, garantiam aos seus candidatos pelo menos 90% dos votos. Posteriormente, introduziu-se a política dos governadores, ou seja, os coronéis começaram a apoiar e também a influenciar a política nacional em troca de benefícios cedidos por parte do governo federal. Nesse momento, passamos à política denominada “café-com-leite”, que consistia no fato de políticos de São Paulo e Minas Gerais se alternarem na presidência da República. Isso ocorria porque ambos os Estados possuíam grande influência econômica: São Paulo era o maior produtor de café e Minas Gerais o maior produtor de leite do país.

O primeiro presidente, o paulista Prudente de Moraes, tomou posse em 1894. Juntamente com ele, iniciou-se uma fase de alternância de poder entre paulistas e mineiros. Veja a tabela a seguir:

Tabela 1: Presidentes da República

Os presidentes da Primeira República (1889 – 1930)		
Marechal Deodoro da Fonseca	15/11/1889	23/11/1891
Marechal Floriano Peixoto	23/11/1891	15/11/1894
Prudente Moraes	15/11/1894	15/11/1898
Campos Salles	15/11/1898	15/11/1902
Rodrigues Alves	15/11/1902	15/11/1906
Afonso Penna	15/11/1906	14/06/1909
Nilo Peçanha	14/06/1909	15/11/1910
Marechal Hermes da Fonseca	15/11/1910	15/11/1914
Wenceslau Bráz	15/11/1914	15/11/1918
Delfim Moreira da Costa Ribeiro	15/11/1918	27/07/1919
Epitácio Pessoa	28/07/1919	15/11/1922
Artur Bernardes	15/11/1922	15/11/1926
Washington Luiz	15/11/1926	24/10/1930

Percebemos que, apesar da proclamação da República, a democracia ainda não acontecia de fato, pois o povo não elegia ninguém uma vez que os coronéis controlavam os votos.

Mas quem eram os coronéis? O título de coronel era concedido pela Guarda Nacional – composta em sua maioria por fazendeiros locais – a quem lhe conviesse. Com o fim da Guarda, o título passou a significar latifundiário, ou seja, todos os

latifundiários eram considerados coronéis. Em geral, esses coronéis resolviam seus problemas com violência: venciam os que tinham mais armas e mais jagunços. O domínio era muito grande, já que eles tinham em mãos a maioria das terras. Com isso, o povo dependia deles para tudo: dependia economicamente, pois, para plantar, até mesmo para sobrevivência, dependia dos coronéis; dependia socialmente, pois eles dominavam toda a população ao assumir funções como as de juiz, protetor, padrinho, etc; e dependia politicamente, pois controlavam os votos dos que dependiam deles, ou seja, os votos da população iam aos que os coronéis apoiassem. Os políticos eleitos ajudavam os respectivos coronéis que os haviam eleito, liberando verba para obras em seus municípios. Isso se tornou um círculo vicioso: o povo dependia do coronel, por isso o apoiava em tudo; o coronel dependia dos políticos para realizar obras em seus municípios, por isso os ajudavam a se eleger, e os políticos dependiam dos coronéis para angariar votos.

Se por um lado a política do café-com-leite privilegiou e favoreceu o crescimento da agricultura e da pecuária na região Sudeste, por outro acabou provocando um abandono das outras regiões do país. As regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste ganharam pouca atenção desses políticos e tiveram seus problemas sociais agravados.

O sertão brasileiro da época sofria muito. Milhares de pessoas buscavam trabalho, pois as fazendas empregavam pouca gente, geralmente os mais fortes, e pelos mais baixos salários.

À luz desse contexto, Canudos, comandado por Antonio Conselheiro, tornou-se o paraíso, pois ninguém tinha patrão e as colheitas eram de todos. O Arraial de Canudos se formou em 1893, nas proximidades do Rio Vaza-Barris, em uma fazenda abandonada. O Conselheiro combatia o governo, o que veio a incomodar o mesmo, que reagiu atacando o arraial. Esta revolta, ocorrida nos primeiros tempos da República, mostra o descaso dos governantes em relação aos grandes problemas sociais do Brasil. Assim como as greves, as revoltas por meio das quais se reivindicavam melhores condições de vida (mais empregos, justiça social, liberdade e educação) foram tratadas como "casos de polícia" pelo governo republicano. A violência oficial foi usada, muitas vezes com exagero, na tentativa de calar aqueles que lutavam por direitos sociais e melhores condições de vida.

Outra revolta ocorrida foi a revolta da Chibata, no ano de 1910. Os marinheiros foram torturados por pequenas e grandes faltas de maneira desumana por seus

superiores. Revoltados, eles se rebelaram, tomaram navios importantes da Marinha da Guerra e assassinaram vários oficiais. Pressionado, Hermes da Fonseca, presidente na época, cedeu e aboliu o castigo aos marinheiros. Todavia, assim que os mesmos se entregaram, foram expulsos da Marinha por um decreto instituído pelo próprio Hermes. Além de expulsos, muitos foram ainda presos ou mortos.

Quinze anos depois, de 1912 a 1916, ocorreu uma guerra semelhante no Sul do país, a chamada Guerra do Contestado, que envolveu cerca de 20.000 sertanejos e durou quatro anos. A grande questão geradora do conflito foi a divisão de terras. O governo se posicionou a favor dos coronéis, prejudicando o povo, para retribuir favores eleitoreiros, desapropriando várias propriedades pequenas de pessoas desfavorecidas para construção de estradas, o que beneficiava os grandes latifundiários e o transporte de suas mercadorias.

Contudo, o conflito mais marcante do período, 1900 – 1922, e o único que de alguma forma influenciou a cidade de São Paulo, foi a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), que trouxe muitas mudanças à sociedade brasileira como um todo.

Apesar do Brasil não ter sofrido muitas conseqüências com esta guerra, a sociedade se mobilizou e foi diretamente afetada, por exemplo, pelo sorteio militar, que perturbou e separou muitas famílias brasileiras. A imprensa mobilizou-se no sentido de noticiar a guerra e o assunto foi altamente difundido.

São Paulo, firmando-se enquanto pólo econômico do país, sofreu reflexos da guerra, e a imprensa local relatou o assunto veementemente. No caso da revista *A Vida Moderna*, foram publicadas charges e comentários sobre o assunto.

Em meio a um período de contrastes, o Brasil viveu a guerra de longe e de perto ao mesmo tempo, e tais contrastes na sociedade brasileira se acentuaram ainda mais. Nesse período, os negros (recém-libertados), em uma considerável parcela, se marginalizaram; os imigrantes chegaram em grandes quantidades para substituir a mão-de-obra escrava; e surgiu uma nova classe social, o proletariado, ou seja, os trabalhadores das indústrias que se desenvolviam no país.

Podemos dividir o Brasil, no início do século XX, em duas partes distintas em relação às classes sociais. De um lado os ex-escravos, os imigrantes e o

proletariado, e do outro lado, uma classe conservadora que detinha o dinheiro, e, portanto, o poder.

Apesar de todos os conflitos gerados devido às tensões sociais, a riqueza do país aumentou consideravelmente. Por conseguinte, a economia cafeeira, vinda de São Paulo, atingiu seu período de magnitude. Muitos fatores internos e externos contribuíram para esse crescimento, podendo-se citar alguns: fim da escravidão; afluxo de imigrantes; desenvolvimento do comércio internacional; aumento da população e conseqüente aumento do consumo de alimentos; industrialização; desenvolvimento dos transportes. Contudo, as dívidas do país aumentaram assustadoramente.

1.2 Economia Brasileira: São Paulo e o Café

Nesse período, os principais produtos brasileiros eram o café, a borracha, o cacau e o açúcar. O café, porém, era o carro-chefe e representava cerca de 70% do comércio internacional brasileiro, tornando-se essencial não só para a economia paulista mas também para economia do país.

São Paulo, de 1889 a 1930, foi o maior produtor do grão no país. Porém, todo esse sucesso foi marcado por várias crises até a criação, em 1952, do Instituto Brasileiro do Café, que tinha a pretensão de resolver todos os problemas do produto.

A fim de garantir a renda do café, o governo lançou mão de vários planos de intervenção até chegar a um acordo, em fevereiro de 1906, para beneficiar os cafeicultores, chamado Convênio de Taubaté. Esse convênio foi uma fórmula encontrada pelo governo republicano para beneficiar os cafeicultores e, conseqüentemente, a economia nacional, em momentos de crise. Quando o preço do café abaixava muito, o governo federal comprava o excedente de café e estocava. Esperava-se uma alta no preço e então os estoques eram liberados. Esta política mantinha o preço do café, principal produto de exportação, sempre em alta e garantia os lucros dos fazendeiros.

E assim, de crise em crise, São Paulo e o país seguiram dependendo do café e dos mercados internacionais por muitos anos. Outra grande intervenção para

valorização do café ocorreu, ainda, no período da Primeira Guerra Mundial, estendendo-se até 1919. Nesse período, foram realizadas transações fora do comum e financiadas pelo governo federal.

As duas últimas décadas do século XIX já prenunciavam a transformação da vida urbana em São Paulo, que se intensificou com a virada de século. A passagem do século XIX para o século XX, assim como para todo o Brasil, foi de transformações para a cidade de São Paulo, que ocupava lugar de destaque nesse cenário.

O progresso de São Paulo era notável e a vida urbana se intensificava, destacando-se o desenvolvimento do café, que, como consequência, proporcionou muitos benefícios como o aumento na mão-de-obra livre e o crescimento das estradas de ferro para o transporte do “ouro negro”, além de proporcionar, ainda, prestígio econômico e político à cidade.

Nesse momento, os olhos do país se voltaram para São Paulo. Existiam muitas casas bancárias, o comércio se expandia intensamente e as indústrias surgiam em quantidade e qualidade, o que propiciou o aparecimento de uma estrutura de entretenimento e de cultura.

Num salto de crescimento, no período que abrange de 1870 até 1920, a cidade de São Paulo se transformaria no centro econômico e político do Estado. Aí aglomeram-se as casas bancárias, os grandes estabelecimentos do comércio atacadista, da importação, as fábricas e oficinas da nascente indústria de bens de consumo e o melhor e mais variado comércio varejista do Estado. Para São Paulo convergem todos os interesses políticos do Estado. Em suas ruas amontoa-se uma crescente população que não se pode conhecer (CRUZ, 2000, p. 60).

A cidade ganhou novos “cenários”. As transformações ocorridas em São Paulo fizeram desaparecer a vila pequena e pacata, passando a abarcar uma população bastante heterogênea: os ricos fazendeiros, os novos afortunados, a incipiente camada remediada e a população pobre. A vida urbana de São Paulo recebeu, nesse período, um

incremento que foi possibilitado pela remodelação da cidade e pela reordenação das formas de se vivenciar o espaço.

Nessa época as lojas da cidade tinham ganhado outra animação, com a frequência de mulheres fazendo suas compras sozinhas. A vida social em São Paulo intensificou-se. [...]

O progresso aumentou dia a dia quando novos hábitos e costumes, trazidos por onda crescente de imigrantes, vieram influenciar a vida paulista, tornando São Paulo o modelo de cidade dinâmica e cosmopolita, em contínua expansão (HOLANDA, 1977, p. 144-145).

São Paulo evoluiu em sua estrutura enquanto cidade. No que se diz respeito à expansão e melhoramentos na cidade, além da criação dos bairros residenciais, ocorreu a criação de espaços dedicados aos entretenimentos, como os cafés e as praças, grandes lojas, monumentos públicos que homenageavam grandes nomes da política e da sociedade, entre tantas outras novidades. Em 1911, São Paulo ganhou seu esplendoroso Teatro Municipal, obra Ramos de Azevedo, local de fino entretenimento para a elite paulistana.

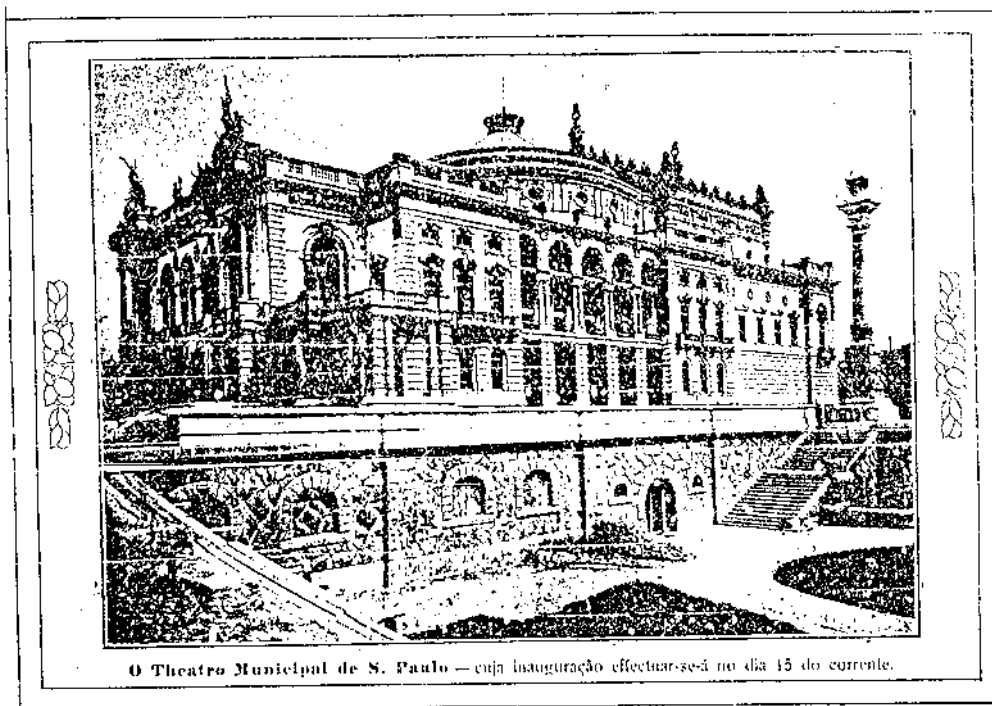


Ilustração 3 – O Teatro Municipal de São Paulo, n. 93, 1911.

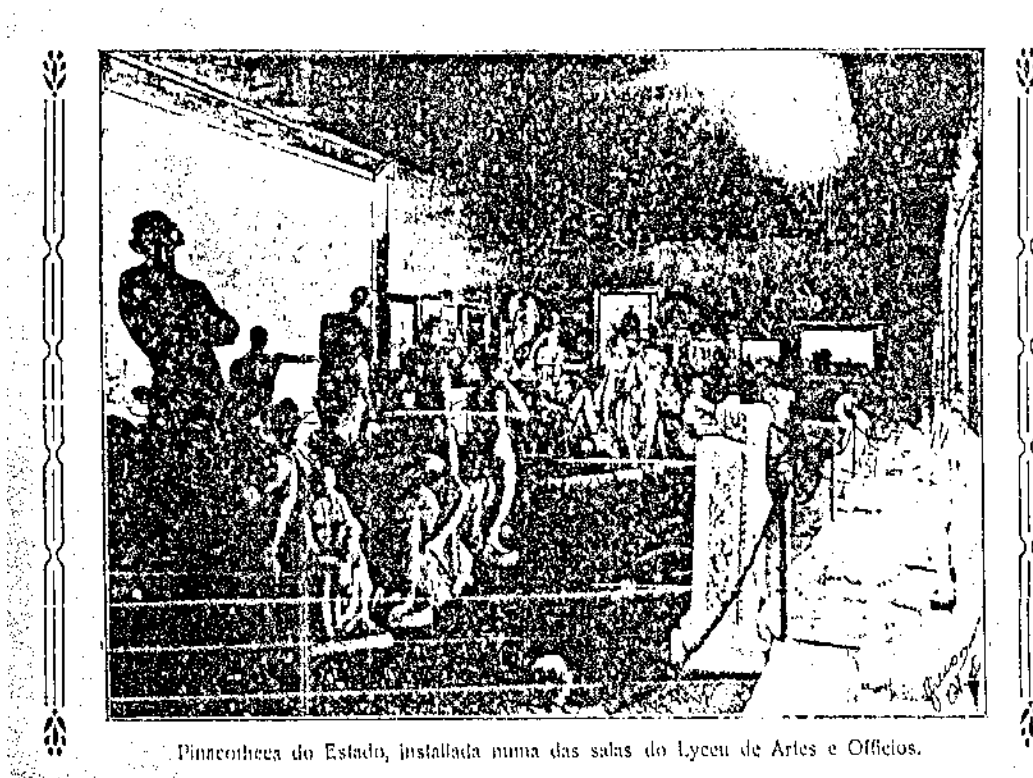
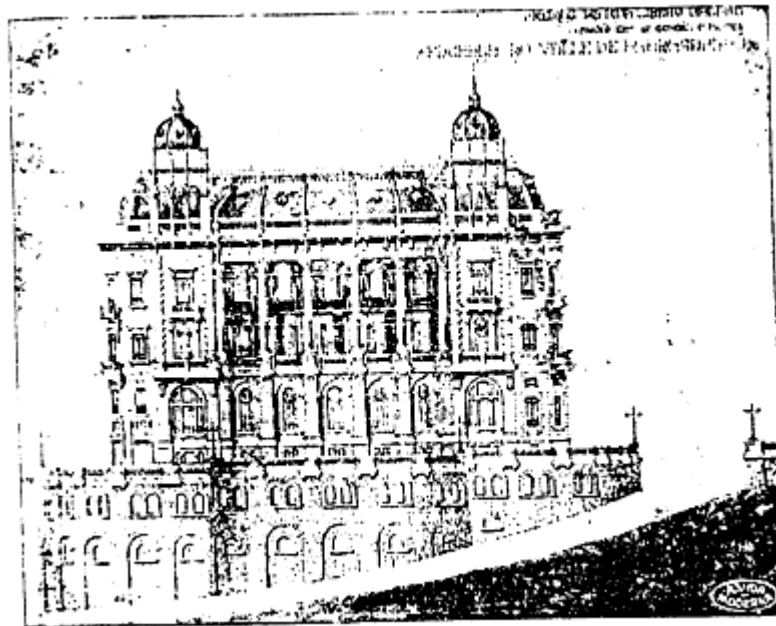


Ilustração 4: Pinacoteca de São Paulo, n. 86, 1911.

No desenrolar das “reformas” da cidade de São Paulo, percebemos, mais uma vez, que as classes mais abastadas eram privilegiadas, enquanto os operários continuavam no esquecimento. O projeto sanitário da cidade viabilizou o desenvolvimento econômico, mas causou muitos gastos ao governo estadual e não resolveu por completo o problema das classes menos favorecidas. Paralelamente, o Rio de Janeiro, capital da República, também passava por reformas, o que tornou a cidade arejada, ampla e moderna, segundo os anseios da época.

Os médicos higienistas de São Paulo acreditavam que a cidade estava desorganizada e em perigo, e que precisava, antes de tudo, de higiene. O medo das epidemias estava muito presente nesta época, e havia razões para tanto. Nos bairros operários, os chamado cortiços, muito comuns na época, o excesso de pessoas e as condições precárias de higiene eram fatores que propiciavam o aparecimento dessas epidemias. O bairro do Brás é um exemplo, pois nele se concentrava uma parcela da população menos favorecida economicamente.

A arquitetura mudou completamente o visual da cidade. As singelas construções de taipa foram substituídas por modernas construções, havendo também a conciliação de vários estilos arquitetônicos. *Mas a arquitetura ainda não tinha achado o seu novo caminho. Tateava no escuro. [...] Houve em São Paulo uma ou duas dúzias de construções em estilo “art nouveau”* (AMERICANO, 2004, p. 129).



Prédios da Rua Libero Baduró, propriedade do sr. Conde de Prates – fachada para o Valle do Anhangabaú.

Ilustração 5 : Prédios modernos de São Paulo, n. 101, 1912.

1.3 São Paulo e a modernidade

São Paulo também viu, nos primórdios do século XX, o aparecimento de grandes magazines com diversidade e quantidade de mercadorias. As últimas modas de Paris estavam em São Paulo. O consumo aumentou, pois as belas vitrines e as variedades de produtos deslumbravam o público consumidor. A revista retratava todo o *glamour* que vinha da França através da moda, da literatura, da arquitetura, dos costumes, etc. Reservava espaço significativo à literatura e à cultura francesa, refletindo o momento histórico em que os intelectuais voltavam-se aos franceses e contrapunham-se aos portugueses.

Na época, a tão sonhada e proclamada modernidade era, muitas vezes, sinônimo de “importado”, ou seja, tudo que vinha de fora do país era considerado moderno e inovador. Especificamente, nesse período, Paris era o centro das atenções. A moda, a arquitetura, a literatura, enfim, tudo que vinha da França era absorvido pelos paulistas.

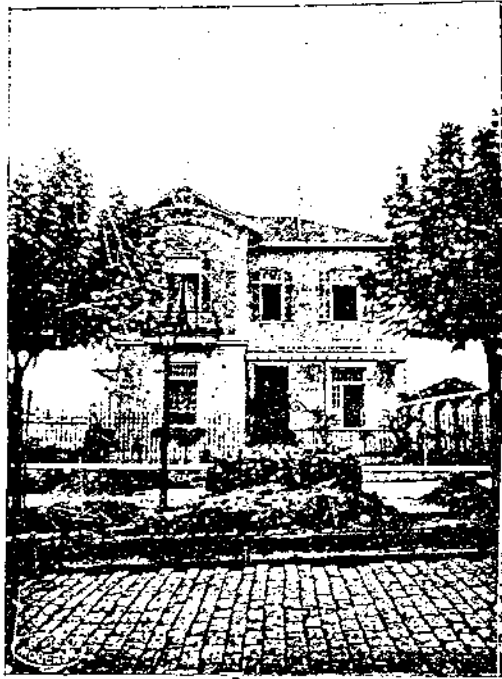
Entretanto, apesar de todas as transformações na cidade e dos melhoramentos realizados, os problemas apareciam a todo instante e eram denunciados pela imprensa do momento.

Podemos ver, a seguir, um trecho de uma crônica de *O Estado de São Paulo*, em 1922, em que o cronista, que assinava P., denuncia o Serviço de Limpeza Pública Municipal:

Se o atual prefeito ainda não teve ocasião de avaliar por si mesmo o descalabro desse departamento municipal, e o que isso representa para os nossos foros de capital opulenta – saia uma manhã destas a passeio e S. Exa. verá, com espanto e repugnância, os carroções de lixo escancarando as imundices e derramando-as pelo caminho, enquanto transeuntes defendem como podem as narinas das exalações nauseantes. É um espetáculo deprimente, sobretudo quando esses caminhões quase desconjuntados vão rodando por entre os palácios faustosos da Avenida ou de Higienópolis... (“Coisas da Cidade” - *O Estado de São Paulo* 21/10/1922, p. 05)

Apesar dos percalços, era inegável o crescimento e o melhoramento da cidade de São Paulo: ruas amplas, belos jardins, cafés e belas vitrines. As áreas de entretenimento passaram a ser referências, inclusive aos visitantes. O periódico *A Vida Moderna* (1907 – 1929), *corpus* do nosso estudo, manteve por um longo período uma coluna denominada “*O Progresso Arquitetônico de São Paulo*”, onde publicava fotografias de construções consideradas modernas por seus editores.

O progresso architectonico de S. Paulo



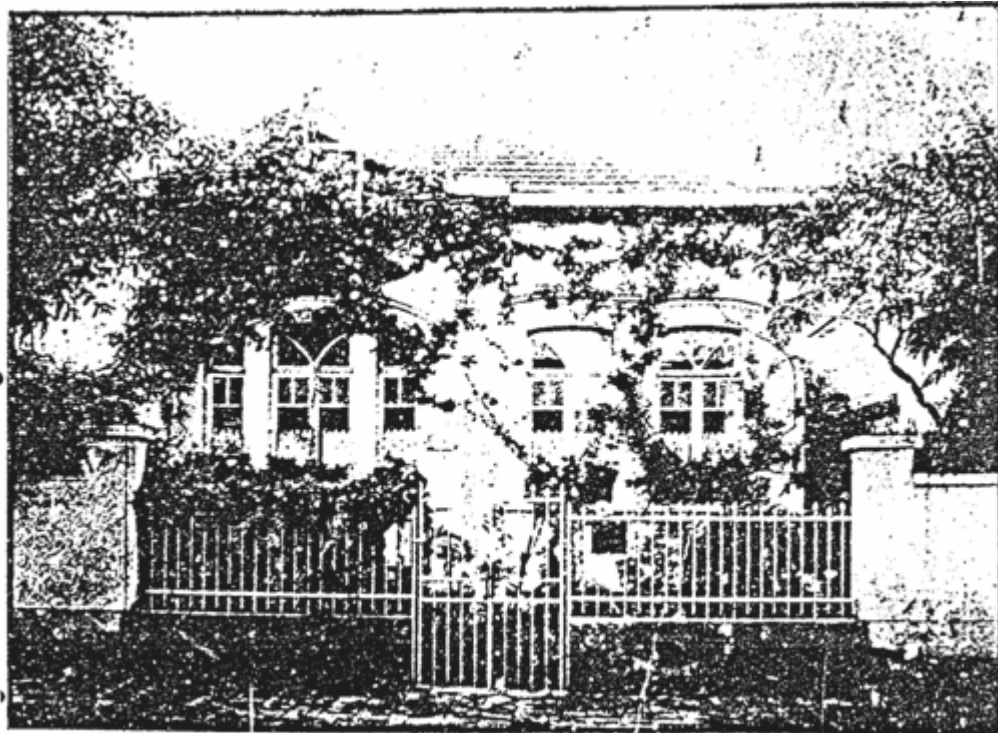
Palacete de residência e propriedade do sr. Renato Rudge Ramos, à Avenida Angelica, 87.

Ilustração 6: Palacete em São Paulo, n. 102, 1912.

As fotos procuravam mostrar imagens reais da cidade, fotos estas que sintetizavam uma São Paulo bela, moderna e progressista.

As grandes publicações eram belas vitrines para a cidade. *A Vida Moderna*, que vendia toda a modernidade de São Paulo, trazia também a modernidade refletida na arquitetura, além de muitos outros pontos que levantava sobre o assunto.

Essa modernidade mostrada através dos periódicos significava tudo que era novo para aquele momento contemporâneo.



Villa das Rosas — Propriedade do Dr. Affonso de Azevedo, sita á rua Conselheiro Nebias, 117.

Ilustração 7: Palacete em São Paulo, n. 98, 1912.

1.4 A população paulista e a imigração

A elite paulistana, constituída pelas famílias abastadas da cidade, se formou por meio da negação do passado retraído e provinciano. O surgimento de um novo estilo de vida, um estilo mais urbano, pode ser visualizado através do desenvolvimento do Triângulo Central, composto pelas ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento, concebido como um ambiente extremamente novo, com casas de moda, confeitarias, bomboniéres e bancos. O Triângulo, em termos simbólicos, concentrava, enfim, tudo o que havia de mais moderno na cidade, no comércio, na moda, na sociedade e nos melhoramentos urbanos. A elite passou a “ser vista”: os teatros e os clubes faziam com que homens e mulheres fossem identificados em meio à sociedade.

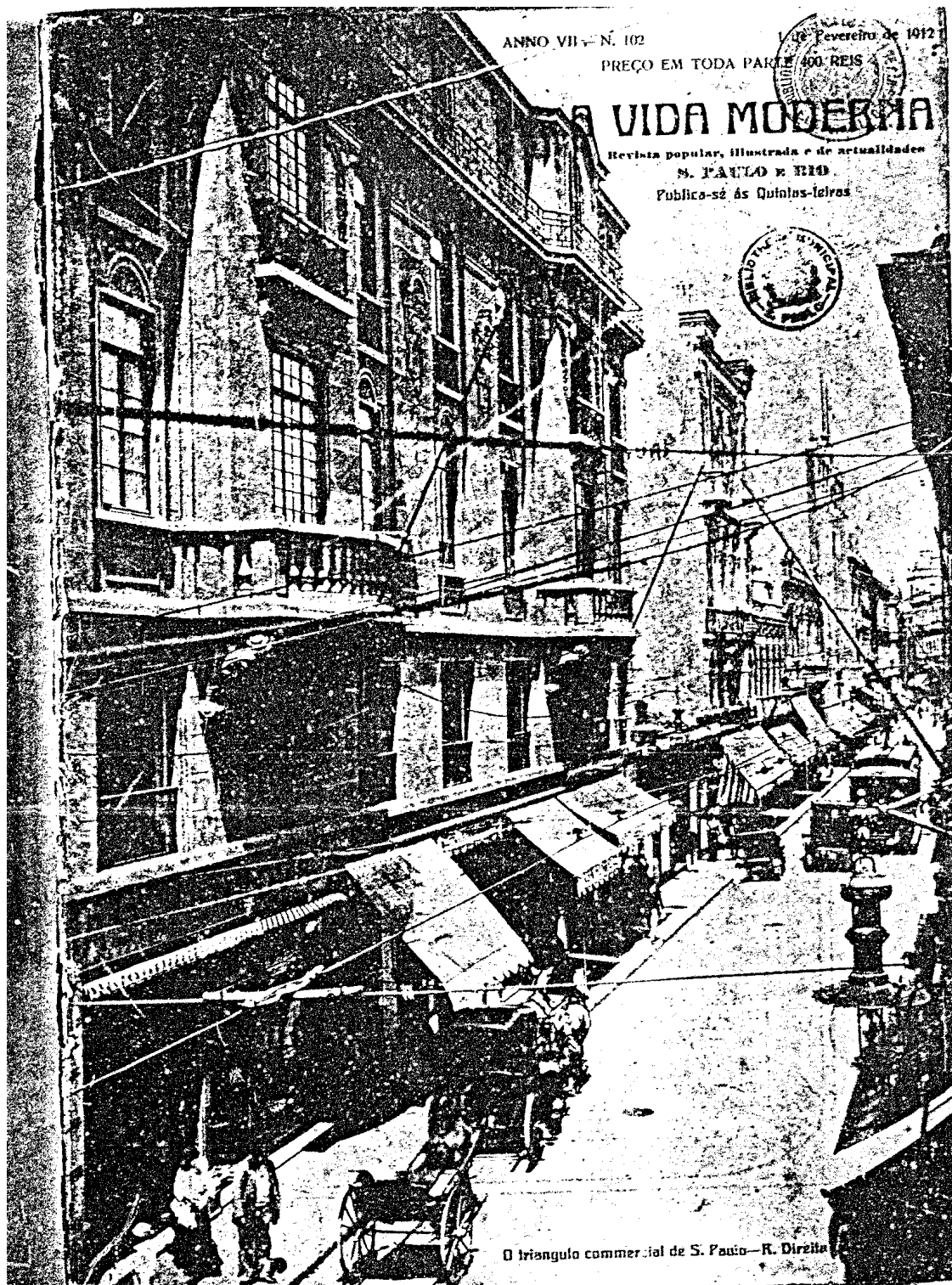


Ilustração 8: Triângulo Comercial de S. Paulo, n. 102, 1912.



Ilustração 9: Rua Direita

A população paulista aumentou de forma significativa no início de século XX, e isso se deve não apenas aos contingentes migratórios, mas, também, ao aumento de imigrantes no ambiente rural. Em menos de meio século, a população da capital de São Paulo multiplicou-se por vinte.

[...] em 1872, antes que se formassem as companhias de imigração, não passava de 23.000 habitantes. Por volta de 1920, quase dois terços de seus 580.000 habitantes eram forasteiros ou descendentes de forasteiros [...] (DEAN, 1971, p. 58).

Podemos observar no quadro abaixo, seguido do gráfico, as proporções, por nacionalidade, da imigração no Brasil neste período.

Tabela 2: Imigração no Brasil por nacionalidade.

Nacionalidade	Efetivos decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226 (grifo nosso)

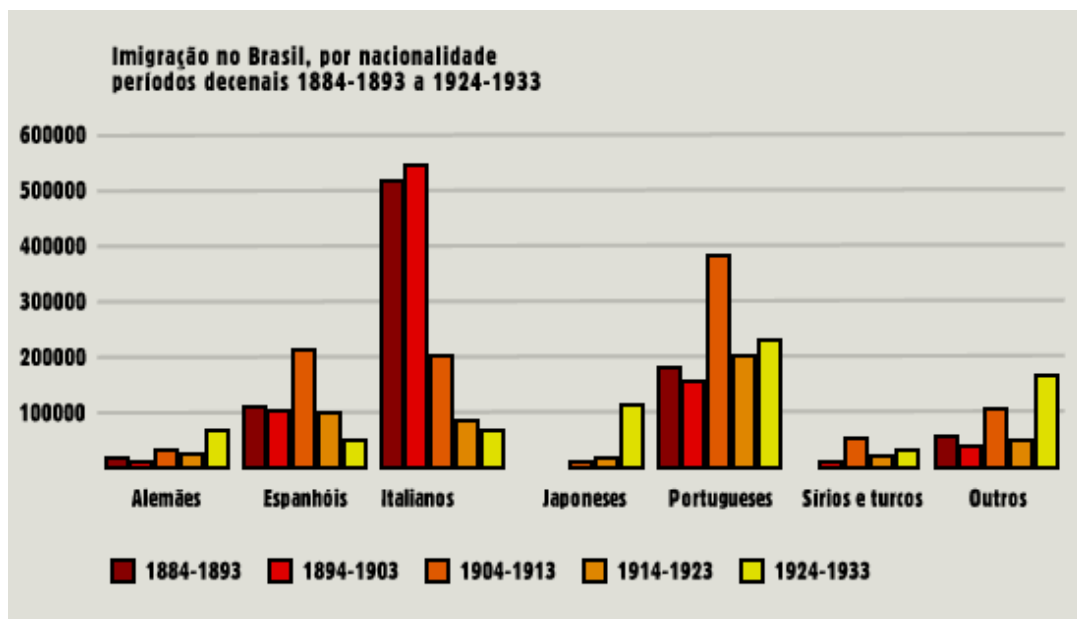


Gráfico 1: Imigração no Brasil por nacionalidade

Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226

Notamos que, no período de 1904-1913 e 1914-1923, período de nosso estudo, tanto a tabela quanto o gráfico mostram que, nacionalmente, a imigração diminuiu em relação ao século XIX. Além de ter diminuído, no geral, percebemos que a imigração italiana caiu drasticamente, praticamente se igualando à imigração espanhola, enquanto que a portuguesa aumentou consideravelmente, principalmente de 1904-1913, todavia, ficando, nos dois períodos citados, como a maior do país.

São Paulo concentrava cerca de 52% dos estrangeiros do país. Isso se deveu às facilidades que o Estado proporcionava com o intuito de trazer trabalhadores para a cidade para ocupar lugares nas fábricas e no comércio, e para o campo, principalmente para a lavoura de café. São Paulo propiciava a imigração para a cidade contribuindo com passagem e alojamento aos estrangeiros que chegavam esperançosos de oportunidades de emprego que a capital oferecia.

Em termos de porcentagem, a Itália proporcionou a maior imigração do período – em 1920, 71% dos italianos no Brasil residiam no Estado de São Paulo – e teve grande atuação na economia cafeeira. Os trabalhadores italianos se dividiam entre as fazendas de café e as indústrias paulistas que cresciam a todo vapor. Em segundo lugar,

temos Portugal, que apresentou um número expressivo de imigrantes, todavia com participação inexpressiva na economia do café, o que talvez justifique a pouca atenção dada por muitos historiadores à imigração portuguesa, na cidade de São Paulo, apesar de ser a segunda maior do período (FAUSTO, 2006, p. 156).



Ilustração 10: Operários do Contíficio Rodolfo Crespi



Ilustração de uma indústria na cidade de São Paulo no início do século XX.

11 - Interior

No período de 1901 a 1930, o fluxo de imigrantes em São Paulo tornou-se mais equilibrado, mantendo-se os italianos (26%) em primeiro lugar e os portugueses (23%) em segundo, seguidos pelos espanhóis (22%) (FAUSTO, 2006, p. 157).

Os imigrantes portugueses, ao contrário dos italianos, se concentravam principalmente nas cidades, oportunamente na cidade do Rio de Janeiro, onde competiam diretamente no mercado de trabalho, correspondendo a 15% da população, cerca de 172.000 mil. Em São Paulo, por volta de 1920, os portugueses representavam 11% da população, chegando ao número de 65.000 mil. Na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, concentravam-se 51% da população portuguesa no país. Se considerarmos a população rural, esse índice chegaria a 85%. Apesar desta concentração nas cidades, não significa que eles não tenham participado da agricultura em geral ou da cultura do café; todavia, ficaram mais conhecidos por seu papel no comércio e na indústria, sobretudo no Rio de Janeiro (FAUSTO, 2006, p. 157 -158).

Os portugueses, de modo geral, desejavam enriquecer no Brasil para depois voltar a Portugal. Os imigrantes mais pobres vinham para o Brasil à procura de emprego, misturando-se aos outros imigrantes e aos brasileiros (RIBEIRO, 1989, p. 17). Uma parcela dos imigrantes portugueses eram artesãos, trabalhadores do comércio, do transporte público, profissionais liberais, e, uma minoria, eram proprietários rurais e capitalistas, comerciantes e industriais. Devido a alguns problemas políticos em Portugal como a queda da monarquia e a crise da instauração da República (1910), alguns portugueses de boa situação financeira imigraram para o Brasil. Eles investiram na compra de casas (para alugar), bares e restaurantes.

Portugal, desde o século XIX, enfrentava problemas internos e externos. Aos olhos das nações européias que discutiam quem poderia ser considerada nação, tinha dificuldade em alçar-se enquanto tal, pois, segundo Hobsbawm, era ridículo que a Bélgica e Portugal fossem nações independentes porque eram manifestadamente demasiado pequenas, além de que, na Primeira República, Portugal se debatia em torno de sua afirmação enquanto nação forte e imperialista, vivenciava embates entre monarquistas e republicanos e tinha seus interesses colonialistas ameaçados (HOBBSAWM, 1998, p. 31).

Nas primeiras décadas do século XX, a convivência entre portugueses e brasileiros continuava ambígua. Se por um lado tínhamos a cultura portuguesa estampada em nossa gente (como, por exemplo, na culinária – sopas, peixes e vinhos – e na integração

com a população bem-posta – como no caso do escritor João do Rio¹ que dizia ser privilegiado em restaurantes por ser ídolo do povo português, que geralmente era dono deste tipo de estabelecimento. Por outro lado, existia uma grande tensão entre os brasileiros menos abastados e os intelectuais, em relação aos portugueses, pois estes os viam como concorrentes, praticamente como inimigos.

Os brasileiros menos abastados associavam os portugueses ao monopólio do comércio varejista. Eles eram responsabilizados por cobrar aluguéis extorsivos e juros exorbitantes sobre dinheiro emprestado. Além disso, eram acusados de roubar nos pesos e nas medidas em seus comércios. Podemos dizer que eles eram caracterizados como intermediários da vida difícil das camadas populares brasileiras.

Devido ao fato de os portugueses serem vistos como obstáculos para a ascensão dos brasileiros, criou-se uma rivalidade e desenvolveu-se uma hostilidade entre as imprensas brasileira e portuguesa, o que ocasionou acusações declaradas entre ambas as partes.

A grande campanha antilusitana iniciada no século XIX e que continuou no século XX foi gerada não somente pelo ranço contra os ex-colonizadores, mas também pelo controle luso no comércio e na imprensa, principalmente no Rio de Janeiro, onde os imigrantes portugueses se concentravam em maior número.

Em São Paulo, quase sem a participação portuguesa, estruturou-se uma economia dinâmica que veio ultrapassar a carioca, acredita-se que por volta de 1920 a 1938. A partir de 1920, apesar do aumento da imigração portuguesa em São Paulo, a presença lusitana se concentrava em atividades dadas como secundárias. Portanto, assim como na economia, na literatura modernista o português deixou de ser uma referência significativa. Talvez por isso tenhamos encontrado um número baixo de textos relacionados à cultura e à literatura portuguesa em *A Vida Moderna*. O periódico trazia justamente a visão de São Paulo emergente e moderno, e trazia a presença portuguesa em algumas ocasiões.

¹ Primeiro homem de imprensa a se interessar pela crônica social, estreou no jornal *Cidade do Rio* (1899), fundou, em 1915, a revista *Atlântica* e em 1920, *A Pátria*. Em 1917, fundou também a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, tendo sido seu primeiro presidente. Foi membro da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras.

Na maior parte das vezes, e no que se refere à economia, os imigrantes foram extremamente importantes para São Paulo, sem esquecer, ainda, a sua influência nas mudanças relativas à sociedade, costumes e tradições. *“O italiano, o alemão, o eslavo e o saxão trouxeram a máquina para a nossa economia. A vida tornou-se mais ativa, mais vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, enfim”* (CARVALHO, 1925, p. 368).

Não se pode negar que os imigrantes, em geral, trouxeram conhecimento, cultura e mão-de-obra para uma cidade em pleno desenvolvimento. Todavia, vale ressaltar que a vinda de muitas famílias brasileiras ricas de suas fazendas para a cidade também foi muito significativa. Estas famílias se alternavam entre suas terras e a cidade. Eram famílias de fazendeiros abastados que vinham à cidade à procura de lazer e posição social.

A maioria das famílias abastadas de São Paulo possuía fazenda no interior. Na lavoura, principalmente na de café, tinham adquirido suas fortunas. Era, portanto, hábito quase geral, irem os paulistanos passar alguns meses em suas terras [...] aproveitando a oportunidade para acompanhar a gerência dos administradores (BARROS, 1945, p. 55).

À medida que estas famílias se incorporaram à cidade de São Paulo, trouxeram com elas benefícios não só à sociedade, mas também à estrutura da cidade. Os melhoramentos na cidade foram evidentes: construções, saneamento básico, crescimento do comércio, etc. A respeito disto, Emília Costa diz que:

Aumentou o interesse pelas diversões públicas, à construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio urbano ganhou novas dimensões [...] (COSTA, 1987, p. 215).

Nesse contexto repleto de mudanças profundas na estrutura e nos costumes, São Paulo teve como prefeito, entre 1889 e 1910, Antonio da Silva Prado, e de 1911 a 1914, o Barão Raimundo Duprat. Esses dois homens encontraram a cidade em plena explosão urbana e cultural, o que os levou à alguns procedimentos urbanísticos.

São Paulo ganhou bairros novos: as áreas de estrutura mais adequada foram destinadas à elite. Belos exemplos são a Avenida Paulista e a região central, Higienópolis, Santa Ifigênia, entre outros. Surgiram também, nesta época, os bairros operários sem infra-estrutura e sem planejamento, o que desencadeou ruas desarticuladas e distribuídas de maneira desorganizada (PRADO JUNIOR, 1983, p. 74-75).



Ilustração 12: Av. Paulista, Vista da Esquina da Praça Oswaldo Cruz em Direção à Consolação

O crescimento populacional fez com que, nesse momento, as residências das camadas ricas saíssem do centro, já que o mesmo não as comportava mais, e, então, surgiram os bairros residenciais. Vale lembrar que os bairros operários foram para os piores terrenos da cidade, enquanto a elite paulistana ficou com os melhores espaços.

A elite foi muito importante para o desenvolvimento de São Paulo nesta época, portanto, vale a pena nos deter um pouco mais nessa questão. Ela era formada pelos cafeicultores do interior e por imigrantes afortunados que vieram fixar suas moradas na

cidade e que tiveram uma presença marcante em vários setores da vida urbana: no comércio, na indústria e na construção civil.

No caso dos imigrantes, podemos destacar o sucesso de Francisco Matarazzo, que começou seus negócios em 1900 e conseguiu expandi-los assustadoramente, tornando-se um dos maiores empresários do país. Ele chegou ao Porto de Santos em 1881 e fixou residência na cidade em 1890. Fundou sua primeira indústria de banha embalada em latas pequenas e, com seus irmãos, começou, em 1900, a operar no mercado da Rua 25 de março. Nesse mesmo ano, fundou a Fábrica de Moinho, com máquinas de uma empresa de Liverpool, para fabricar farinha. A partir daí, seus negócios cresceram aceleradamente, o que possibilitou a abertura de mais dois moinhos e uma fábrica de sacarina para o mesmo empreendimento.

Além de Matarazzo, empresários como Rodolfo Crespi, Alessandro Siciliano, Nicolau Scarpa, entre outros, se tornaram referência como imigrantes bem-sucedidos no Brasil nesse período. Embora alguns imigrantes tenham conseguido sucesso, os fazendeiros do café não os aceitavam como “elite”.

Os preconceitos sofridos pelos imigrantes em geral e também por aqueles que conseguiram prosperar parecem ser constantes nesse período. Esses preconceitos podem ser explicados, pois os imigrantes encontraram uma burguesia em transformação, passando do sistema patriarcal e escravocrata para o mercado de mão-de-obra livre, sob o domínio do liberalismo.

Um meio que os “novos ricos” encontravam para se entremear à elite era buscando títulos de nobreza fora do país ou então se casando ou casando os filhos com famílias tradicionais, pois a união entre famílias abastadas nesse período era muito comum.

Uma das mais importantes uniões da época deu-se entre as famílias Álvares Penteado e Prado. Em relação à família Prado, pode-se ter uma idéia das posses e do prestígio de que esta gozava pela citação que segue.

Antonio da Silva Prado, fazendeiro, empresário e industrial, ficou famoso na história de São Paulo por sua capacidade administrativa e por seu pioneirismo em investimentos urbanos. Foi fundador da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, em 1878, e presidente, por longa data (1892-1927), da Caixa Econômica Imperial (1876) e do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo que funcionou de 1899 a 1920 (HOMEM, 1996, p.47).

1.5 Literatura e cultura

Neste contexto, a literatura aparece como literatura de permanência, pois ela conserva e elabora traços desenvolvidos depois do Romantismo sem dar origem a novos desenvolvimentos. Houve um movimento em contraposição a ele, que buscava o equilíbrio, o que passou a impressão de estagnação.

O produto típico desta fase foi o romance ameno, feito com “alma de cronista social”, que servia para distrair o público leitor. Os textos eram leves, não atacavam ninguém, somente traziam diversão e entretenimento. Podemos dizer que o regionalismo foi o ponto principal para uma consciência local, mostrando, assim, uma realidade mais tipicamente brasileira.

Não se trata de reduzir a literatura a um mero trabalho de investigação sobre a sociedade, mas sim de aproveitar o conhecimento da realidade humana, no tempo e no espaço, para apreender o fenômeno literário estudando o sentido de um contexto cultural. Averiguando o tempo, vê-se que para validar o instinto de nacionalidade em literatura, para que esta se torne independente, é preciso adquirir certa cor local, buscar a fonte inspiradora dos costumes locais e mostrar a essência brasileira. Porém, o que não se pode esquecer é que isso são elementos, já que a essência da nacionalidade literária é o que Afrânio Coutinho chama de "sentimento íntimo".

Podemos dizer que a literatura brasileira foi transplantada da literatura portuguesa. Nessa fase de construção, é mais do que pertinente a união das culturas, assim como ao processo de autodefinição é compreensível, na tentativa de traçar um perfil da nova pátria, negar a herança do colonizador. São Paulo também reproduziu esta tendência

através de vários aspectos (por exemplo, como vimos anteriormente, em relação à questão da imigração portuguesa e da lusofobia na sociedade) e, dentre esses aspectos, aparece, também, o literário.

Portanto, o denominado pré-modernismo trazia consigo todo o “movimento” de ruptura de velhos conceitos e o acolhimento de novos, ou seja, o início do Modernismo brasileiro. Apesar de não acreditarmos em um “início e fim” de qualquer período literário, precisamos de um referencial para nos orientar. Sendo assim, o marco do início do Modernismo foi a Semana de Arte Moderna, ou Semana de 22, realizada na cidade de São Paulo.

Sabemos que o Brasil é um país muito extenso, e, por isso, a literatura se desenvolve de modos diferentes em nossos diferentes Estados. Novamente São Paulo, além de economicamente, se encontra no foco dos acontecimentos, tornando-se, agora, palco do grande marco do Modernismo brasileiro.

Partindo da premissa de que uma obra literária nada mais é do que o reflexo de seu tempo e de sua história, só existe literatura em São Paulo depois da Independência e depois da Faculdade de Direito.

Entre 1890 e 1910, temos uma nova São Paulo, como descreve Candido, de maneira adequada ao período.

A cidade é outra [...] É um importante centro ferroviário, comercial, político onde a indústria se esboça. A população mudou radicalmente. Não há mais escravos, os caipiras vão sumindo, chegaram magotes de italianos, espanhóis, portugueses, alemães [...] A Faculdade de Direito é importante, mas já surgiram ou vão surgir outros institutos de ensino superior, e o novo perfil da estrutura social e demográfica não favorece mais a sua posição excepcional [...] A literatura já não depende mais dos estudantes para sobreviver, nem eles precisam mais da literatura como expressão sua pra equilibrar-se na sociedade (CANDIDO, 1975, p. 157).

O que podemos perceber claramente nesse trecho é que, nesse período, São Paulo era uma cidade que se transformava em todos os aspectos, o que inclui o social e o cultural. A literatura, a partir desse momento, passou a ser absorvida também pela

sociedade, deixando, assim, de fazer parte apenas de um grupo restrito de intelectuais e passando a fazer parte de uma classe social: a burguesia.

Criou-se, neste início de século paulista, um certo aristocratismo intelectual, pois embora as expressões fossem claras, eram bem elaboradas em conformidade com o bom senso e a realidade, etc. Esse aristocratismo agradava tanto aos burgueses que lhes proporcionava uma atmosfera confortável. Daí a obviedade das concepções literárias se enraizarem em São Paulo.

Outra questão a ressaltar é o fato de que nada é mais viável do que o beneplácito entre os poderes e a literatura. A literatura estava diretamente ligada à política e, além de ser percebida como degrau de ascensão social, estava presente nas solenidades públicas, nas Academias literárias, nos Salões, etc.

1.5.1 O Pré-Modernismo

O termo Pré-Modernismo foi utilizado, pela primeira vez, em 1932, por Tristão de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima. No seu *Quadro sintético da literatura brasileira* (LIMA, 1958, p. 58), ele preferiu, no entanto, a denominação de "Período Eclético", situando-o entre os anos de 1900 a 1920. Na verdade, Alceu Amoroso Lima denomina o período também de "*nacionalista*", porque entende que nele "*se manifestou nas letras um movimento de acentuado nativismo*" (LIMA, 1958, p. 58). Contudo, a eleição do adjetivo "eclético" para título do subcapítulo demonstra que, para o próprio criador do termo, a expressão Pré-Modernismo não revela satisfatoriamente a natureza estético-ideológica do período.

A alusão aos que "em 1920, iriam desencadear o Modernismo", não nega que ainda se tratava de "simbolistas, realistas e parnasianos". Em outras palavras, autores que viriam a se tornar modernistas, mas que ainda não o eram.

Alfredo Bosi, por sua vez, em *O Pré-Modernismo*, começa por admitir que o termo pode ser entendido em dois sentidos "nem sempre coincidentes": *1º) dando ao*

prefixo "pré" uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista.

Baseado no primeiro critério que Bosi inclui no trabalho intitulado *O Pré-Modernismo*, neste trabalho específico, muitos remanescentes da cultura realista-parnasiana como Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Rui Barbosa e Coelho Neto – ainda que no entender do estudioso e julgados pelo segundo critério – chegam mesmo a ser "verdadeiros anti-modernistas" (BOSI, s/d, p. 11). Já na sua *História concisa da literatura brasileira*, Bosi inclina-se para o segundo critério, pois entende que "se pode chamar de pré-modernista tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural". Daí que pré-modernistas passam a ser apenas Lima Barreto e Graça Aranha, no romance; Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, no ensaísmo social; e Monteiro Lobato, por sua "vivência brasileira". E no verbete que escreveu para o *Pequeno dicionário da literatura brasileira* (PAES & MOISÈS, 1987, p. 335), Bosi caracteriza o período como "por excelência sincrético", de modo que nele são arrolados "poetas neoparnasianos", "epígonos simbolistas", "vozes originais não filiadas sistematicamente a nenhum dos movimentos anteriores" (Raul de Leoni e Augusto dos Anjos), "romancistas que prolongam as constantes tradicionais" (Coelho Neto e Afrânio Peixoto), "narradores regionalistas", de fato pré-modernistas, "pelo acentuado pendor nacionalista" (Simões Lopes Neto, Alcides Maia e outros), Lima Barreto e Graça Aranha, e, ainda, nomes situados "entre as ciências e as letras" (de Euclides da Cunha a Carlos de Laet). Enfim, os nomes mais representativos dos primeiros vinte anos deste século, o que retira do termo Pré-Modernismo outra precisão classificatória que não a estritamente cronológica.

Esse "ecletismo" que caracterizou as duas primeiras décadas do século XX na literatura brasileira abarca também elementos de futuro. Wilson Martins data o Modernismo, já de 1916, arrolando "uma série de fatos, literários e extra-literários [que] conferem ou podem conferir convencionalmente ao ano de 1916 a condição de plataforma giratória" (MARTINS, 1973, p. 14), de modo a legitimar a afirmação de que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi, "mais do que um ponto de partida", na verdade, "o coroamento de um processo intelectual" (MARTINS, 1973, p. 16), pois naquele momento o Modernismo já estaria maduro, "se não no grande público, pelo menos entre os intelectuais" (MARTINS, 1973, p.17).

A adoção de uma data não *oficial*, e anterior a ela, tem, neste caso, clara intenção polêmica. É evidente que a Semana só poderia acontecer se mínimas condições a viabilizassem. Todos os historiadores da literatura brasileira buscam nas duas décadas anteriores (ou até um pouco antes) os "antecedentes" do Modernismo (termo, aliás, empregado por Mário da Silva Brito). Entre outros, a publicação, em 1917, de *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira, e de *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia, as exposições de Lasar Segall (1913) e de Anita Malfatti (1914), os artigos de Oswald de Andrade, publicados entre 1912 e 1915, sobre o futurismo, são alguns dos acontecimentos que preludiam a Semana e o Modernismo. Nenhum outro evento repercutiu de modo tão forte em toda a história da literatura brasileira quanto a Semana de Arte Moderna de 1922. Mesmo que consideremos o caráter fechado dessa repercussão, isto é, sua abrangência restrita, no momento, ao eixo São Paulo-Rio, e mesmo a circunstância de os fatos culturais, àquela época, não alcançarem o grosso da população brasileira pela precariedade dos meios de comunicação, importa notar que hoje, após tanto tempo decorrido, não resta qualquer dúvida sobre o caráter *fundador* da Semana.

Constituindo-se, portanto, em inquestionável marco divisório – pois é o caso de se perguntar se, não acontecendo a Semana, o Modernismo cumpriria o mesmo ciclo, já que o “escândalo” foi componente indissociável da primeira geração modernista – a consideração da Semana impõe um olhar retrospectivo. E, neste caso, os "antecedentes" que apontam para o que vem depois, por imperativo semântico, se confundem com o próprio Pré-Modernismo, tomado o termo com o valor de antecipação estética. Por fim, mas não por motivos irrelevantes, o Pré-Modernismo abriga, ainda, algumas individualidades marcantes, como já notamos. Talvez nada defina melhor a caracterização estética do período do que o simples confronto de alguns desses nomes.

Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Coelho Neto podem ser aproximados entre si num ponto e noutro, como, por exemplo, o culto da forma literária em Euclides e em Coelho Neto, ou a impregnação científicista em Augusto dos Anjos e em Euclides, ou a preocupação social em Lima Barreto e Graça Aranha. Mas, em muitos outros aspectos, estão eles extremadamente separados. Supor que a historiografia literária deva incorporar as "vozes da cultura" (cf. Alfredo Bosi em seu *O Pré-Modernismo*) não estritamente literárias é, na verdade, avaliar o elástico critério de Sílvio Romero, para quem *literatura* compreendia "todas as manifestações de um povo: -

política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *belas-letras*” (ROMERO, 1960, p.58).

O Pré-Modernismo coloca, portanto, inúmeras dificuldades à sua caracterização: o choque de tendências estéticas divergentes, herdadas do passado recente (Parnasianismo e Simbolismo, na poesia; Realismo-Naturalismo – e até Romantismo –, na prosa de ficção); de antecipações modernistas não de todo desligadas daquele passado recente; de vozes independentes, as individualidades marcantes a que já nos referimos; tudo impõe certa cautela classificatória.

A “Semana de Arte Moderna” de 1922 foi o fato concreto que definitivamente integrava o Brasil no contexto filosófico-estético-cultural do século XX e o levava a se inserir nas coordenadas culturais, políticas e socioeconômicas dos novos tempos – o mundo da técnica, o mundo mecânico e mecanizado. A partir dela, caminha o movimento modernista em busca de padrões autônomos e formas autênticas para a criação da estética nacional – e não somente no âmbito artístico: da mesma forma, no campo do pensamento social, os intelectuais procuravam estabelecer novos modos de se tratar e compreender a cultura e a história do Brasil, estabelecendo novas interpretações e valores para a identidade nacional e dando início à consolidação institucional do pensamento sociológico brasileiro. Gerou, sobretudo, um estado permanente, latente, criativo, estimulante, instigante, de inquietação intelectual, e iniciou um processo de unificação cultural sem precedentes no Brasil.



Ilustração 13: Cartaz da Semana de Arte Moderna.

Conclusivamente, podemos dizer que esse período teve a função social de incorporar a literatura à comunidade paulistana por meio de alguns padrões da sua classe dominante, a burguesia.

O Modernismo, então datado em 1922 devido à Semana de Arte Moderna, desenvolveu-se e suas manifestações mais características se deram na cidade de São Paulo. A literatura se renovou e passou a ser não mais justaposta à comunidade, mas sim formada a partir dela, tendo São Paulo como palco.

Essa busca pela autonomia intelectual e pela nacionalidade brasileira através da literatura refletia o momento da cidade que buscava a modernidade e o progresso. Tudo nesse período na cidade remetia ao moderno, à cidade, às pessoas, à moda, à arquitetura, à arte e à literatura. A revista *A Vida Moderna* divulgava essa modernidade da cidade mostrando São Paulo emergindo enquanto centro econômico que se firmara neste período, mas também procurando emergir, em relação ao Rio de Janeiro,

enquanto pólo cultural, divulgando muitas exposições, espetáculos teatrais e mostrando o valor de nossos escritores, pois, neste período, o Rio de Janeiro, capital do país, possuía um “status” de pólo cultural que São Paulo ainda buscava.

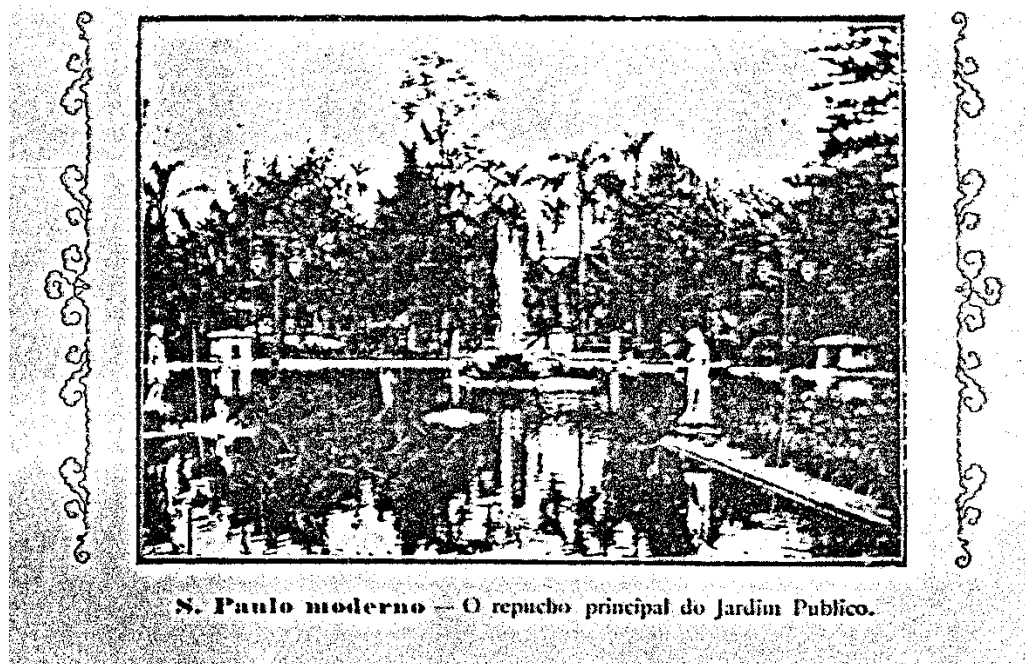


Ilustração 14: Jardim Público de São Paulo, n. 83, 1911.

Entendemos que a modernidade vivida por São Paulo nesta época nos remete a uma dinâmica de transformação do tempo, ou seja, não denomina um período histórico específico ou uma tendência cultural, política ou literária de um passado com características marcadas, e, sim, uma abertura ao futuro pelas possibilidades que proporciona.

Nesse sentido, ao se definir como novidade, a modernidade adquire suas características de fugacidade, instabilidade, transitoriedade e velocidade, características que exprimem uma dinâmica interna essencial à compreensão do conceito: por um lado, indicam o sentido de uma dialética onde o novo está destinado a transformar-se em seu contrário, condenando o moderno a designar um espaço de atualidade cada vez mais restrito; por outro lado, remetem a concepção de modernidade a uma relação particular e específica com o universo da tradição e com a dimensão da origem em decorrência de seu

esforço permanente e sucessivo de confronto contra o curso inexorável naturalizado do tempo. Este é um rico campo de problemática da história social da cultura.

Assim, por exemplo, o conceito de modernidade estaria também ligado ao de progresso e de suas manifestações na área industrial, técnica e científica que, desde o século XVIII, orientam processos de transformações sociais, políticas e culturais como os de urbanização, racionalização, secularização, democratização, entre outros, que atravessam nossas linhas de pesquisa em suas definições temáticas e teóricas essenciais.

Mantida a mesma perspectiva, as sociedades modernas podem ainda ser definidas como sociedades de mudança constante, abrangente, rápida e permanente, nas quais as práticas sociais deixam de ser recorrentes e passam a ser constantemente examinadas e reformadas por um sistema de múltiplas variáveis independentes que altera constitutivamente seu caráter. Essa definição aponta, de imediato, para uma identificação da idéia de modernidade com as características político-históricas e com o processo de formação, desenvolvimento e consolidação da sociedade capitalista-industrial tão facilmente vislumbrado no campo do trabalho e das técnicas baseadas na criação de uma organização racional do trabalho, no espírito do cálculo racional, na racionalidade científica e instrumental, na legitimidade burocrática e na extinção das barreiras entre economia interior e exterior e entre moral interna e externa.

Sendo assim, consideramos a modernidade de São Paulo, vendida pela revista *A Vida Moderna*, como expectativas futuras, novidades, associadas ao crescimento desenfreado da cidade em várias áreas – cultural, econômica e literária.

Capítulo 2

A imprensa paulista e *A Vida Moderna*

Ergue-te, pois, soldado do Futuro (...)

Antero de Quental

Contextualizaremos *A Vida Moderna* no início do século XX e, conseqüentemente, a definiremos como um sucesso editorial devido à sua publicidade e à sua qualidade gráfica. Neste capítulo, fizemos um panorama da imprensa paulista, da respectiva evolução e modificações ocorridas no início do referido século.

Procuraremos também, nesse capítulo, explicitar o conceito de revista e também de revista de variedades. Para isso, mostraremos as principais características dos

jornais e revistas destacando suas principais semelhanças e diferenças. Sendo assim, elegemos duas das principais revistas da época apoiados no critério de venda, e, baseados em algumas semelhanças com nosso *corpus*, teceremos um breve paralelo entre elas, apontando os motivos do sucesso comercial das três revistas com vistas à contextualização de *A Vida Moderna* no meio editorial.

2.1 A imprensa paulista no início do século XX: breve panorama

A mudança de regime político da Monarquia para a República, em 1889, não afetou substancialmente o desenvolvimento da imprensa no Brasil. Os jornais republicanos continuaram circulando com a mesma intensidade, enquanto os monarquistas continuaram se opondo a eles. Para Werneck Sodré (1999, p. 251), nesse período, alguns grandes jornalistas como Salvador de Mendonça, Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva – este último considerado figura de destaque da imprensa republicana – passaram a ser requisitados para ocupar funções importantes.

Já no final do século XIX, a imprensa no país passou a ser vista como um empreendimento comercial e passou a agir como tal, investindo em tecnologia e na qualidade gráfica de seus periódicos, abrindo espaço para as propagandas a fim de levantar capital e investir ainda mais nos periódicos, tudo isso com o intuito de vender tiragens cada vez maiores e competir entre si, como era o caso de *A Vida Moderna* e *A Cigarra*. O resultado de algumas inovações da imprensa no início do século tornou os jornais mais ágeis, exigindo, em relação às colunas dedicadas à literatura, além da publicação dos folhetins, também crônicas relacionadas ao cotidiano.

Em finais do século XIX, os dois maiores jornais do Rio de Janeiro, cidade-pólo cultural, eram o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*. Neste período, estava se tornando evidente a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares que a sociedade burguesa exigia: tecnologia e qualidade gráfica (SODRÈ, 1999, p. 253).

Na virada do século, estas mudanças ficavam mais visíveis: os pequenos jornais começavam a sumir e permaneciam somente aqueles que possuíam equipamentos necessários para a confecção e impressão. Os jornais de grande circulação e ligados a grupos consolidados, como *O Estado de São Paulo*, possuíam, além de prédios próprios, todas as máquinas elétricas necessárias para a confecção e impressão dos jornais, enquanto os jornais pequenos eram confeccionados artesanalmente, o que não lhes permitia grandes tiragens e, conseqüentemente, não proporcionava lucros para gerar investimentos. O espaço que os grandes periódicos em geral destinavam aos anúncios era de grandes proporções; os empresários e profissionais liberais viam nesses periódicos uma oportunidade de divulgar seus trabalhos e produtos, já que com grandes tiragens os periódicos alcançavam grande público, ao contrário dos periódicos pequenos, que, devido à falta de maquinário, publicavam poucos exemplares, não alcançando lucros com a venda e com propagandas, o que fez com que fossem sumindo.

Existiam, nos periódicos, muitas notícias pessoais e fatos insignificantes, pois as pessoas começavam, nesse momento, a ser reconhecidas em suas ocupações, o que gerava a curiosidade do público em geral em relação a elas. Essa curiosidade gerava vendas nos periódicos, portanto, eles também investiam nessa área. Para Brito Broca (1956, p. 122), atravessávamos uma época em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as suas obras.

Uma das principais tecnologias introduzidas na imprensa da época, principalmente nas revistas, foi o aprimoramento das fotografias, pois elas asseguravam, antes de tudo, veracidade à notícia que se publicava. Desse modo, “o deslumbramento visual com a fotografia, assim como com a confiabilidade e a aparência de ‘evidência’ que adquiria qualquer cena fotografada, foi a regra”. (SUSSEKIND, 1987, p. 35-36)

[...] as inovações técnicas que transformavam os métodos de impressão, o surgimento de uma nova categoria de jornalistas profissionais – sobretudo, os caricaturistas e ilustradores –, a introdução de novas fórmulas no tratamento da informação e de novas seções de “entretenimento”, ilustram um processo de expansão que converta o jornal em grande imprensa industrial. (MICELI, 1977, p. 72-73)

Além da fascinação causada pela fotografia nesta época, é necessário considerar o diálogo entre a imagem graciosa e a linguagem jornalística, ou seja, quando a foto é tirada, o fotógrafo mostra seu modo de ver o fato, o que nos leva a uma extensa discussão, que não cabe neste trabalho. Mas, talvez, a fotografia não seja tão objetiva como quanto se pensava naquele momento.

Toda situação de transição vivida pela sociedade e pela política foi vivida também, neste momento, pela imprensa do país. Já em meados dos anos vinte, o número de publicações cresce assustadoramente em todo o país. Neste momento, os jornais mais antigos tentam acompanhar as inovações e agilizar seus noticiários.

Por volta de 1910, *O Estado de São Paulo* firmava-se como um dos mais importantes jornais do país, sob a direção de Júlio de Mesquita (1862-1927), considerado por muitos como capaz, dinâmico, inovador. Essa conjuntura modernizadora proporcionou resultados significativos no aumento da tiragem do jornal, queda do preço do exemplar e dinamização na distribuição.

O Estado era um jornal consolidado e de público cativo. Possuía no interior de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina cerca de 543 correspondentes e agentes comerciais (*O Estado de S. Paulo*, 1 jan., 1939, p. 4). Seu grande concorrente foi *O Correio Paulistano*, que era justamente do Partido Republicano, ao qual pertencia o governo na época. Os dois jornais eram respectivamente ligados comercialmente a outros periódicos: *O Correio* era ligado à *Cigarra* e *O Estado de S. Paulo* mantinha laços com *A Vida Moderna*.



Ilustração 15 – Página de O Estado de São Paulo

Sabemos que o exercício do poder correu paralelamente ao controle dos meios culturais, ou seja, o governo sempre estava vinculado aos meios de comunicação, fosse por meio de distribuição de verbas, fosse por outras formas. Assim, os periódicos necessitavam de auxílio financeiro para se manter competitivos no mercado. Uma prática constante era a incorporação de pequenos periódicos por grandes grupos que geralmente recebiam verbas do governo ou de seus opositores.

O surgimento da grande imprensa trouxe mudanças significativas ao conteúdo dos jornais: o texto literário, que antes era parte essencial do jornal, migrou para as revistas, que, então, se tornaram o carro-chefe da produção ficcional.

Na virada do século XX, política, imprensa e escritores se confundiam. Para Miceli, os intelectuais da época eram:

[...] produto de uma primeira forma de diversificação de papéis no âmbito do trabalho de dominação. Os integrantes desse grupo prefiguram um tipo novo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhe propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos [...]. (MICELI, 1977, p. 70)

Embora a profissão de jornalista ainda não fosse reconhecida efetivamente como tal, nesse período, o jornalismo já começava a amadurecer como profissão e os profissionais já começavam a viver da própria função.

A imprensa paulista incorporou as inovações técnicas e evoluiu significativamente no período de 1900-1922. São Paulo atraía o mercado editorial devido ao baixo índice de analfabetismo que possuía neste início de século XX. O índice de analfabetismo era de 70%, e, na capital, de 42%. O que hoje parece absurdo, para a época era um ótimo índice.

Tabela 3 – Índice de Alfabetização – 1920.

1920			
<i>Local</i>	<i>Alfabetizados</i>	<i>Não Alfabetizados</i>	<i>Total</i>
S. Paulo (capital)	337.702 – 58 %	241.331 - 42%	579.033 - 100%
S. Paulo (Estado)	1.369.579 – 30%	3.222.609 – 70%	4.592.188 – 100%

Brasil	7.493.357 – 24%	23.142.248 - 76%	30.635.605 – 100%
--------	-----------------	------------------	-------------------

Fonte: FIORENTINO, Teresinha A. Del. *Prosa de Ficção em São Paulo: Produção e Consumo (1900 – 1922)*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 3.

Em São Paulo existiam, na época (início do século XX), cerca de 22 editoras funcionando e movimentando um capital de aproximadamente 3.500 contos (FIORENTINO, 1982, p. 10). A cidade também contava com um mercado editorial em pleno desenvolvimento e possuía um grande público leitor.

Quando falamos em público-leitor, vale ressaltar que é necessário se distinguir o comprador de livros do simples leitor, já que muitos liam livros emprestados ou freqüentavam assiduamente bibliotecas, pois os livros neste período custavam caro. As editoras se importavam somente com quem comprava os livros. Em nossa pesquisa, nos preocupamos com quem lia no início do século XX. No entanto, existiam pessoas que compravam os livros e periódicos simplesmente para enfeitar sua estante (FIORENTINO, 1982, p. 19).

Muitas vezes as bibliotecas particulares possuíam mais volumes do que as bibliotecas públicas. Uma delas, citada pelo Almanaque Melillo (1904, p. 43), era a biblioteca do Dr. Eduardo Prado² que continha mais de doze mil volumes, muitos dos quais raros e caros.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o movimento editorial em São Paulo progrediu muito. Este progresso pode ser atribuído ao encarecimento do livro estrangeiro, ao aparecimento de editores ousados e empreendedores, à atuação da imprensa periódica, ao aumento da população, ao aumento da curiosidade por notícias sobre guerra e ao progresso das artes gráficas (FIORENTINO, 1982, p. 23). Além do mais, os periódicos envolviam seu público fazendo uma publicidade intensa e oferecendo brindes aos assinantes, como era o caso de *A Vida Moderna*.

² Nasceu e faleceu em São Paulo em 27-02-1860/30-08-1901. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ocupou-se desde a mocidade com estudos históricos. Formou-se em Direito na tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco-SP. Na época, já era colaborador assíduo do "Correio Paulistano" onde assinava artigos de crítica literária e política internacional. Era amigo íntimo de Eça de Queirós e também dos outros intelectuais portugueses, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Carlos Mayer, Carlos Lobo d' Ávila, conde de Ficalho, Conde de Arnoso, que pertenceram ao famoso grupo dos "Vencidos da Vida" (1887-1893).

2.2 Periódicos de variedades: empreendimentos comerciais de sucesso

Acreditamos que o século XIX está para o jornal assim como o século XX está para a revista, pois “(...) o 1900 muda a tônica da imprensa para as revistas. Semanais, ilustradas. E nelas se vê uma nova atmosfera. Agora é o instante de crônica social, da charge, do soneto. (...)”. (RAMOS, 1995, p. 19)

A palavra “revista” deriva da palavra inglesa *review*, e sua primeira utilização data de 1705. Após esta primeira utilização muita coisa mudou e, atualmente, a revista é mais aceita no sentido de publicação. (MARTINS, 2001, p.45)

Segundo Holanda (1948, p. 1765), as revistas são publicações periódicas, de formato variado, em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc. sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações.

A revista traz matérias mais elaboradas do que as dos jornais, que visam à informação rápida. Além disso, a qualidade gráfica da revista em relação à do jornal é altamente superior, pois prioriza a parte estética. As revistas de variedades traziam assuntos diversos como arte, cultura, literatura, esportes, saúde, entre outros assuntos. Além disso, traziam muitas ilustrações e possuíam uma ótima qualidade gráfica, além de um espaço considerável à publicidade. Essas características se devem também ao fato dessas revistas serem empreendimentos comerciais, ou seja, a maioria das revistas de variedades priorizava o lucro, o comércio, a vendagem, procurando atrair o público de várias maneiras.

Somente nos primórdios do século XX é que publicações periódicas como as revistas ganharam popularidade. Foram instrumentos da burguesia, que ditava os costumes e as regras sociais; um grande trunfo para essa popularidade foi a intensificação da publicação de fotografias. Para Maud (1996, p. 73), este período se divide em duas partes: o primeiro, de 1900-1928, com a publicação intensa da fotografia, e o segundo, de 1928-1960, com muitas modificações técnicas e com prioridade maior de informar.

Para Ana Luiza Martins, uma das diferenças básicas entre os jornais e as revistas, por exemplo, é que os primeiros se preocupam mais com a publicação imediata e possuem um teor político mais acentuado, enquanto que as segundas possuem um texto mais “elaborado” e abordam mais variedades.

Sociedade e literatura crescem e desabrocham quase paralelamente, e, neste período, o “(...) crescimento na cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos das publicações” (CRUZ, 1997, p. 22). As revistas, ao mesmo tempo em que proporcionavam entretenimento e informação, também difundiam padrões morais e religiosos de acordo com seus respectivos públicos-alvos.

Nos primórdios do século XX, as reportagens eram realizadas dentro das próprias redações. O pioneiro em sair às ruas para noticiar os fatos diretamente foi João do Rio (1881-1921). Escreveu reportagens para a revista *Kosmos* que seriam o padrão para outras realizadas tempos mais tarde.

Grandes escritores, caricaturistas e fotógrafos tiveram suas obras publicadas nas revistas do século XX. A notável influência das revistas nos costumes e na sociedade brasileira como um todo faz com que as mesmas se diversifiquem cada vez mais, a fim de agradar ao seu público-leitor.

Um dos aspectos relevantes das revistas é a identidade visual que se dá, principalmente, por meio das capas, pois os leitores identificavam seus periódicos através das mesmas. Desenhos, pinturas e caricaturas eram as capas mais frequentes.

Por estes e outros aspectos, as revistas constituem-se como fonte valiosa de pesquisa. Um exemplo é *A Vida Moderna*, que ainda hoje é citada por revistas, estudos históricos e de memórias no Brasil.

A Vida Moderna se denomina como uma revista de variedades. Essa classificação se deve ao fato de a revista publicar assuntos diversos como notas sociais, esportes, literaturas, entre outras coisas. A revista trazia os assuntos daquele momento e vendia uma imagem de modernidade.

Como já dissemos anteriormente, as revistas de variedades, incluindo *A Vida Moderna*, alcançavam altas tiragens, e, para isso, investiam em vários aspectos da publicação: qualidade gráfica, assuntos atuais e muita propaganda.

A *Vida Moderna* trazia uma qualidade gráfica impecável em seus exemplares, como pedia uma boa revista de variedades; possuía belas fotografias e instantâneos, além de mostrar a cidade através delas. A publicidade também estava muito presente nos periódicos de variedades. Este cuidado com a publicidade revela um mercado disputado, principalmente entre os periódicos paulistas e os cariocas. Para conquistar o público era preciso oferecer um diferencial: brindes, prêmios, qualidade visual e textual.

Outro fato relevante diz respeito aos literatos paulistas que começavam suas respectivas carreiras geralmente em jornais e revistas. “*Os jornais abriam ao jovem literato a possibilidade de se tornar conhecido*” (FIORENTINO, 1982, p. 38).

Segundo Fiorentino (1982, p. 37), eram alguns dos periódicos de variedades: “(...) *A Vida Moderna, Revista da Semana, A Cigarra, Eu Sei Tudo, Leitura para Todos, S. Paulo Ilustrado, O malho, Fon-Fon, Seleta, A Careta, Brasil Ilustrado, Miscelânea*, entre outros”.



Ilustração 16 - Capas das revistas respectivamente: *Fon-Fon*, *A Cigarra* e *A Vida Moderna*.

Em relação aos preços dos periódicos paulistas do início do século XX, Fiorentino (1982, p. 59-61) faz uma seleção com vários títulos, e, entre eles, está *A Vida Moderna*. Com base nesta seleção, ela tece um quadro com os valores destes periódicos. O

que observamos através da tabela é que os periódicos variavam muito em seus preços: de 1\$000 a 20\$000 a assinatura anual; tínhamos, portanto, periódicos para todos os gostos e também para todos os “bolsos”.

O periódico ganhou espaço, também, por ser concorrente do livro em termos literários, porém, com um preço expressivamente menor, o que fez a imprensa periódica se tornar uma mania. O periódico agradava a vários “gostos” e apresentava variedade de assunto.

A imprensa diversifica-se chegando ao público através de um grande número de publicações das mais variadas modalidades. A imprensa diária vivenciava um momento importante no processo de afirmação. Tendo como exemplo mais bem sucedido *O Estado de São Paulo*, que de quatro mil exemplares em 1888 passa a uma tiragem diária de trinta e cinco mil exemplares por volta de 1913, os jornais diários, através da expansão de suas tiragens, acompanhavam o salto populacional da cidade. (CRUZ, 2000, p. 77)

No início do século, segundo o Almanaque Mellilo (1904, p. 43), eram publicados setenta e seis jornais. Deste total, 71 escritos em língua portuguesa e 5 em italiano, o que nos remete à questão da imigração italiana em São Paulo e à importância que a mesma possuiu no desenvolvimento da cidade.

Dentro desta grande quantidade de periódicos na cidade de São Paulo, muitos se firmam enquanto empreendimentos comerciais e também como propagadores de entretenimento na sociedade paulista. Podemos citar *A Revista Feminina* (1914-1936), *A Vida Moderna* (1907-1929) e *A Cigarra* (1914-1930). (CRUZ, 2000, p. 104-105)

Alguns ingredientes faziam dessas revistas um sucesso. Um deles eram os folhetins, utilizados como ingrediente importante no que diz respeito à literatura nos periódicos. Outro ingrediente fundamental era o humor que trazia a caricatura e a charge, suavizando a crítica. Existiam, também, os elementos decorativos como as molduras, que

enfeitavam as seções. Contudo, o ponto chave eram as ilustrações e fotografias (CRUZ, 2000, p. 109-112).

A Cigarra, assim como *A Vida Moderna*, se destacou como periódico de variedades e como um empreendimento comercial de sucesso. Publicada entre 1914-1975 na cidade de São Paulo, seus fundadores e proprietários foram o jornalista Gelásio Pimenta e o coronel Vieira de Souza. Surgiu como uma revista de publicação quinzenal contendo de 50 a 100 páginas, de formato 18x25,5cm e 18x27cm, com os assuntos dispostos em 2 ou 3 colunas.

A tiragem inicial foi de 12.000 exemplares. Nos números 3 e 4 da revista, este número saltou para 15.000, e, a partir do número 14, chegou a 25.000. O periódico dobrou seu número de exemplares e ampliou significativamente seu público leitor em apenas 7 meses. Estes números foram apresentados pela própria revista.

A revista trazia em seu conteúdo artigos sobre artes plásticas, teatro, música, ciência, cinema e literatura, além de críticas, comentários, crônicas, poemas, contos, reproduções de quadros e esculturas, plantas e desenhos arquitetônicos, partituras musicais e fotos de espetáculos teatrais. Durante todo o período, a revista trouxe muitas fotografias e ilustrações, tanto nas seções como nos espaços publicitários, mantendo um perfil de variedades durante sua existência.

Devido ao fato de ser uma revista de variedades e de aproximadamente 100 páginas por edição, possuía muitas seções. Uma curiosidade é que a grande maioria dos artigos não eram assinados; já os que eram, contavam com grandes escritores como Olavo Bilac, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, e ainda com ilustradores, caricaturistas ou chargistas como Belmiro Braga, Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto), Emiliano Di Cavalcanti, Voltolino (Lemmo Lemmi), Ignácio Ferreira da Costa (Ferrignac), entre outros.



Ilustração 17: Capa de *A Cigarra*

O periódico participa de grandes e variadas mudanças ocorridas na cidade de São Paulo. Esta revista permite observar o entrelaçamento da imprensa com a vida da cidade e, em especial, com o mundo empresarial. *A Cigarra* surgia como um empreendimento comercial de sucesso e afirmava ser “uma das melhores revistas do Brasil” (*A Cigarra*, ano 2, nº 23, 06/07/1915.), além de oferecer inúmeras vantagens aos seus assinantes. O sucesso do empreendimento pode ser constatado através do seu longo período de publicação, da ampla distribuição, do aumento crescente da tiragem e do número de páginas de cada publicação.

A Cigarra, de Gelásio Pimenta, teve uma vida longa e conseguiu encantar várias gerações de leitores, justificando esse sucesso a qualidade da revista e a variedade de assuntos.

Outro periódico de sucesso foi a *Revista Feminina* (1915-1926), um pouco diferente em relação às revistas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*. Teve sua primeira publicação em 1915, na cidade de São Paulo, possuindo redação na Alameda Gleite.



Ilustração 18 – Capa da *Revista Feminina*

Surgiu como uma revista de periodicidade mensal, e cada número contava com uma média de 36 a 40 páginas. Ao longo de sua existência, possuiu 530 exemplares, sendo publicada até o ano de 1936.

A diretora e também proprietária Virginia de Souza Salles ficou na revista de 1915 até 1919, e, posteriormente, Avelina de Souza assumiu de 1919 até 1926.

Assim como nos dois periódicos anteriores, a revista é farta em ilustração, baseando-se em desenhos, pinturas e fotografias.

Seus principais colaboradores foram Dr. Cláudio de Souza, Felix Pacheco, Paulo de Tarso, Francisca Julia, Dulce Dolores, Laurita Lacerda e Albina Pires de Campos.

A grande divergência entre as duas revistas apresentadas anteriormente e a *Revista Feminina* está justamente no fato desta ser voltada quase que exclusivamente para o público feminino.

È notável que, mesmo sendo uma revista voltada para o público feminino, tenha publicado artigos diversos que tratavam da arte à medicina, e, ainda, reportagens sobre o modo de vida e a atuação de mulheres em outros países, porém, com incentivo à formação de associações femininas de assistência social.

Muito bem sucedida, a *Revista Feminina* era propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que fabricava e comercializava produtos destinados às mulheres. Discutindo temas como “papel da esposa”, “educação das crianças” ou “identidade feminina”, dispôs-se a tratar de questões relativas ao papel social da mulher, ora preocupando-se com a questão do voto feminino e a possibilidade de trabalho fora do lar em profissões como magistério, medicina e jornalismo, ora discutindo as obrigações da mulher, de esposa e mãe perfeitas.

Os três periódicos em questão – *A Vida Moderna* (que detalharemos mais no próximo capítulo), *A Cigarra* e a *Revista Feminina* – estiveram relacionados com as diversas transformações culturais ocorridas no princípio do século XX, demonstrando que a imprensa aparecia como consequência da modernidade na cidade de São Paulo.

As revistas eram de muito sucesso na cidade de São Paulo, traziam inovações tecnológicas e também traziam o progresso da cidade estampado em suas páginas. Todavia, no que diz respeito à vendagem, *A Cigarra* e *A Vida Moderna* se destacavam, e isso pode ser atribuído ao fato de as duas serem de variedades, enquanto que a *Revista Feminina* era voltada para o público feminino.

Empreendimentos comerciais de absoluto sucesso, *A Vida Moderna* e *A Cigarra* mantinham laços, respectivamente, com outros periódicos de sucesso: *O Estado de São Paulo* e *O Correio Paulistano*. (CRUZ, 2000, p. 113)

Ambas consideradas publicações refinadas, eram álbuns da sociedade paulista e atraíam o público que fazia parte dessa sociedade privilegiada, mas também projetavam a burguesia para outras camadas sociais.

Os periódicos possuíam em comum, além da parte estética moderna, um traço conservador em seu conteúdo. Apesar das mudanças estruturais e dos costumes da cidade, os conceitos morais e éticos eram conservadores, como podemos constatar por meio das críticas das revistas, críticas essas que ficavam por conta das charges e caricaturas, ou seja, eram amenizadas pelo humor.

A literatura se fez presente nos três periódicos de maneira expressiva, trazendo, no mínimo, cerca de 30% do conteúdo de cada exemplar para ela. Nas três publicações, a literatura, antes de tudo, aparecia como um atrativo ao leitor. A publicação de folhetins, por exemplo, instigava o leitor a adquirir o próximo número para ler o restante da história. Além disso, a publicação de textos já consagrados e a grande quantidade de poesias mostravam o interesse de ambos, leitor e revista, em observar a literatura publicada em periódicos.

Capítulo 3

A revista pela revista: *A Vida Moderna* (1907-1929)

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de Mim. Quem sou? De onde cheguei?...
Aqui, tudo já foi... Em sombra estilizada,
A cor morreu --- e até o ar é uma ruína...
Vem de Outro tempo a luz que me ilumina ---
Um som opaco me dilui em Rei...

Mário de Sá-Carneiro

Neste capítulo, procuraremos descrever o periódico paulista *A Vida Moderna*. Trata-se de um estudo inédito, já que não encontramos nenhum trabalho específico sobre a revista, somente citações e menções a ela. Procuraremos fazer um panorama do periódico por sua relevância na época, como também pelo mesmo servir como referência histórico-social até nossos dias.

A revista é citada em trabalhos específicos do tema, como os de Ana Luiza Martins, *Revista em revista* (2001), Nelson Werneck Sodré *História da imprensa no Brasil* (1999), Heloísa Faria Cruz *São Paulo em papel e tinta – periodismo e vida urbana – 1890 – 1915* (2000) e o clássico de Affonso A. de Freitas *A imprensa periódica de São Paulo: dos seus primórdios em 1823 até 1914* (1915). Este a define, em 1915, como: “[...] finamente redigida e profusamente ilustrada, a fotogravura é hoje uma das mais bem feitas e populares revistas de São Paulo” (p.704).

Mostraremos a história da revista, baseados em seus próprios textos; mostraremos suas seções, seus colaboradores e seus principais assuntos. Para isso, fizemos um levantamento extenso de dados, que ocupou um grande período de nossa pesquisa, a fim de mostrar, em relação ao conteúdo e à estrutura, o quão rico este periódico se mostra.

Após contar um pouco da história e apontar as principais características, optamos por descrever as principais seções, priorizando as de literatura ou as seções a ela relacionadas. Ressaltamos, também, os textos editoriais e de autopropaganda da revista. Além de mostrar a revista-vitrine de São Paulo. Abordaremos esta questão mostrando a maneira com que a revista refletia a cidade: seu crescimento, seus costumes e sua modernidade.

Para a realização dessa descrição, estabelecemos em alguns critérios. Primeiro, em relação ao termo “instantâneos”, tão utilizado pelo periódico, consideramos as fotos não posadas, e, as posadas, consideramos fotografias, pois pensamos em instantâneos como fotos espontâneas. Outro critério utilizado é o relacionado à questão da seção fixa. Torna-se difícil falar em seção fixa na revista, uma vez que, apesar dos conteúdos mudarem com menos frequência, os nomes e formatos das seções e de seus colaboradores mudam constantemente.

3.1 A Revista pela Revista

O momento literário brasileiro era de mudanças, e uma grande ponte para lançar autores eram as revistas, que, no geral, eram um importantíssimo veículo de

circulação para a sociedade. As revistas tiveram um papel essencial no Brasil na mudança para o século XX, em função da própria imprensa no país.

Foi naquele período que surgiu a idéia de revista como negócio. Vingavam as de consumo. Revistas literárias eram conhecidas por durar pouco tempo, daí a inserção da literatura em outros tipos de publicação. (MARTINS, 2001, p. 4)

A Vida Moderna foi um periódico muito importante em sua época. Inovador e com uma organização invejável, sua sede estava localizada, em 1907, na Rua Capitão Salomão, 16, e, a partir de 1913, passou para a rua Boa Vista, 41, na cidade de São Paulo.

Na sua gênese, datada de 1906, a revista se chamava *Sportman*, e tratava basicamente de esportes: regatas e futebol eram seus principais assuntos. Posteriormente, em 1907, o periódico passou a se intitular *A Vida Moderna*.



Ilustração 19 – Capa da Revista *Sportman*, n. 18, 1907.

No início do século XX, momento de transição pelo qual passava São Paulo, a revista também sentiu que precisa mudar, e, visando a um maior alcance de público, trocou de nome e de estilo.

Podemos observar no texto editorial publicado ainda na *Sportman*, n. 24, de 17/09/1907, o motivo da mudança de nome da revista e, também, o contato com o público e o respeito por ele. A revista se preocupava com seu público, mas também com

suas vendas, por isso, esta mudança se deu com a finalidade de atingir um público maior. O editorial preocupa-se em cativar novos leitores, mas também, conservar os leitores que possuía até a mudança – sugeria mudança mais na realidade a revista se modificou totalmente, passando a ser outra. A mudança de nome trouxe significativas modificações de conteúdo, de diagramação e uma reestruturação no corpo editorial. Segue a transcrição de um trecho do texto original.

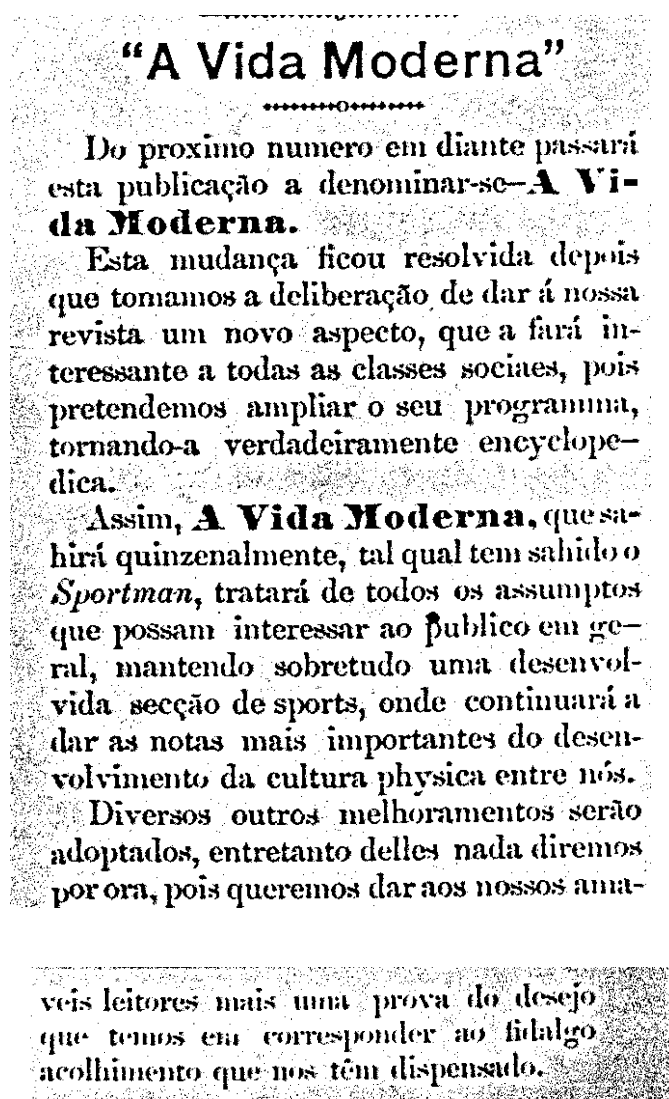


Ilustração 20 – Editorial “A Vida Moderna”, n. 24, 1907.

“A Vida Moderna”

Do próximo número em diante passará esta publicação a denominar-se A Vida Moderna.

Esta mudança ficou resolvida depois que tomamos a deliberação de dar à nossa revista um novo aspecto, que a fará interessante a todas as classes sociais, pois pretendemos ampliar o seu programa, tornando-a verdadeiramente enciclopédica.

Assim, **A Vida Moderna**, que sairá quinzenalmente, tal qual tem saído o *Sportman*, tratará de todos os assuntos que possam interessar ao público em geral, mantendo sobretudo uma desenvolvida seção de esportes, onde continuará a dar as notas mais importantes do desenvolvimento da cultura física entre nós.

Diversos outros melhoramentos serão adotados, entretanto deles nada diremos por hora, pois queremos dar aos nossos amáveis leitores mais uma prova do desejo que temos em corresponder ao fidalgo acolhimento que nos tem dispensado (grifo nosso).

No primeiro exemplar como *A Vida Moderna*, a revista, novamente preocupada com seu público, divulga texto editorial, publicado na edição n. 25, explicando a “nova fase” do periódico e mostrando ao público as expectativas para com a revista.

Expediente

Redacção e officinas

R. Cap. Salomão, 16-Caixa 218

Assignaturas:

Capital - annuo 68000
Para fóra " 78000



Nova phase

Esta revista, cultivando a justa ambição de tornar-se cada vez mais ampla, abraçando novos horizontes, apresenta-se em outros trajes ao fidalgo público paulista, cujo acolhimento, cada vez mais crescente, realiza um poderoso incentivo para que ella se enverede pela arena jornalística, sem timidez nem vacillações.

Para tal *desideratum* era preciso que deixasse de ser *Sportman*, de pequeno ambiente, como a sua denominação indicava, para ser *A Vida Moderna* cuja atmosphera mais dilatada e mais ampla pode circunscrever tudo quanto se passa no mundo civilizado e principalmente na *urbe* paulista.

O seu 1.º numero desta nova phase devia apresentar-se um tanto melhor, si uma moléstia pertinaz não agarrasse por largos dias de enfado, à alma-mater desta revista, o sr. Reis Teixeira, no fundo dum leito de sofrimento e de dor. Aquelles que o conhecem e sabem quanta actividade e energia se aninha no seu corpo em prol desta revista, quanto é grande o seu esforço para corresponder ao progresso da imprensa paulista, apresentando agora *A Vida Moderna*, bem podem avaliar quão grande foi o vácuo que se estabeleceu na nossa modesta tenda de trabalho. Mas, graças a Deus, já abandonou o leito de sofrimento e está-nos dirigindo na confecção d'*A Vida Moderna*; não está completamente bom, seu organismo depauperado agora recupera as forças.

Quem nos lê que avalie o nosso trabalho e saiba compensar o nosso esforço e para o futuro esperamos equiparar *A Vida Moderna* ás ventades dos mais exigentes, afim de que, com satisfação nossa, possamos ir trabalhando sempre com mais aficção e collocar-a no concerto das melhores revistas brasileiras. É uma ambição justíssima, ambição de progredir, que é sem praias e sem fundo.

Realisá-la é o nosso mais forte intento.

Ilustração 21 – Editorial “Nova phase”, n. 25, 1907.

Nova Fase

Esta revista, cultivando a justa ambição de tornar-se cada vez mais ampla, abraçando novos horizontes, apresenta-se em outros trajes ao fidalgo público paulista, cujo acolhimento, cada vez mais crescente, realiza um poderoso incentivo para que ela se enverede pela arena jornalística, sem timidez nem vacillações.

Para tal *desideratura* era preciso que deixasse de ser *Sportman*, de pequeno ambiente, como a sua denominação indicava, para ser *A Vida Moderna* cuja atmosfera mais dilatada e mais ampla pode circunscrever tudo quanto se passa no mundo civilizado e principalmente na *urbe* paulista.

O seu 1º número desta nova fase devia apresentar-se um tanto melhor, se uma moléstia pertinaz não agarrasse, por largos dias de enfado, à alma-mater desta revista, o sr. Reis Teixeira, no fundo dum leito de sofrimento e de dor. Aquelles que o conhecem e sabem quanta actividade e energia se aninha no seu corpo em prol desta revista, quanto é grande o seu esforço para corresponder ao progresso da imprensa paulista, apresentando agora *A Vida Moderna*, bem podem avaliar quão grande foi o vácuo que se estabeleceu na nossa modesta tenda de trabalho. Mas, graças a Deus, já abandonou o leito de sofrimento e está

nos dirigindo na confecção d'*A Vida Moderna*: não está completamente bom, seu organismo depauperado agora recupera as forças.

Quem nos lê que avalie o nosso trabalho e saiba compensar o nosso esforço: e para o futuro esperamos equiparar *A Vida Moderna* às vontades dos mais exigentes, a fim de que, com satisfação nossa, possamos ir trabalhando sempre com mais afinco e colocá-la no concerto das melhores revistas brasileiras. É uma ambição justíssima «ambição de progredir, que é sem praias e sem fundo».

Realizá-la é o nosso mais forte intento (grifo nosso).

A revista se lançou no ano de 1907. Quanto a isso, todas as fontes encontradas foram unânimes. Podemos, inclusive, constatar tal fato através de textos editoriais da própria revista. Todavia, já quanto ao seu término existem controvérsias. Teresinha Fiorentino data o término do periódico em 1919; Heloisa de Faria Cruz data em 1925. Entretanto, estudamos os exemplares originais no CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa –, em Assis, e também no ECA – Escola de Comunicação e Artes – da USP, em São Paulo, e assim pudemos constatar que o último exemplar data de 1929, como podemos comprovar através da capa do último exemplar publicado.

A Vida Moderna

ILUSTRAÇÃO PAULISTA, QUINZENAL, COM 25 ANOS DE EXISTÊNCIA

Director geral: MANUEL DO CARMO - Directora da redação: APLECINA DO CARMO

Redacção: Rua Direita, 6 - 1.º andar, sala 10.

ANNO XXV

SÃO PAULO, MARÇO DE 1929

N.º 533

ARTE BRASILEIRA



O pintor Lopes de Leão, cuja exposição acaba de ser inaugurada com a presença do sr. Presidente do Estado, á Rua 15 de Novembro, 48

O seu pincel vigoroso se ensaia na paisagem com brilho e no retrato com cunho próprio.

Ilustração 22 – Capa de *A Vida Moderna*, n. 533, 1929.

A revista media 19 cm X 28 cm e possuía, em média, 40 páginas por exemplar, sendo estas divididas em duas (9,5 cm X 14 cm) ou três colunas (6,5 cm X 9,5 cm), mas este número de páginas oscilava bastante. Um bom exemplo disso eram as publicações especiais como as de Natal e as de Carnaval, que contavam, em média, com 100 páginas. Vale ressaltar que uma parte dos exemplares estão em estado de má conservação o que impossibilita um estudo mais preciso a respeito desta questão, além disso, percebemos que alguns números faltam páginas, todavia não podemos constatar precisamente, quais e quantas são, pois os exemplares não possuem numeração de páginas o que dificulta ainda mais esta constatação.

Podemos verificar esta informação por meio de mais um texto editorial da revista, publicado na edição de n. 28:

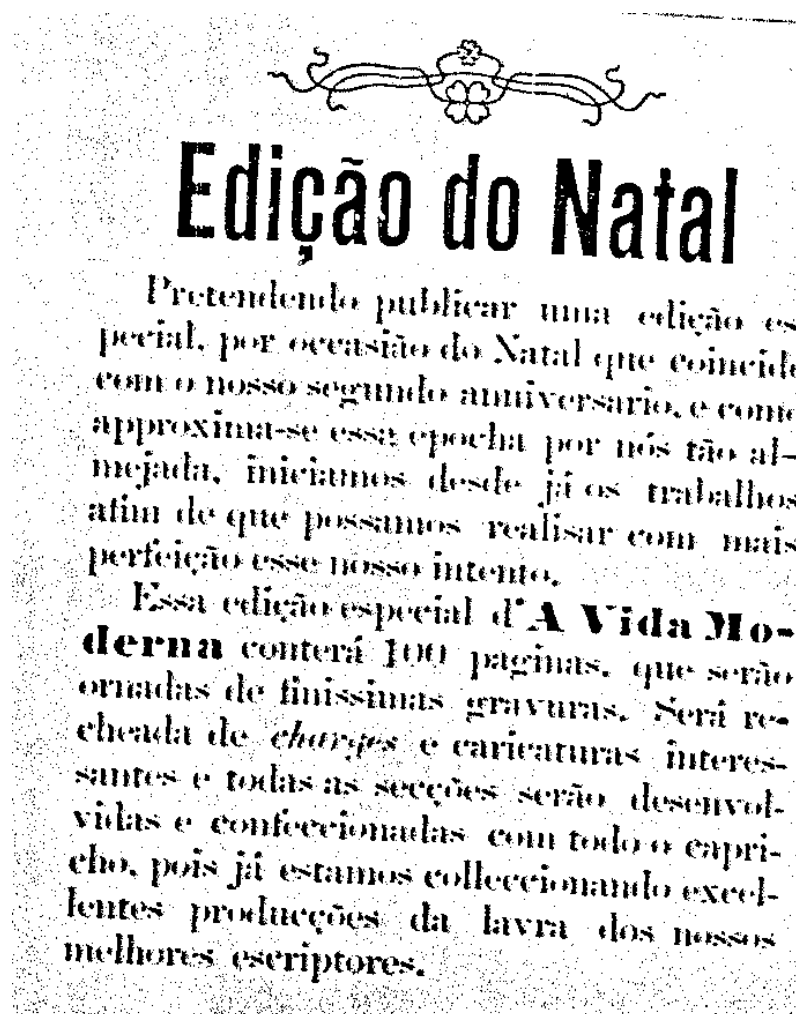


Ilustração 23 – Editorial “Edição de Natal”, n. 28, 1907.

Edição de Natal

Pretendendo publicar uma edição especial, por ocasião do Natal que coincide com o nosso segundo aniversário, e como aproxima-se essa época por nós tão almejada, iniciamos desde já os trabalhos a fim de que possamos realizar com mais perfeição esse nosso intento.

Essa edição especial d'A *Vida Moderna* conterá 100 páginas, que serão ornadas de finíssimas gravuras. Será recheada de *charges* e caricaturas interessantes e todas as seções serão desenvolvidas e confeccionadas com todo o capricho, pois já estamos colecionando excelentes produções da lavra dos nossos melhores escritores.

Pretendemos também organizar uma seção infantil nela figurando os retratos de galantes crianças paulistas, que formarão belíssima galeria.

Nesse número publicaremos as fotografias que nos forem enviadas com tempo, desde que o assunto seja interessante e de atualidade.

Assim pensamos demonstrar mais uma vez a nossa gratidão ao público que nos tem dispensado tão cordial acolhimento (grifo nosso).

O periódico não possuía sumário e só teve numeração em suas páginas até o exemplar de número 25, publicado em outubro de 1907. Portanto, consideramos somente o primeiro exemplar da revista numerado, já que do número 1 ao 24 a revista se chamava *Sportman*.

O periódico custou de seu início até 1912, 3\$000 a assinatura anual e \$300 o exemplar avulso, chegando, em 1912, a custar 17\$000 a assinatura anual e \$400 o exemplar avulso.

Quanto à periodicidade, a revista começou, a partir de 1907, como quinzenal, e, durante o período de 1912 a 1914, passou a ser semanal, como podemos ver através de um texto editorial da revista publicado no exemplar de número 98. Todavia, a partir de 1915, voltou a ser quinzenal e assim permaneceu até o fim de sua publicação, em 1929, quando somou um total de 533 exemplares publicados, durante sua permanência no mercado.

A Vida Moderna, semanal

Cumprindo a promessa feita aos seus assignantes e leitores, *A Vida Moderna* inicia hoje a sua publicação semanal, devendo apparecer todas as Quintas-feiras.

Dada a conhecida indiferença do publico paulista por essa coisa de revistas, não deixa de ser um arrojo o atirar-se á publicidade um semanario como *A Vida Moderna*, de confecção custosa, sob todos os pontos de vista. Mas nós é que não acreditamos que o publico paulista seja tão difficil de conquistar, a ponto de negar o seu apoio ao nosso semanario, que, todos os dias demonstra o seu esforço por se fazer interessante e procurado. E é justamente contando com isso, que arriscamos hoje o primeiro numero da nossa plaze semanal, certos de que, tudo contribuirá e concorrerá para o successo da carreira jornalística da nossa Revista.

Ilustração 24 – Texto editorial “*A Vida Moderna, semanal*”, n. 98, 1912.

A Vida Moderna, semanal

Cumprindo a promessa feita aos seus assinantes e leitores, *A Vida Moderna* inicia hoje a sua publicação semanal, devendo apparecer todas as quintas-feiras.

Dada a conhecida indiferença do público paulista por essa coisa de revistas, não deixa de ser um arrojo o atirar-se à publicidade um semanário como *A Vida Moderna*, de confecção custosa, sob todos os pontos de vista. Mas nós é que não acreditamos que o público paulista seja tão difícil de conquistar, a ponto de negar o seu apoio ao nosso

semanário, que, todos os dias demonstra o seu esforço por se fazer interessante e procurado. E é justamente contando com isso, que arriscamos hoje o primeiro número de nossa fase semanal, certos de que tudo contribuirá e concorrerá para o sucesso da carreira jornalística da nossa Revista.

a) Estrutura administrativa

A revista foi fundada por Luiz Couto e contava com um corpo editorial bem composto: muitos colaboradores, jornalistas enviados aos principais Estados brasileiros (Rio de Janeiro, Minas Gerais, etc.) e grandes nomes como diretores e redatores. Em 1907, Arthur Reis Teixeira; a partir de 1913, Garcia Redondo, que era diretor e redator-chefe; em 1916, Simões Pinto, que assume o cargo de diretor literário; em 1918, Moacyr Piza, que fica na revista até 1922.



Essa a recepção de redação de *A Vida Moderna* ex-*Sportiana*, revista mensal, pelos srs. Arthur Reis Teixeira e Luiz Couto, que tem conseguido trilhar ao lado do progresso, a via mais excelente e salutar de publicação que sabe reconhecer o valor do nosso trabalho em geral, de seu engrandecimento. *A Vida Moderna* completa, com o presente número, o seu segundo volume escrito.

Ilustração 25 – Fotos da administração da revista, n. 29/30, 1907.

Dentre esses diretores, destacamos Garcia Redondo, que se sobressaiu como jornalista e literato, sendo o administrador de mais destaque da revista. Antes de chegar n' *A Vida Moderna*, foi colaborador em periódicos importantes do Rio de Janeiro como *A Gazeta de Notícias*. Garcia veio para São Paulo especialmente para assumir o periódico, que teve seu período áureo em suas mãos. Frequentou a Universidade de Coimbra, cursando Humanidades, e foi companheiro de poetas e escritores portugueses e

brasileiros, dentre os quais Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro e Cândido de Figueiredo. Em 1872, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, pela qual obteve o grau de engenheiro e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, chegando a ser, posteriormente, membro da Academia Brasileira de Letras.

A revista ainda mantinha laços comerciais com o grupo d'*O Estado de São Paulo* e, paulatinamente, se modernizava, compondo-se enquanto um empreendimento comercial de sucesso.

A *Vida Moderna* era uma das revistas mais vendidas da época, e, apesar de ser uma revista que tratava de assuntos de interesse da elite, ela buscava públicos de outras camadas sociais interessados em assuntos da elite.

b) Conteúdo

Os conteúdos da revista eram os mais variados. Traziam: a) muitas biografias de figuras relacionadas à política, às artes, às ciências e à história; b) comentários sobre empreendimentos industriais e comerciais de São Paulo; c) muitos comentários sobre produtos novos, geralmente relacionados à higiene e à beleza; d) cobertura de festas e eventos sociais, políticos e esportivos; e) cobertura de assuntos internacionais relevantes como a I Guerra Mundial (1914 – 1918); f) muitas notas sobre a vida social em São Paulo, mostrando personalidades da sociedade e do meio político; g) e ainda fatos e comentários sobre bares, salões e teatros.

O conteúdo político era muito acentuado, já que pode se percebido por meio de várias seções com comentários políticos, apresentando também, fotos e notícias sobre prefeitos, governadores, presidentes ou até candidatos a cargos políticos e suas respectivas famílias. Podemos observar, charges relacionadas a assuntos políticos.

A divulgação da “sociedade” paulistana é o ponto forte da revista: a apresentação de pessoas da sociedade e os comentários sobre elas aparecem em todos os números e com grande destaque, por meio das seções: *Perfis*, *Coluna Chic*, *A Sociedade*, *Pantheon Chic*, *Elegância*, *Vida Social*, entre outras.

O momento, início do século XX, era de transição e as mudanças sofridas e toda “modernidade” vivida pela cidade de São Paulo era estampada nas páginas da revista. *A Vida Moderna* mostrava o progresso de São Paulo, tão comentado nesse momento histórico. Para isso, a revista se valia de notícias sobre empreendimentos comerciais e industriais, fotos de belas construções, matérias sobre o progresso econômico e arquitetônico da cidade.

O periódico era muito inovador e moderno, na medida em que, pois procurava sempre trazer novidades e tecnologia à suas páginas; novos produtos de higiene e beleza, assuntos atuais relacionados a política, a arquitetura, a sociedade e a moda; possuía conteúdos iconográficos em, praticamente, todas as suas páginas; muitos desenhos, caricaturas, charges, vinhetas e histórias em quadrinhos; muitas fotografias. As fotografias eram a grande “moda” na época, pois demonstrava a tecnologia que só estava ao alcance de quem possuía o poder econômico e conseqüentemente, o maquinário para tal produto. *A Vida Moderna* trazia, muitas vezes, fotos que ocupavam páginas inteiras, o que demonstrava que o periódico possuía um alto poder econômico e tecnologia avançada para sua época.

As fotografias, presentes em toda a revista, e consideradas uma das faces da “modernidade” pelo periódico, eram exemplos de inovação e requisito de uma revista de variedades bem conceituada.

Apesar da revista apresentar-se como uma revista de variedades e, aparentemente, sem qualquer compromisso com a literatura, a presença de textos literários foi constante e intensa em suas páginas.

Nelson Sodré afirma que, a partir do início do século XX, a literatura alcança uma maior influência no cont do das revistas denominadas de variedades.

As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que imprensa e literatura se confundiam e como que separando, ou esboando a separa o entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da aliena o cultural então vigente, buscando emancipar-se depois ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente críticas outras. (SODR E, 1999, p. 32)

A publicidade da revista sobre ela mesma era intensa: oferecia concursos e brindes aos seus assinantes; dispunha sua propaganda das mais variadas formas ao longo das páginas. Estas propagandas vinham nos textos editoriais em pequenos, médios e grandes comentários no decorrer da revista, em páginas exclusivas falando dos concursos, e em pequenas notas sobre brindes, além de apontar sua própria expansão e de enfatizar periodicamente “*as vantagens dos assinantes*”.

Além disso, dedicava um espaço considerável à publicidade de vários tipos de produto, já que cerca de 25% de alguns exemplares eram somente de propaganda, que ocupava ora os rodapés, ora páginas inteiras da publicação. Seu público-alvo era a elite de São Paulo, todavia, isto não significa que a revista não chegasse a outras camadas da população paulistana.

QUANDO O APPETITE FALTA



e a digestão é irregular e se apresentam os primeiros symptomas de incoercidade etc. deve-se experimentar a **Somatose** líquida.

A **Somatose** estimula o appetite d'uma maneira natural Physiologica, melhorando a secreção dos succos digestivos, do que depende o appetite. O trabalho dos orgãos digestivos regularisa-se e a formação mais sã do sangue e melhor nutrição do corpo inteiro, produzem um fortalecimento duravel dos orgãos digestivos e dos nervos.

Em vez de se obrigar as crianças a comer, deve-se dar-lhes tres vezes por dia a **Somatose** líquida.

Deveis pedir na primeira pharmacia ou drogaria **Somatose** líquida de sabor doce ou secco, e ferruginosa; em frascos originaes com a cruz Bayer.

A revista trazia inúmeras matérias ilustradas. Podemos dizer que cada página possuíam, em média, 60% de ilustração e cerca de 80% de suas páginas totais continham algum tipo de ilustração (considerando ilustração qualquer espécie de desenho, pintura e foto).

Freqüentemente, víamos na revista fotos dos formandos da Faculdade de Direito de São Paulo, que, algumas vezes vinham acompanhadas de pequenas descrições destes e de suas respectivas famílias. Isto mostrava uma boa relação entre o diretor da revista e o diretor da faculdade. Outra evidência que nos leva a essa conclusão é justamente o fato de muitos colaboradores da revista serem formados ou freqüentarem a Faculdade de Direito em São Paulo.



Ilustração 27 – Foto de estudantes da Faculdade de Direito, n. 26, 1907.

3.2 Os colaboradores

Os inúmeros colaboradores dessa revista escreviam sob pseudônimos e alguns apareciam e desapareciam ao longo dos anos da revista. Por essa razão, resolvemos listar os nomes que assinavam com mais frequência algum texto na revista.

Estes nomes independem do gênero de texto que assinavam, autores já consagrados, de textos publicados ou re-publicados no periódico. Não nos foi possível encontrar registros de muitos dos nomes que destacamos abaixo, até mesmo pela dificuldade de elucidar muitos dos pseudônimos. Logo após a disposição desses nomes, teceremos um quadro com alguns dos autores sobre os quais obtivemos informações.

Tabela 4 – Colaboradores (nome e pseudônimo) permanentes e esporádicos

de *A Vida Moderna*

Aguiar Coimbra	Inácio da Costa
Alberto Nunez	Isabel Vieira de Serpa
Alda Fonseca	Isaias Oliveira
Almeida Brandão	(Janjams)
Álvaro Freire	(J. de F.)
Amaury Fonseca	(Jota Fura)
Ambrozio da Conceição	João da Penha
Ângelo Mendes	João Garoa
Antenor Ansuaprão	(João que Ri)
Antonio Paes	João Ribeiro
Antonio Silvestre	Joaquim Manso
Antonio Só	Jonas da Silva
Antonio Telles da Silva	José de Andrade
Arlindo Barbosa	José Quintela
Artur Pacheco	José Velho
(A. S.)	(J. Semana)
Atusgasmin Medici	Julio Freire
Baptista Santiago	Lellis Vieira
Barthelemy	Leonardo Mascello
Beatriz D'almeida	Lourenço Filho
Bellis Vieira	Luciano
Bievrino Junior	Luis Chiaffarelli
Blasco Soler	Luiz Pistarini
Brunno Ferraz	Marilia Torres
Carlos Ribeiro	Marques de Cruz
(Cavaquinho)	(M.A.S.)
César Godoy	Mauro Sylvio
Cid Franco	Mendes Tavares
Coelho de Carvalho	(M. M.)
Cornélio Lima	(Nenêca)

Correia de Oliveira (C. P.)	Nerval Bernardes
Dácio Diana (D. Quixote)	Noé de Mattos
(Dr. Bisturi)	O. Muniz
(Dr. Tip Top)	Orlando E. Braga (P.)
Edgard de Mello	Pádua de Almeida
Eduardo M. Fernandez (Egina)	Paulo Gonçalves
Elisa Portela da Cruz (Elmano)	Paulo Montegazza
Enrico D'ávila	Paulo Pires
Enrico Ferri	Paulus Priseum (Pedralvares)
Estellita Tapajós	Pedro Rabelo
Euclides Gomes (F. Olandim)	Pereira Passos
Francisco Gaspar	Philomeno Stamato Sobrinho
Freitas Guimarães	Plínio Borgeo
Frontão Boa Vista	Plínio Barroso
Freitas Guimarães	Raul Machado
Gabriel D'alnuncio (G. C.)	Raphael
Giorgio Bolsa	Raymundo Reis
G. Gardim	Ricardo D'albuquerque
Glauro Vidal	Roberto Junior
G. Livares	Rocha Ferreira
Gonçalves Crespo (G. P.)	Rocha Pombo
(G.S.)	Rosa Lima
Gustavo Teixeira	Saul Maia
Helio Florival	Sergio Ribeiro
Henriels	Tapajós Gomes
(Herculino)	Themudo Lessa
Ildefonso Falcão	Theodorito de Brito
	Trinco
	Vasco Santanna e Silva
	Victor
	(X. P. T.)
	Wladimir Pinto Xisto.

Fonte: *A Vida Moderna* (1907 – 1929).

Tabela 5 – Colaboradores de destaque na publicação: breves comentários

NOME (PSEUDÔNIMO)	NACIONALIDADE	ATUAÇÃO EM A VIDA MODERNA	ATUAÇÃO EM OUTROS PERIÓDICOS
Alfredo E. P. Assis	Brasileiro	Poemas	
Álvaro Pinto (A. Pinto)	Português	Poemas	<i>Nova Silva, A Águia e A Vida Portuguesa</i>
Amadeu Amaral (Max Til)	Brasileiro	Poemas / Crônicas	<i>O Estado de S. Paulo, O Pirralho.</i>
Armando Prado	Brasileiro	Crônicas/ Contos	
Aristeo Seixas	Brasileiro	Poemas/ Crônicas	
Athanásio Saltão	Brasileiro	Crônicas	<i>Careta, Paiz e Malho</i>
Coelho Neto	Brasileiro	Poemas / crônicas / conto	
Emiliano A. C. de Albuquerque Melo (Di Cavalcante /Emiliano Di Cavalcante (G.S.)	Português Brasileiro	poemas, fez ilustrações e caricaturas; crônicas	<i>Fon-Fon</i> <i>O Estado de São Paulo.</i>
Guilherme de Almeida	Brasileiro	Poemas	

Gustavo Teixeira	Brasileiro	Poemas	
Inácio da Costa Ferreira (Ferrignac)	Academia de Direito de São Paulo	Caricaturas e Charges	<i>O Pirralho e A Cigarra</i>
Pedro Rodrigues de Almeida (João de Barros)	Português	Poemas e crônicas	
João Grave	Português	Poemas / textos de prosa	<i>O Estado de S. Paulo.</i>
João Luso	Português	Crônicas	<i>O Estado de S. Paulo.</i>
Leo Vaz	Brasileiro	poemas	<i>A Gazeta</i>
Luiz Carlos	Brasileiro	poemas	
Julio de Mesquita (Mephisto)	Brasileiro	Crônicas	<i>O Estado de São Paulo.</i>
Ramalho Ortigão	Português	Textos em prosa	
Sud Menuncci (S. M.)	Brasileiro	poemas	
Vicente de Carvalho	Brasileiro	poemas	<i>Patriota, A Idéia Nova, Piratini, O Correio da Manhã, A Tribuna, O Estado de S. Paulo (sob o pseudônimo de João d'Amaia), Revista dos Educadores, Diário de Santos, e fundou o Diário da Manhã</i>
Yde Schloenbach	Brasileira	poemas	

Fonte: *A Vida Moderna* (1907 – 1929).

www.itaucultural.com.br

3.3 Folheando a revista: seções

A Vida Moderna possuiu inúmeras seções que se alternavam e se modificavam ao longo dos anos. Algumas seções variaram muito de tamanho: umas diminuíram, outras ganharam mais espaço. Grande exemplo foi a coluna de esportes, que começou ocupando cerca de duas páginas inteiras e foi diminuindo, gradativamente, chegando a ocupar somente 1/4 de folha.

A publicação contava, em todos os seus exemplares, com uma capa, uma espécie de folha de rosto e um expediente. Adiante, explicaremos melhor cada uma dessas páginas. Consideramos capa a primeira folha da revista. Nela se colocava, no alto e em destaque, o nome da revista seguido de data, ano, número e periodicidade. Esse cabeçalho trazia também, e em destaque, uma foto ou outro tipo de ilustração.

As capas eram de extrema importância nas publicações do período, eram o chamariz do leitor. No caso de *A Vida Moderna*, as capas eram muito coloridas, compostas de ilustrações ou fotos e traziam assuntos políticos e sociais, grandes estrelas e astros do cinema internacional como William Duncan (n. 387/1920) e grandes pintores como Di Cavalcanti (n.321/1915) e Humberto Della Lata (n. 219/1914).



Ilustração 28 – Capa de *A Vida Moderna*, n. 212, 1914.



Ilustração 29 – Capa de *A Vida Moderna*, n. 219, 1914.

As consideradas folhas de rosto vinham depois da capa e uma série de mais ou menos oito páginas de propagandas e, continham, assim como a capa, o nome da revista em destaque, número e ano da revista, data, um subtítulo e uma foto ou ilustração, geralmente de algum político com comentários amistosos e agradáveis. ou personalidade importante, seguida de uma pequena matéria sobre essa pessoa.



Ilustração 30 - Folha de rosto, n. 212, 1914.

A primeira edição da revista foi publicada em 15 de outubro de 1907 e contou com 23 páginas, sendo elas a capa, a folha de rosto, o expediente, 8 páginas de propagandas diversas e o restante distribuídas entre as seguintes seções: *Nova Fase*; *O Brasil Atual*; *Polícia*; *Álvares de Azevedo*; *Olympio Lima*; *Os Banquetes*; *Barão do Rio Branco*; *Museu*; poemas (sem nome de seção); *Pelo Telefone*; *Sports*; *Artes e Teatros*.

Dentre essas seções, algumas perduraram oscilando durante a existência do periódico, outras sumiram e algumas outras apareceram. Comentaremos, a seguir, cada uma das principais seções da revista.

Nova Fase – Essa seção teve início no primeiro número da revista, já no segundo número, passou a ter o nome do próprio periódico, *A Vida Moderna*, nome que mais perdurou. Todavia, a seção possuiu ainda outro nome: *O Nosso Progresso*. Esta seção tratava de assuntos do próprio periódico, informando o leitor sobre as mudanças ocorridas na revista, tais como conteúdo, diagramação, edições especiais, mudanças nos preços da assinatura, aquisição de máquinas, etc. Oscilou durante toda a publicação: ocupava cerca de uma coluna e meia, sendo que cada coluna ocupava em média 9,5 cm com X 14 cm dentro de uma página e, aparecia no início da revista. A seção não era assinada e não possuía ilustrações.

A VIDA MODERNA

EX. SPORTMAN

REVISTA QUINZENAL

POLITICA, LITTERATURA, ARTE,
CRITICA, SPORT E VARIEDADESDIRECTOR
Arthur Reis Teixeira

Expediente

Redacção e officinas:

R. Cap. Salomão, 16-Caixa 218

Assignaturas:

Capital - anno	68000
Para fóra "	78000
Numero avulso	8300
" atrazado	18000

" A Vida Moderna "

A animadora aceitação dispensada á nossa revista até o presente e o generoso agasalho com que foi recebida a nossa edição do Natal, commemorativa do 2.º anniversario da d. *A Vida Moderna*, tem-nos sobejamente conentado na continuação da árdua empreza a que nos propuzemos logo no inicio da nossa publicação.

Oscelogios e applausos que nos tem dado a severa imprensa de nossa paiz, constituiram tambem vigoroso incentivo para a continuação do nosso recompensado esforço.

E' verdade que si não fosse essa poderosa força estimulante, teríamos entregue toda a nossa boa vontade, todo o nosso incangavel trabalho á suspensão da nossa revista, porque quem como nos sabe avaliar a ingratitude que nos arrastam as publicações da natureza da nossa, não precisava dois annos de continuos esforços para dar-se por vencido ante ás exigencias e pretensões de muitos.

Felizmente chegámos até aqui e com orgulho podemos dizello, sem que a isso vá valida de alguma, mas satisfação íntima, que temos no passado, que é para *A Vida Moderna* um patrimonio limpo de applausos graçados na severa justiça dos outros, a despeito dos terriveis obstaculos que nos tem surgido principalmente os motivados pelo constante abuso de pessoas sem o minimo escrúpulo e que não possuindo a necessaria força de ventulo para sustentar uma lucta séria, não vacillam em praticar actos pouco dignos e que quasi sempre redundam em prejuizo daquelles que só sabem trabalhar com honestidade e independencia.

Entramos com o presente numero no terceiro anno de vida jornalística e procuramos nos entrar d'um modo o mais perfeito possível. Para isso vamos melhorar todas as nossas seções e abrir muitas outras, publicar artigos dos melhores dos nossos escriptores e estampar em cada numero, além das gravuras de interesse geral, como tem sido até aqui, cinco instantaneos, pelo menos, surprehendidos no nosso movimentado Triangulo Central.

E para que *A Vida Moderna* tenha maior circulação iniciaremos tambem a venda avulsa nas ruas.

Tudo isso sem alterar o preço de cada numero, nem o das assignaturas, só para corresponder cada vez mais aos nobres intentos do publico intelligente que nos lê e que sabe applaudir o nosso esforço.

Polícia ou Atualidades – Essa seção teve início nos primeiros números da revista e sua publicação oscilou durante toda a sua existência. Tratava de questões do cotidiano e do momento contextual: geralmente acontecimentos e injustiças que aconteciam durante a semana ou o mês de publicação do periódico. Ocupava cerca de 1 coluna e aparecia nas primeiras páginas da revista. Essa seção geralmente não era assinada e, quando assinada, apareciam pseudônimos diversos como Teramano, G., G.S., M.M., Cavaquinho e Befros.



Actualidades

Noticiou a imprensa que entre as felicitações enviadas a excelsa princesa Isabel, em 13 de ma-

to ultimo, data que representa na nossa historia o sacrificio de um throno pela redempção de uma nação, sabiamon-se a do presidente Penna, que rompendo com um mal entendido preconceito, filho de um particularismo extremo e injusto, entendem que cousa alguma o impedia de dar archas aos seus sentimentos de admiração e respeito pela nobre e generosa filha de Pedro II. O acto do presidente da Republica pôde ser censurado por aquelles cujo espirito de intolerancia os inibia de comprehenderem a sua alta significação moral; mereça, porém, os applausos da grande maioria da nação, da parte sã e enla de sua população, que sabe ter na devota e nobre virtudes e dotes do coração daquelle que devia ser hoje a suprema encarnação da nossa soberania. Não quiz o destino que sobre a sua cabeça pousasse a coroa da rainha, que ella saberia honrar como a soubo o seu saudoso e magnanimo paer; esse facto, porém, não lhe arrancou da alma os sentimentos innatos de patriotismo e nem lhe baniu da imaginação a lembrança plangente da terra que lhe serviu de berço. Foz bem o presidente Penna; a Republica não é incompativel com os sentimentos nobres e altruisticos e, se até aqui se tem mostrado avara para com os vul-

tos proeminentes do antigo regime, que tentado a honrabilidade de se conservarem às suas crenças, não lhes deve entretanto negar o respeito e a admiração a que fazem, já pelo bellissimo exemplo que nos offerecem com a sua firmeza inflexível de caracter.

São qualidades raras e apreciáveis, que devem ser cultivadas com especial carinho e cuidado; esses exemplos vivos são como pias flutuantes a mostrarem o caminho da honra e do dever aos naufragos perdidos neste immenso oceano de corrupção.

É tempo de se fazer justiça a quem merece de se extinguir com odios e rancores a forma, em torno da Patria, que é mais do que a Republica, um nucleo forte de espiritos esclarecidos, que a guiem, que a dirijam, que a façam pujante e poderosa, sem as paixões iníquas de crenças, pois tanto é patética a que se entusiasma com o vermelho tórax de um barrete phrígio, como a que se curva reverente ante a magestade imponente de um throno. A Republica só será forte quando souber fazer justiça aos seus adversarios, reconhecer os seus meritos e proclamando as suas virtudes. O exemplo dado pelo presidente Pena é um bom symptoma: marca o renascimento de uma era de paz, de harmonia e de concordia entre a grande e pequena familia brasileira.

Text. 1908

Ilustração 33 – Seção “Actualidades”, n. 40, 1908.

Museu – Essa seção apareceu em praticamente toda a publicação da revista, com exceção de alguns poucos exemplares. Trazia muitas frases satíricas a respeito de situações e pessoas daquele momento. Ocupava de meia a uma coluna e aparecia entre a oitava e a décima-sexta página da revista. Não era assinada e não possuía ilustrações.

Pelo Telefone – Essa seção apareceu em muitos exemplares do periódico e se parecia com a seção *Museu*, pois trazia frases satíricas a respeito de políticos ou de personalidades daquele momento. Ocupava cerca de meia ou uma coluna por página da revista e sempre aparecia logo após a seção *Museu*. Era geralmente assinada por Trinco e não possuía ilustrações.

Banão do Fio Branco

Do Haya - Escrivão publicista

A maravilhosa vida de um homem moderno e de... do Rio Branco... a vida de um homem moderno...



Finha, V. não é o que se diz... Não se esqueça, com esta seção, o leitor tem a...

Rio Branco... a vida de um homem moderno... a vida de um homem moderno...

"P. Dubonnet" branco... O Sr. Moraes & P. Dubonnet... a vida de um homem moderno...

Museu... A coleção... a vida de um homem moderno...

No baile... Uma vez que se vai ao baile... a vida de um homem moderno...

Quem sou?... É uma pergunta que se faz... a vida de um homem moderno...

Incerteza cruel... Não se sabe ao certo... a vida de um homem moderno...

Em vão!... É uma coisa que se vê... a vida de um homem moderno...

... a vida de um homem moderno... a vida de um homem moderno...

Pelo telefone... É uma coisa que se vê... a vida de um homem moderno...

Ilustração 34 - Seções "Museu" e "Pelo Telefone", n. 25, 1907.

Sports, Vida Esportiva e Notas Esportivas - Era a mesma seção, que, por vezes, mudava de nome. Chegava a ocupar duas páginas inteiras e apenas 1/2 coluna de uma página. Essa seção permaneceu durante toda a existência da revista. Ela possuía algumas subdivisões como Football, Turf, Regatas e Esgrima. Era na maioria das vezes assinada, e os colaboradores mais constante nesta seção eram J. Semana e Victor.

Loteria da Capital Federal

Extrações sob a fiscalização do Governo da União

SABBADO 22 DO CORRENTE

100:000\$000

SABBADO 14 DE MARÇO

200:000\$000

Os bilhetes acham-se à venda em todas as casas lotericas do Brasil

SPORT

Academia de Esgrima

No certamen sportivo que essa escola realisou no dia 4 do corrente, no Salão Steiuway com bem organizado programma, bastante agradou a presença, porém fua sociedade que ali se apresentou. Os amadores portaram-se discretamente, bem como o alumno Lenci, na aula do prof. Macri, recentemente vindo do estrangeiro, bateram-se tambem os profs. Sallerni e Latini, Macri e Salerni etc. alcansando francos elogios da assistencia pela correção, agilidade e elegancia o sr. prof. Latini, que apesar de afastado desse sport é sempre um mestre no terreno do combate.

Al ilhantou a reunião uma esplendida parte musical na qual salientou-se o sr. David Abreu, que exeeu no piano diversas peças, dentre as quaes *Alce*, canção popular, de sua lavra que agradou geralmente.

Felicitemos a Directoria do Club Forças Unidas pelo exito de esse torneio.

Queijos de Minas

Não ha nada que se possa comparar com os que se encontram na *Confetteria Vinueto*.

Rowing

Club Esportivo

Este futuroso club nautico cuja directoria é inenunciavel em proporcionar excellentes reuniões, está organisando mais uma grande festa que pretende realisar em 5 de Abril, tendo sido já encomendadas na Europa as melhlias que deverão ser distribuidas aos vencedores dos diversos pareos.

A esse torneio que promette ser de grande importancia concorrerão diversas sociedades desta capital e de Santos.

CHOCOLATE — Prefiram sempre o delicioso da premiada **Fabrica Falchi**. Fortaleçam o corpo com o constante do puro cacão Falchi.

"Gremio Dramatico e Recreativo Paulista"

Foi com grande brilhantismo que este sympathico centro realisa a sua 14.ª recita social.

A assistencia fina e selecta applaudiu calorosamente o fino drama *Cynismo e honra* de Morcos d'Assumpção, levado a scena pelo disciplinado grupo de amadores que souberam dar grande realce aos seus custosos papéis: sob o de justiça salientar os srs. Ferreira Cima, Bernardo Logido e M. Fran Kol e a senhorita Adeline Barros que revelou bastante talento no papel de Amélia.

Depois do espectáculo seguiu-se um animado baile que se prolongou até a madrugada, sendo pela directoria do club offeresido á imprensa e aos representantes dos clubs que se associaram a esta festa um delicado copo de cerveja.

Ilustração 35 — Seção "Sports", n. 33, 1908.

Charadismo e Quebra-cabeças — Eram duas colunas de entretenimento que apareciam juntas na revista, na maioria das vezes, embora, algumas vezes também, aparecessem separadas. Cada uma ocupava uma ou duas colunas por página, oscilando

durante toda a publicação da revista. Constituíam a última matéria da revista, vindo, depois delas, as páginas finais com propaganda. *Charadismo* trazia várias charadas, pequenas piadas e, geralmente, era assinada por Dr. Tip Top. Já a seção *Quebra-Cabeças* trazia vários problemas de lógica para serem solucionados pelos assinantes. Para ambas as seções, a revista estipulava prazos para que os assinantes conseguissem solucionar os desafios propostos e enviassem a resposta à redação. Os ganhadores recebiam prêmios da revista.

Charadismo

Torneio Janeiro-Fevereiro

Premios para o melhor decifrador e para o autor do melhor trabalho.

Charadas avulsas 15 a 17

1-2 Joguei a pedra no tecido que cobria a abóbora.

D. CASMURRO

2-1 Na floresta é que se vê como tem coragem o rustico.

S. V.

3-1 Descanço somente tem quem não trabalha.

ARARIGOLA

1-1 Nota neste rio a planta.

SÁ PATO

2-1 No rio da Dinamarca estava o verme.

GACCHO

Charadas casais 18 e 19

2 Fructo de madeira

S. V.

1 O instrumento está no cofre

POSTAL AMBULANTE

Logogripho 20

(Ao Paquiletes)

Com um charadista destes

É inútil que se trate: 3-4-4-4-6

Do enredo das charadas 5-6-3-1

Já conhece a melhor parte: 4-1-5-1

—Decifra qualquer enigma

De difícil solução.—

Isto não é caçoada

Nem também provocação.

JAYPERSEL

Charadas syncopadas 21 a 23

3-Lá no quartel certa vez,

Um soldado do terceiro

Formou briga no terreiro,

Matou cinco feriu trez.

Foi preso por um tenente,

Que sem dó nem piedade,

É mesmo por crueldade,

O prendeu num quarto quente.

E mandou dar-lhe uma soca

Com forte e grossa bengala,

Até que perdendo a fala

Foi levado para a côxa - 2 -

CAPNÉ JUNIOR

4-E' muito inconstante este rapaz - 2

ARARIGOLA

3-E' extraordinario aquelle novato - 2

CINCO GALOPE

Metagramma 24

(2 comb. - varia a penultima.)

Este insecto transmite a doença.

RAUL LEAR (Santos)

Logogripho telegramma 25

(2-6-1-8

O animal ouvíá o murmurio?

(5-7-3-8

(2-5-4-8

ACANTHO

Aviso-O prazo para as soluções é de 20 dias para os decifradores da capital e de 25 para os do interior, a contar da data da saída desta revista.

CORRESPONDENCIA

Jos. Athos, Venus. - Inscripto. Onde mora o colega?

Huot, Raul Lear (Santos), S. V. - Inscriptos.

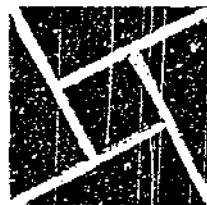
Dr. Tip-Top.

Quebra-cabeças

Foi vencedor do torneio passado o *Dr. Karl*, por sorte, visto ter havido empate de pontos.

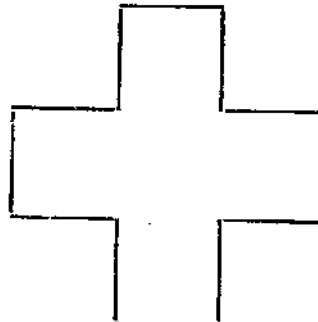
O premio, que é uma cigareta, achase nesta redação á sua disposição.

Solução do problema n. 4:



Enciaram soluções certas: *Jos. Athos, Venus, Luizinho, Boby, Félix.*

Problema n. 4



Es aqui um problema que parece ser muito simples á primeira vista, mas aconselho aos meus caros decifradores que não o deixem para a ultima hora, pois subirão talvez frustrados nos seus esforços si não encontrarem promptamente a solução.

Consiste este quebra-cabeça em nada mais que o seguinte: cortar uma cruz grega em quatro pedacos iguaes, isto é: dividi-la em quatro partes do mesmo formato e contendo a mesma area, juntar estes pedacos formando um quadrado perfeito.

Lutiby.

Ilustração 36 – Seções “Charadismo” e “Quebra-cabeças”, n. 31, 1907.

Instantâneos e Os Nossos Instantâneos – Eram seções que traziam várias fotos “espontâneas” das ruas de São Paulo. Algumas vezes, essas fotos vinham sem um nome específico, mas estavam presentes em praticamente todos os exemplares. Essas seções ocupavam cerca de uma a duas páginas e não eram assinadas.



Ilustração 37 – Seção “Os nossos instantâneos”, n. 214, 1914.

Perfis, Perfis Femininos, Coluna Chic, A Sociedade, Pantheon Chic, Dicionário da Vida Moderna, Elegância e Vida Social – Eram seções que traziam muitas fotos de personalidades da alta sociedade de São Paulo, principalmente. As fotos geralmente vinham acompanhadas de comentários ou pequenas lisonjas e poucas vezes apareciam somente os comentários sobre pessoas da sociedade. Ocupavam páginas inteiras ou somente uma coluna;

algumas vezes estas seções chegavam a aparecer duas vezes no mesmo exemplar. Estas fizeram parte de todas as publicações da revista.

A VIDA MODERNA



Mlle. Fédia de Fernand.
 Primeiro prêmio de beleza no concurso organizado pelo jornal *New York American*.



S. Paulo Elegante
 Mlle. L. D.

Bondade e alegria de viver, diz Antonio Gil em seu mimoso *Luar de Janeiro*. Este verso pegado ao acaso no livro do poeta portuguez vem exprimir toda a figura daquella que hoje surge nesta mal acabada secção, muito longe de corresponder ao valor das nossas esboçadas. Mlle. L. D. encama a simplicidade, a belleza do espirito, a alegria natural de sua alma joven em toda a personificação da sinceridade.

Os seus dotes physicos correspondem perfeitamente ás suas qualidades moraes.

Alta e elegante, rosto ligeiramente oval, claro e rosado, ornado por uma farta cabelleira loira, muito loira, dotada ao rubro sol deste ardente janeiro, dão-lhe a expressão sympatica de um temperamento affavel e docil.

Seus olhos azues, muito azues, parecem espelhar a cor finissima do céu, como dois pequeninos lagos e ternamente baloiçados pela brisa subtil da primavera.

Pés pequenos de fada, deslisam na suavidade de uma valsa, como si fossem os de patinadores eximios a es-corregarem nos *rinks* gelados de Genebra.

Finamente educada em paizes estrangeiros, conserva ainda no falar um que accentuado e caracteristico dos francezes, que lhe dá elegancia *chic* e natural.

SAULO

Ilustração 38 – Seção “Perfis”, n. 82, 1911.

O Progresso Arquitetônico de São Paulo – Era uma seção que procurava, através de fotos de belas construções, demonstrar o progresso e vender a modernidade que a cidade de São Paulo buscava no período. Ocupando páginas inteiras, aparecia geralmente entre as páginas quinze e vinte. Esta coluna também perdurou muitos anos na revista, porém, oscilando.



© Progresso architectonico de S. Paulo



Palacete do dr. Oscar Moreira, sito á Alameda Eduardo Prado n. 18.

Ilustração 39 – Seção “O Progresso Arquitetônico de S. Paulo”, n. 96, 1911.

O Bebê, Cri-Cri, Diversão, Para as Crianças e Quebras-cabeças – Era uma seção infantil que começou em 1910. Como de praxe, esta seção também mudou de nome, chegando a aparecer sem um nome específico. Trazia fotos de crianças (filhos de famílias importantes da cidade), textos dedicados a crianças, lições de desenho e pequenas charges.



Pantheon Infantil



Lauro de Araujo, exímio violonista e assíduo leitor d' "A Vida Moderna"

Numa noite de S. João

Era costume antigo na fazenda do velho coronel Thomaz Carlos Verdes festejar S. João, com grande alacridade, na sua memorável noite. Este costume era ali comemorado com religiosa tradição e como um grande e obrigatório compromisso...

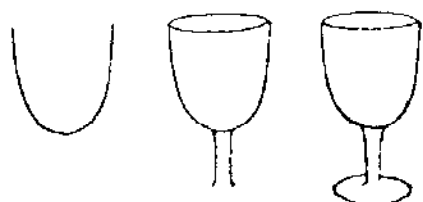
Nessa ocasião o coronel Thomaz redobrava de cuidados, não deixando faltar nada que pudesse empanar o brilho das festas anteriores, e obrigando a d. Euphrasia, sua velha esposa, a preparar os indefectíveis bolões de doce de laranja.

O nosso pachorento festeiro para poder dar expansão ao seu contentamento (o unico que tinha no anno) convidava as pessoas da vizinhança, fazendo questão da creançada que devia fazer companhia ao Zézinho, seu peralta e endiabrado neto.

Ao Zézinho e a creançada distribuía, nessa noite, grande quantidade de *bichas*, o que era para o coronel Thomaz—um regalo, vel-os pôr a casa em corrias.

O coronel era grande apreciador das laranjas em caldas, e lá pelas tantas da noite, depois da *ressa* ao Santo, (como se chama na raça) com ceremonial todo seu, reunia os convidados na varanda para saborear o seu predilecto doce, obrigado a vinho do Porto — Rocha Leão. Mas, esse anno, o velho teve, além da decepção um grande desgosto: — o mastro ao santo, fivado aos *riças* e *fojantório*; o crepitar da grande fogueira no meio do terreiro, limpo de vespera, e o esponcar das *bichas* queimadas pela pequerruchada — tinham perdido seu encanto, seu atractivo... pois o coronel não comeu o desejado doce e nem permitiu que os seus convivas comessem: o Zézinho que era damminho e glutão, justamente, quasi á hora de servir a mesa, ganhou furtivamente a porta da dispensa, indo directamente ao maior dos bolões (com intuito de furtar uma cubiçosa laranja assucarada) e delirou-se tanto sobre a boca da vasilha de barro — que cahiu afundando-se na calda.

Lição de desenho



E' assim que o mestre Lapis, meus leitoresinhos, nos ensina a fazer um copo. Seguindo esses traços conseguireis fazer um igual.

Admiração do Juquinha

Juquinha ao chegar em casa de regresso da escola, pergunta:

— Mamãe, então as festas dos santos das creanças (referindo-se as de Santo Antonio, S. João e S. Pedro) vão ser mudadas para a ocasião do encerramento das aulas?

— Que tolice, meu filho; porque?
— Pois, o mestre — responden Juquinha — disse que, no fim do anno, vae haver muita "bomba"!

A *Vida Moderna em Campinas*, entre várias outras cidades e países, e *O Progresso de Guaratinguetá*, entre outras cidades – Era uma seção que surgiu em 1912 e perdurou praticamente até o final de revista. Trazia fotos e notícias da cidade visitada pela revista, ocupando cerca de uma a sete páginas. Chegou a trazer notícias e fotos de outros países, como, por exemplo, Portugal.

O progresso de Guaratinguetá

Nesta edição da revista, apresentamos um panorama geral do desenvolvimento da cidade de Guaratinguetá, desde sua fundação até os dias atuais. O texto aborda a evolução urbana, econômica e social, destacando as conquistas alcançadas e os desafios que ainda permanecem.

O progresso de Guaratinguetá

Esta seção traz uma análise detalhada das mudanças ocorridas na cidade, com ênfase na infraestrutura e na qualidade de vida. São abordados temas como educação, saúde pública e o papel da imprensa na sociedade.

O progresso em Guaratinguetá

Esta seção apresenta uma visão mais ampla do progresso da cidade, incluindo aspectos culturais e sociais. As fotografias ilustram a vida cotidiana e as atividades comunitárias.

Progresso de vida de bondes elétricos - A entrega dos bondes elétricos por intermédio José Felício

A inauguração dos bondes elétricos em Guaratinguetá representa um marco importante na história da cidade, facilitando o transporte público e melhorando a mobilidade dos cidadãos.

O PROGRESSO EM GUARATINGUETÁ



De cima - Colação do Sr. Paulo de Barros e representantes do governo do Estado e Câmara em sessão no Guaratinguetá. Abaixo - A visita dos representantes do governo do Estado e imprensa à Associação dos Guaratinguetenses. Em meio - Um aspecto do trabalho agenciado à chegada dos representantes do governo do Estado e da imprensa.

O progresso em Guaratinguetá



Um aspecto do Banquete oferecido aos representantes do Estado e da imprensa pela Câmara Municipal de Guaratinguetá e realizado na residência do seu presidente César de Paula Rodrigues Alves.



Um grupo de gentes brasileiras nos momentos, parte do Banquete realizado na residência do presidente da Câmara Municipal César de Paula Rodrigues Alves.

O PROGRESSO EM GUARATINGUETÁ



Al Bando de proclamação e entrega do Grupo Escolar que inauguramos na administração do Governador do Estado e da inauguração à instalação do Gabinete do Sr. Paulo Rodrigues Alves.

O progresso em Guaratinguetá = Inauguração da linha de bondes elétricos -



Um aspecto da festa em que a Companhia Luz e Força de Guaratinguetá ofereceu uma festa para os alunos, no momento em que estava a Sr. Synesia Pereira representante da Companhia.



Os representantes do Conselho de Estado, da imprensa e do Município à porta da estação de Apparecida, logo após a inauguração da linha de bondes elétricos entre Guaratinguetá e Apparecida.



Ilustração 41 – Seção “O Progresso em Guaratingueta”, n. 212, 1914.

A revista trazia também notícias de fatos contemporâneos à sua época. Assim, as matérias assumiam o nome dos fatos, como, por exemplo, a cobertura de eventos sociais e culturais como Carnaval, Natal, casamentos, velórios de personalidades da época.



Ilustração 42 – “A Kermesse no Jardim da Luz”, n. 218, 1914.

3.3.1 Literatura e Afins

A literatura possuía um espaço cativo nos exemplares de *A Vida Moderna*. Considerando a proporcionalidade de textos na revista (60% figuras e 40% de texto), podemos dizer que destes 40% de textos na revista, 20% podemos considerar como literatura ou relacionado a ela. Muitas vezes as seções literárias que não possuíam um nome específico: trazia como título o nome do autor ou do texto. O espaço era muito relativo e as ilustrações também.

O periódico ainda possuía, desde o seu início, uma seção de crônicas cujo nome sofreu várias alterações. Esta seção foi chamada de *Crônica*, *Chroniqueta*, *Crônica do Rio*, *Chronica Ligeira*, *Chronica Fotográfica*, *Ver e Falar*, *Azulejos*, *Moscas e Cabelos*, *Moscas*, *Sol de Portugal* e, algumas vezes, aparecia sem um nome específico. Essa seção foi uma das poucas que esteve presente em todos os exemplares sem um local fixo, mas podemos considerá-la como seção fixa. Aparecia muitas vezes na página do expediente, ocupando cerca de uma coluna e meia a duas colunas, mas também aparecia ao longo da revista, chegando até quatro crônicas por exemplar. Era assinada por vários autores G.C., Pedralvares, Elmano, Dr. Bisturi, Eduardo M. Fernandez, P., Amadeu Amaral (Max Til), Coelho Neto, G.S., João de Barros, João Luso, Julio de Mesquita (Mephisto), Artus, e, não possuía ilustrações. Armando Prado assinou todas as publicações de “*Chronica do Rio*”.

SONETOS

Adormecida

*Mãe adormida a vir toda encoberta,
Na coberta do seio, vir de rosa.
Fica assim flor assim adormecida,
Tão lázara, tão gentil e tão fecunda.*

*Não parecia pedreira a vida,
Pálida e fada, lânguida e raiante,
Qual se fora a tua estrela adormecida,
A si abalho, me era esplendorante.*

*Em a seisante fiqui, comoa indolente,
No seu leito gentil e cheio pendente
Na primavera dos primeiros raios.*

*Quem assim vivia, abalatao,
Porque tua alma não pôs fôrca,
Tua tenor e mais dos desengano.*

Isabel Vieira de Serpa

Crença barbara

*Combate terrível, a tarde esfumando,
Colma os ares estendo doces eboas aduantes,
Já se abate sobre a terra ensombrando,
A colheita flui de latidões passantes.*

*Desse infinito paz sobre a terra joranda
De calheiras mil, de caxias palpitate,
Sêde na encrua e a tua desolada,
Anochalhando em laços mofos e vapores.*

*Não te dáias de Oltas pallidas e ferveras,
Tejas, terra m'acinda, de solidões empicras
Do Wobolito lázaro, os becos preferidos.*

*E de a, grande abor a tarde a sobaria de bruma,
Fus o angustias do mar e das lutas de espuma,
E de a a hipoteses de caxias de crenças.*

Alfredo E. P. de Assis

Mãe

*Melito neta rala miseranda
Em locus de tempo, em locus oute;
E como a destruída em talo munda
Fêz a cecia no a terra paz.*

*Mas um vinda rala munda me este
Que di me fôrca p'ra seguir na lala
Em que neta segue tua munda de fôrca
Acho um p'vencor da munda rala.*

*E a luz que me guia na obscuridade
E me confecta p'ra seguir a vida
Em esta obscuridade do rala munda.*

*E de a, o rala munda, a rala munda
Em que neta segue tua munda de fôrca
Acho um p'vencor da munda rala.*

Augustina Rebel

Infeliz?

*Não é pois a realidade? É que eu não sou rala,
E a tua fôrca munda, e a fôrca munda,
Que, não munda, e a fôrca munda de quando munda,
E a tua rala da hipoteses munda.*

*Não é pois a realidade? É que eu não sou rala,
E a tua fôrca munda, e a fôrca munda,
Que, não munda, e a fôrca munda de quando munda,
E a tua rala da hipoteses munda.*

*Verdade! Não te existe, é como boa direza,
Mas infeliz e mais de munda, e a fôrca munda,
Acho um p'vencor da munda rala.*

*Supplente a tua p'vencor na obscuridade,
E a, si este chega a rala, e a fôrca munda,
Acho um p'vencor da munda rala.*

Yde Schloenbach

Ilustração 44 – Seção “Sonetos”, n. 26, 1907.

Os folhetins também apareceram esporadicamente, sem nome de seção específico, trazendo textos de autores consagrados como *O Prêmio da Virtude* de Emile Zola e *Fácil Celebridade* de Alexandre Dumas; apareceram também *A Agonia de Cícero* (sem autor) e *Medo* (sem autor). Ocupavam cerca de uma página inteira e vinham no final do periódico. A revista não possui número de página, percebemos no contato com a revista, que muitas das páginas desapareceram; Percebemos ainda um padrão nos sumiços de folhas; ocorreram principalmente nas folhas iniciais e finais. Notamos que as revistas possuem uma espécie de Segunda capa, o que chamamos neste trabalho de “folha de rosto”, sempre na página que constatamos como “11”, baseado nos números em que aparentemente o início está completo. Desta forma, da para notar que em algumas,

sumiram até mesmo 6 páginas no início (que consta aproximadamente um caderno). Quanto às páginas do fim, notamos que em alguns dos números (os mais extensos), há um grande número de páginas de propaganda; nos com menos, há poucas páginas destas. Na maior parte dos números há propagandas repetidas, então aparentemente alguém furtou páginas que já haviam em outros números, achando que assim prejudicava menos. Também não afastamos a possibilidade de alguma página de um dos números ter sido confundida e misturada com a de outros; a inexistência de inscrições nos pés e cabeçalhos torna impossível a identificação de uma folha isolada, mas as folhas pareciam bem encaixadas.

Não possuíam ilustrações e geralmente eram traduções de obras em sua maioria francesas. Devido a este sumiço de páginas justamente no local onde se encontravam os folhetins (últimas páginas) não podemos afirmar se foram publicados somente estes que citamos ou se existiram outros que se perderam. Foram poucos os folhetins publicados na revista, que tivemos acesso, em relação à quantidade de exemplares publicados no total.

Emilio Zola

O premio da virtude

TRADUÇÃO

— DE —

Ribeiro de Carvalho

VI

Os tios tinham promettido vingar-se nella das decepções e das luctas da noite anterior; mas, ouvindo-a falar assim, e vendo os homens descorregar os moveis e provisões deante da porta, olharam para a sobrinha e proromperam em soluços, sem saberem bem porque...

Parecia que uma invisivel mão lhes apertava a garganta, e estiveram um grande bocado sem saberem o que haviam de fazer, a'ogados em pranto sentindo uma commoção como nunca tinham experimentado. Conheceram, então, quanto amavam a orphan, e, rindo e chorando, ao mesmo tempo, correram a abraçá-la, com o que sentiram uma grande consolação.

VII

Um anno depois, Guilherme e Guilhermina eram os lavradores mais ricos daquellas cercanias. Possuiam uma linda granja nova, e os seus campos extendiam-se muitas leguas em volta da casa, tantas que não podia abrangê-las um só horizonte.

Não é para admirar que um homem enriqueça, e por isso ninguem se admirou daquelle mudança; mas, quando aquelle casal se tornou bom, muitos pensaram que tal procedimento encerrava algum claculo mysterioso. E, no entretanto, ainda que ninguem acreditasse, o certo é que os tios da *Irmã das pobres*, não soffrendo já os rigores da fome nem do frio, recuperaram o seu antigo bom coração; e, como haviam chorado muito, comprehenderam as miserias e maguas dos pobres; desde então, remediaram-nas sem egoismo.

As lagrimas continuam a ser sempre boas conselheiras.

Se os velhos não ambicionam já nem o vinho nem o luxo, não era alheia aquella mudança a secreta virtude das moedas que, recusando-se a servir para os despendícios, cresciam sem cessar para as boas obras.

Guilherme e Guilhermina amavam a pequena, evitando-lhe todas as fadigas e até os mais insignificantes trabalhos, pois era

seu proposito fizerem della uma senhora de brancas e cuidadas mãos.

— Occupa-te do teu toucado e não te importes com mais nada—diziam-lhe.

Mas a trabalhadora menina não fez a caso destes conselhos, porque teria morrido de tristeza se não tivesse outra occupação; mas do que ver correr as nuvens no céu. A quíreza distrahia-a menos do que os cuidados no asseio da casa, e respondia sempre:

—Deixem-me trabalhar: estou bem agasalhada, bem mantida e prefiro fazer estes trabalhos de casa a passar inutilmente horas ao espelho.

Dizia isto com tal sensatez, que seus tios, comprehendendo que ella tinha razão, não a contrariavam.

Levantava-se ás cinco horas da manhã para tratar dos arranjos domesticos, não para varrer e lavar como nos dias de miséria, pois não teria forças para limpar sózinha uma tão grande casa, mas para vigiar os criados e ajudá-os a fazer manteiga e a cuidar do curral.

Era a donzella mais rica e mais diligente da terra, e toda a gente se admirava de que, mudado de posição, ella não mudado de caracter, antes, pelo contrario, se mostrasse mais carinhosa e affavel para com os seus inferiores.

—Oh! Miséria! —dizia ella algumas vezes —Ensinaste-me a ser rica!

Tinha muita reverbção para a sua cidade, e entristecia-se pensando quão pouca util era nas suas mãos o dinheiro.

Os campos forneciam-lhe pão, vinho, azeite, legumes e fructas; os rebanhos, lã para o vestuario e carne para o alimento; os productos da granja bastavam de sobra para satisfazer todas as suas necessidades e as de seus tios. Até a parte, que tinha destinado para os pobres, era abundantissima. E essa parte, em vez de a dar em dinheiro, dava-a em viveres, lenha, peças de panho e tudo quanto julgava necessario aos mendigos, evitando assim que elles empregassem mal as suas esmolas.

Entre aquella abundancia, alguns montões de dinheiro, dormiam na malsarda, com grande desespero da *Irmã das pobres*, que teria querido antes ver aquelle espaço occupado por vinte ou trinta feixes de palha.

Preferia ver a palha, recompensa do trabalho, ás moedas logradas sem esforço; e isto fez com que, pouco a pouco, sentisse um desdem profundo por aquellas riquezas, boas para dormi em nos cofres dos avaros ou para rolatear nas mãos dos commerciantes.

Chegou a aborrecer-a tanto aquella incommoda fortuna, que, certa manhã, decidiu-se a fazê-la desaparecer, e assim o fez, guardando apenas a moeda, recordação proli-giosa da mysteriosa menelga.


Continua

De Monóculo – Essa trazia textos satíricos sobre os assuntos mais diversos: moda, política, literatura, sociedade. Ocupava cerca de uma página inteira e foi publicada esporadicamente no periódico. Foi assinada por Petit Matire durante todas as vezes em que foi publicada. Trazia textos e fotos.

A Voz da Modéstia

DE MONÓCULO

Monsieur que figurosto Pimacel, mal-guado a viridade p a pose das "marchas hontios" e das sauhantos do grand monde instruiu a *Blancos*, a quemel careção modicuna da *Carta de Noticias*, por tal forma levada a sociedade a interubiado a viridade, que não ha mudiad que despoito do est case honte em letiza esbultada, habido por dais mje eus amais eis. He guntado sobre os habitos e dos lugares elegantes



Na Rua de São Bento:

O sr. Roberto Melta encostado num banco esvel mais esvel 911 com pequenos botões de trapézicos pallidos

O sr. Joaquim Cordeiro, vestido de patrulheiro, de brayo dardo, com o Padre Gaslucu, a desahda a dispostura da garfa fim, que esbia.

O sr. Pedro Lino, em trajes orientura a caminho da Ilha de Monte Christo, agarrado a pancharia das transeantes com um bouquet de violetas das mioladas.

O sr. Sebastião Pereira, de passagem para o Castello, não se descuri a terceira dazia de Imprimidos de camises, das amanteladas.

O sr. Romão da Silva, tratado do Cordeiro Imperial a pé.

Na Rua de São Bento:

O sr. Figueira Cavado, ouvando o mechados e a pedreira que funcionaram na casa Eutimio Horta.

O sr. Bispo collega é particular amigo de Leopoldo de Freitas, consal da Guatimala, na dora porquencia de um appetito na Castella a adpencia *Sabonete e pão!*


O sr. Daniel Costa, na pelle do *Ozão*, comemorando o successo da festa do Municipal.

O sr. Joaquim Ayosche, trapado num poste de telephono, para logo a peregrinação dos esba. Por nos artigos do *Jornal do Commercio*, transcritos no *Commercio de S. Paulo e Rio no Centro de Comercio e Industria*.

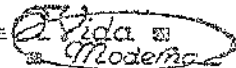
Petit Matire

Na Rua de São Bento:

O sr. Eduardo Rodriguez Alves, esbultado



O Momento Literário foi uma seção que surgiu por volta de 1915 e permaneceu até o final da publicação esporadicamente. Tratava de livros, falava sobre os autores, e publicava pequenos trechos da obra em questão. Ocupava uma página e geralmente aparecia no meio da publicação, com lugar de destaque.



O Momento Literário

CARLOS DIAS FERNANDES -
LIBRO DAS PARCAS - Paraíba
do Norte, 1921.

Um livro de Carlos Dias Fernandes que se recebe e sempre um rego animado.

O ambiente poeta, jornalista, glassoso de de a últimas de Aquilino, capaz de dar a publicidade a todos os volumes de mais formosos versos, diversos as parcas.

Além de Carlos e Simons, vamos nestes o poeta principalmente a sua elegância e o seu saber em fazer as melhores poesias, com os poemas, similitudes, e magníficas poesias de mais la de inspiração.

Já com o livro de Carlos Dias Fernandes, em que o poeta mistica a tres unida, a forma e a forma por que tem sido o reino dom das parcas.

em 2 de Setembro

Chegou ao mundo, cabi, pequeno,
mas vivo, a as tres unida no terreno
de liberdade e de meu destino.

Escutam as tres unidas, proteções de poeta que nasceu de que chegou a de Carlos.

Mas Carlos não come, platão, comido,
de como a forma, sempre a discionar
por as parcas, de o designo as parcas,
de modo de mais, seja poeta.

Carlos, além de o poeta, também, com um livro de Carlos Dias Fernandes, respeito os seus livros de poesia, também.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

de modo de mais, seja poeta.

quando, e sempre com a, quer na esta, que, quer isolado.

A expressão que delle emana é clara e escorreita. A simplicidade e elegância com que canta este poeta magífico, põe de no mundo entre os expoentes da poesia no Brasil, e no mundo se orgulha de outro maior que estado Brasil e conta entre os maiores e a grandeza brasileira tem nele um dos mais fortes expoentes.

Se os poemas de Carlos Dias Fernandes encantam pelo colorido e pela elegância etílica da expressão, os sonetos são impecáveis e cheios de vigor e de vida, com a força e a impassibilidade parnasiana.

A sua amizade pelos cães inspirou-lhe alguns sonetos de rara beleza. (Bobby) e um deliro:

Quando é instinto do amor humano, vinda
No teu corpo gentil de encantada,
Folhas de, como por encanto, assim,
A vida morre e estormenta.

O vento pelos muros que continha,
Cresceu, folhas, magua e parada,
E chamamento de los, embelezada,
Por te verem tão cedo em mão tornada.

Enfim, elegância e força e tres unidas
Nascem em gentis e deo manadas,
Que lá de alimentadas, não te danças.

Mostrando sempre os dentes e as mandíbulas,
Umam, em dentes do teu herco, atanças,
Arca tipo exemplar das três unidas.

Alguns versos são s magníficas assumem as proporções de um símbolo perfeito, com esse em que narra toda a vida por que entre os seus e guarda o de o mundo de poeta:

Sob os costumes e hirtos metenas,
Jarda festa, nada feita de um chat,
De o hirtante de as instrumentos,
Lamentando e retendo, em unido.

Não é, Deus, de expor, que te revista
As tres unidas e o que as parcas,
Manada e de, a o que as parcas,
A unam de, guardando as parcas.

Um livro de Carlos Dias Fernandes,
No meio de as tres unidas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

Quando, surge, os seus poemas, a forma,
São os seus poemas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

Um livro de Carlos Dias Fernandes, escrito
de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

de modo de mais, seja poeta, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas,
E o que as parcas, de o que as parcas.

Os contos também foram muito publicados em *A Vida Moderna*. Eles apareciam de maneira dispersa e sem um nome específico de seção ao longo da revista. Havia, também, os contos publicados nas seções infantis e em épocas especiais como a do Natal.

A VIDA MODERNA

Expediente
Redacção e officinas:
R. Cap. Salomão, 16-Calxa 218}

Assignaturas:
Capital - anno 63000
Para fóra " 73000
Numero avulso (NATAL) 13000



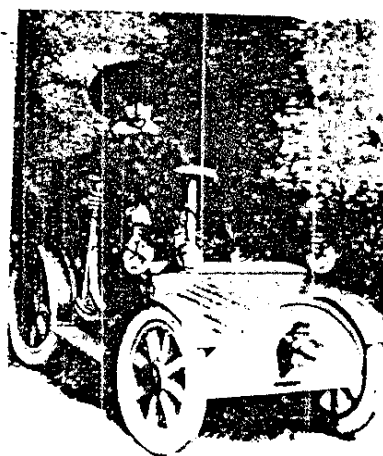
Jesus

A vida antiga despedia-se com os últimos clarões d'um crepúsculo de fogo, e dum ponto escondido do mundo apparecia a figura singular d'um homem, extraordinario, que vinha prégar, na palavra exalta de seu todo, um dogma sublime para a regeneração total da humanidade corrompida.

Da influencia augusta do Sinai famoso o peregrino philosopho doutrinou a excellencia d'uma religião, que, a principio, abraçada por proceyptos no acanhado ambito da Jerusalem gloriosa, haveria de atravessar os seculos de perseguições iniquas e ferir a tyrannia estúpida dos potentados para estabelecer-se estupendamente no coração de todos quantos sabem admirar e descobrir nas verdades do modesto Rabbino da Galilía o furo magnânimo que se envolve na aureola brilhante que as circunda, aureola feita de luz e de bondade, de caridade e de amor!

Mas, sua peregrinação sobre a terra deveria acabar ante a força bruta das bestas-feras, dos espiritos tacanhos que vagavam na cidade eterna; esse homem haveria de se inmolhar ao sacrificio de seu corpo e de seu espirito; e Christo enfim haveria de desaparecer abraçando-se à potencia escurrecidora da Morte!

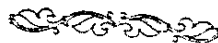
E cedeu a essencia da vida à lei inexoravel da inerencia; porém, com elle não se acabaria a religião nascente; secretarios devotos, apostolos fervorosos na pratica da virtude, continuariam a obra tão solidamente allecreada pelo divino mestre e glorificariam esse monumento soberbo, escurrecedor da colera dos tempos, que abriga a humanidade convertida e a humanidade transviada!



Cyrillo Bueno Filho, intelligente militante do nosso distincto amigo, Cyrillo Bueno.

Amor pela humanidade! Um homem como o divino Christo, que conseguiu a abor a face da terra, que conceben o ideal mais puro e mais perfeito d'uma religião redemptora dos males e purificadora das almas, merecenha mais do que sympathia — amor mais do que respeito — a veneração e esse acontecimento historico, tão verdadeiro e tão certo, faz jus a um assignado lugar de alto destaque no douzão da Historia de todas as patrias e de todas as religiões; e a lembrança do Christo, tão modesto e tão divino, reclama dos homens na terra a mais decidida das gratidões como exacta e melhor das homenagens.

ATTEN-SIX MARET



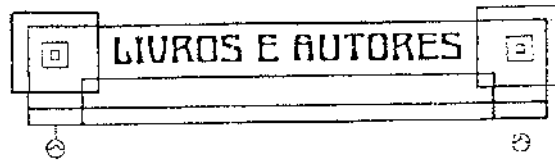
Do proximo numero em diante assumira as funções de redactor secretario d' *A Vida Moderna* o illustre moço dr. Luiz Silveira.

Damos esta noticia certos de agradecer aos nossos leitores e assignantes, que poderão contar com mais um excellento elemento para os continuos progressos desta revista.

No presente numero publicamos um mais moço trabalho de sua lavra: *As Cruzadas*.

Ilustração 48 – Seção de contos “Jesus”, n. 29/30, 1907.

Na seção *Livros e Autores*, que possuía espaço pequeno na revista, além de não aparecer em grande parte dos exemplares, podemos verificar uma crítica impressionista sobre os autores e suas respectivas obras.



Constelação do Sonho - Versos de Oscar Brisolla, 1907-1910.
Leônias Bernardinelli, editores, Jabú.

A *Constelação do Sonho*, livro de cerca de 90 páginas, que enfecham, mais ou menos 70 produções, entre poesias e sonetos, constitui, no nosso modo de pensar, uma auspiciosíssima estreia e significa uma gloriosa promessa para as letras patrias. Oscar Brisolla, é um espírito arrojado, de inspiração pungente e estilo delicado. Há em todos os seus versos a flagrante demonstração de um poeta plamaziista e inteligente, que conhece o segredo de juntar quatro palavras banais para fazer um verso delicioso.

O seu livro tem defeitos. A adjectivação sempre fecunda, é por vezes arrojada e impropria. Sem esfacelar a gramática, maltrata-a por vez - impiedosamente. Mas não há desanimar. Ao contrario! É necessário que reapareça, porque do seu talento muito se espera. Elle que tome para si os seus proprios versos:

O cumulo da Gloria é um tapete de dores

e muitas vezes, um primeiro livro, constitue o primeiro degrau da escada que nos leva ás paginas da historia.

Felicitando sinceramente a Oscar Brisolla, brindamos aos nossos leitores com o seu lindo soneto

Revoltas

A meu pai

Não pretendia expôr aos olhares profanos
os versos que compuz em noites tempestuosas,
ora cheios de dor e acerbos desenganos,
e cheios, muita vez, do perfume das rosas.

Qusado, penetrei as veredas tortuosas
das camaras sociais, habitações de arcanos,
e, revoltado, vi pessoas duvidosas
lambendo sem pudor os pés dos soberanos.

Extremeci de dor, tornei-me um rebellado;
a Hypocrisia eu vi, num ginete cançado,
esmagando a sorrir o Amor que agonizava...

Sou naufrago, meu Pae, neste oceano medonho!
em meus versos palpita a dor de uma alma escrava
e em cada estrophe móra o cadaver de um sonho!

Ilustração 49 – Seção “Livros e Autores”, n. 99, 1912

Havia, ainda, uma coluna que oscilava muito e que foi publicada poucas vezes. Era chamada de *Artes e Letras* ou *Artes e Teatros* e trazia notas sobre exposições de artes, novos livros e peças de teatro.

ARTE & LETRAS

☉ Cultura Artística ☉

Motivo irremovível, infelizmente, privou-nos, sabado passado, da festa artistico-literaria com que a Sociedade de Cultura Artística pretendia inaugurar a sua serie de conferencias e concertos. A festa foi adiada para breves dias, ainda dentro deste mez. Como já noticiámos, está incumbido da conferencia o sr. Amadeu Amaral, que falará sobre *Raymundo Corrêa, sua vida e sua obra*. A parte musical, que, conforme ao programma da Sociedade, deve constar exclusivamente de composições nacionais, foi confiada ao maestro João Gomes de Araujo.

A directoria da Sociedade não tem lido mãos a medir, nestes dias, com os pedidos de inscrição de socios. Só nos ultimos oito dias foram accedidos cerca de duzentos. Eis aqui um facto que se regista com intenso prazer.

Já se sabe que a segunda conferencia, a realizar-se em outubro, será a do sr. dr. Armando Praxedes, nosso querido collaborador, que falará sobre *As obras de Azevedo*. A terceira, em novembro, será a do sr. dr. Alfredo Pujol, sobre Machado de Assis.

E' provavel que no mesmo mez de novembro, além dessa, tenhamos tambem a conferencia do sr. dr. Bettencourt Rodrigues, cujo assumpto, já inscripto, é a vida e obra de Gonçalves Crespo.

☉ Exposição Brasileira ☉

A segunda Exposição Brasileira de Bellas Artes, cuja commissão executiva continúa a trabalhar activamente, parece que tem o seu exito assegurado; será uma esplendida confirmação dos triumphos obtidos com a primeira.

Sabemos que muitos artistas já se acham comprometidos a comparecer. Um dos inscriptos é o sr. William Zadig, esculptor de verdadeiro merecimento, que entre nós reside desde alguns mezes. Tambem concorrerão quasi todos os nossos artistas que se acham na Europa: José Wast Rodrigues, Monteiro França, Paulo do Valle, Oswaldo Pinheiro e Germano Barreiro, todos pensionados do Estado de S. Paulo, além de varios outros, pintores e esculptores, que lá se acham pensionados pela União ou por outros Estados ou a passeio.

A secção de architectura tornar-se-á, ao que parece, interessantissima, pois a commissão executiva, — em cujo seio ha engenheiros architectos de reconhecida competencia, — faz questão de que essa parte seja bem representada, pelo menos tão bem quanto as demais.

A commissão é composta dos srs. dr. Ramos de Azevedo, presidente; Nestor Rangel Pestana, vicepresidente; dr. Augusto de Toledo, 1.º secretario; Joaquim Morse, 2.º secretario; dr. Ricardo Severo, thesoureiro.

☉ Julio Gavronski ☉

E' o nome de um rapazinho brasileiro, muito modesto, mas de real talento. Entre os nossos artistas que começam, — e Deus sabe como por ahí enxa-

meiam os Raphaelis e os Miguel-Angelos em bo-lão! — este é com certeza um dos que mais *solidas* provas tem dado de verdadeira aptidão para a sua arte preferida. Não é um cultor platonico da pintura: ao contrario de outros, cuja vocação parece antes eminentemente literaria, tanto tempo gastam em fazer phrases sobre a *tortura do ideal* e sobre o martirologio dos *genios incompreendidos*, este moço manifesta o seu enraigado pendor pela pintura — pintando, simplesmente. Pinta sem cessar, pinta sempre, por necessidade, por gosto, para aprender, para se aperfeiçoar. E o caso é que se vai aperfeiçoando de dia para dia.

Gavronski abriu uma exposição, a semana passada, á rua de S. Bento. Lá podem os leitores verificar a verdade do que dizemos. E lá poderio lamentar, como nós, que esse rapaz, dotado de tão boas disposições, não conte com um pequeno auxilio do Estado, para poder realizar o seu maior sonho ir estudar á Europa.

☉ Exposição Salinas ☉

Continúa concorridissima a exposição de pinturas dos srs. Agustín e Pablo Salinas. Cerca de uma centena de trabalhos desses dois artistas ficará em poder dos nossos amadores, se novas aquisições annua não forem feitas.

☉ Machado de Assis ☉

O grande escriptor brasileiro vai merecendo ás gerações novas a carinhosa attenção e o estudo sério que realmente merece. O sr. Alcides Maya, joven romancista, acaba de publicar um livro sobre o eminente autor de *Bras Cubas*, e o sr. Miguel Mello, que se fez notar ultimamente por um forte trabalho sobre *Eça de Queiroz*, prepara uma obra de eguaes proporções acerca de Machado.

☉ Raymundo Correia ☉

A proposito do bello poeta brasileiro cujo passamento se comemorou em 14 do corrente, reproduzimos hoje o soneto que lhe dedicou ha tempos Augusto de Lima, o poeta das *Contemporaneas*:

Sorria-te a Musa, infante imil no berço,
E dos "Princípios Sonhos" desperro-tei;
E, desde então, cantando dia e noite,
Leva-te o genio musical do Verso.

As vastas "Symphonias" do universo,
Na lira de ouro sóbria, Orpheu legu-te,
E, sem que o gongorismo vizo se alme,
O estylo é rico, cinzelado e terso.

Ali, num *microcosmo* condensaste
Aromas, sons e luz, e, por contraste,
Os gritos do clarim e a flauta langua.

Nos "Versos e Versões", porém, conquistas
O ideal supremo dos genios Artista,
Molhando a pena no teu proprio sangue.

Como curiosidade, mencionaremos o fato de que a revista trazia em algumas de suas edições a coluna *Os Nossos Autographos*. Essa coluna publicava bilhetes, postais ou cartas (de próprio punho) de autores, como é o caso da edição de n. 136, onde foi publicado um postal de Machado de Assis a respeito da morte de sua esposa.

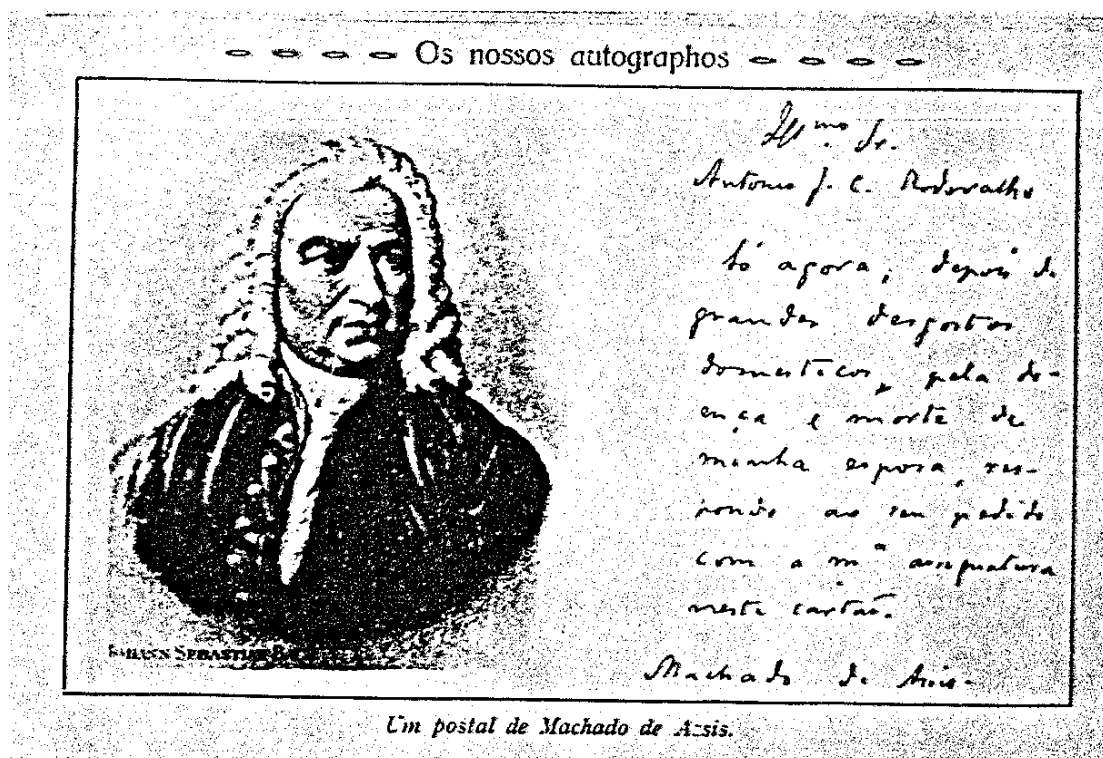


Ilustração 51 – Seção “Os Nossos Autographos”, n. 136, 1912.

3.3.1.1 Seções de artes e afins

Uma seção permanente na revista, mas que não possuía um nome e nem local específico eram as charges e caricaturas que apareciam ao longo dos exemplares. Essas charges e caricaturas ocupavam espaços diversos e estavam presentes em praticamente todos exemplares. Elas tratavam geralmente de assuntos políticos, sociais e morais da sociedade.



-- Quem serão aqueles indivíduos que ali estão de casaca e cartola?
-- São os cambistas da época...
-- E a polícia?
-- A polícia... assiste ao espectáculo...

Ilustração 52 – Charge, n. 93, 1911

Bellas Artes, Exposições, Artes – Era uma seção que cobria exposições de arte em geral. Possuía muitas fotos acompanhadas de textos. Muitas vezes aparecia sem um nome específico de seção. Geralmente, ocupava cerca de duas páginas da revista, com exceção dos números especiais comemorativos sobre determinada exposição. Nesse caso, a revista era feita, na íntegra, sobre a exposição que cobria.



Ilustração 53 – “A Arte em São Paulo: Exposições Femininas”, n. 200, 1913.

O periódico também publicou algumas partituras de música, mas também não havia um nome específico para essa seção. Ocupava cerca de uma ou duas páginas e foi publicada, esporadicamente, no periódico depois de 1914. Podemos considerar que foram poucas publicações com este conteúdo.

O cinema também possuía espaço cativo no periódico, *Cine*, *Cine-Revista* ou trazia inúmeras fotos de “*Rainhas e Reis do Cinema*”, com reportagens de grande destaque, chegando a ocupar páginas inteiras e capas de vários exemplares. Existia também uma seção que aparecia de maneira não permanente, denominada *Cine*, que trazia notícias do cinema e dos atores, em sua maioria estrangeiros.

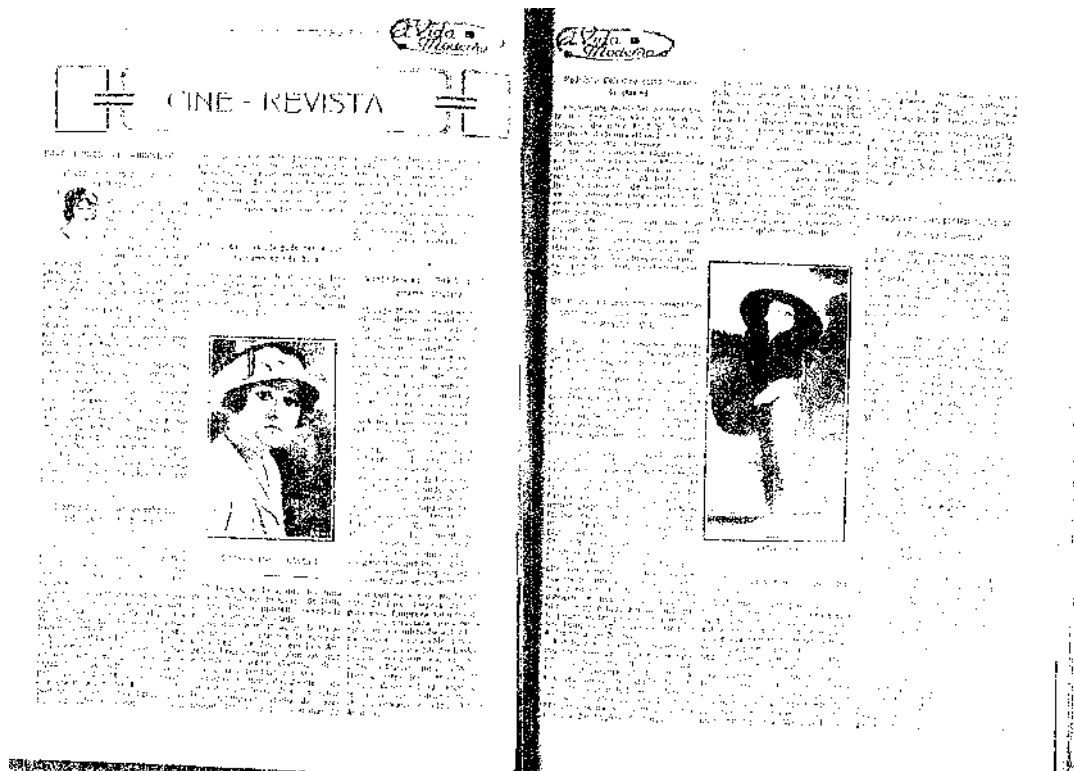


Ilustração 54 – Seção “Cine-Revista”, n. 432, 1922.

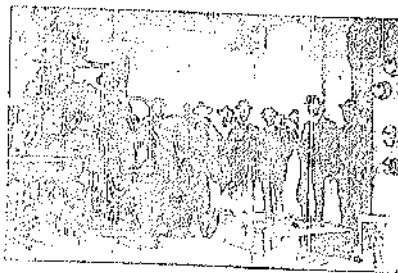
3.4 A revista vende a revista

A Vida Moderna possuía textos onde ela vende a si mesma, o seu sucesso e a sua modernidade, comparando-se sempre com a cidade de São Paulo.

Para exemplificar, recolhemos alguns desses textos que julgamos mais representativos propícios para demonstrar a preocupação da revista em vender sua própria imagem e agradar ao seu público-leitor por meio de brindes e informações relativas às mudanças sofridas pela revista ao longo dos anos.

Para obtenção de êxito, a revista lançava mão de várias estratégias como os concursos literários, musicais e de beleza, que eram publicados com grande destaque em páginas inteiras e em várias notas espalhadas pela revista.

Cacapava



Interior da Usina Elétrica.

Concurso literario d' "A Vida Moderna"

No dia 15 do corrente, esgotou-se o prazo para o recebimento dos trabalhos que disputam o nosso primeiro concurso literario, sobre *sonetos e poesias*.

Até á presente data chegaram-nos ás mãos, as seguintes produções:

Amor Anônimo, de B. Frisão. *Recordações*, de Santeiro de Romaria. *Alma Muda* de Gil Franco. *Poesias Capivas*, de N. Jacurandi. *Jesus*, de Servulo. *Não perdão*, de Aresio. *Sob as Ondas* e *Os Inebos*, de Serapim. *Supplicia*, de M. M. S. L. *Amor e sempre amor...*, de Bezito. *Vida Morta*, de Mario. *Amor e vida*, de Graça e Oliveira. *O Sufragista*, de M. Adorno. *Lebidade*, de Mineiro. *Laços soltos*, M. Theodorico. *O dia castelo* e *A parte da Divina*, de Paulus. *Prosa*, *Soneto* e *Do ar livre*, de Aymery. *El mundo de Uca*, *Seimendo* e *A utopia*, de Vitor. *Palmas*, *Abreção um abito*, de Sylvio. *Palmas*, *Mãos*, de Nemo. *Alasara*, de L. Rajah. *Carta ao amor*, de Tulocena. *Santia e Lu*, de Almeida. *Esperança*, de Memório. *Ressuscitado*, de Vitor. *Amor*, de Bartholomeu. *De vintão*, de G. Mafiani. *Amor em*, de Petrarca. *Santa*, *Amor*, de D. Jayro e A. Adolfo. *Leito*, *Amor*, *Amor*, de J. D. G. *Amor*, de J. D. G. *Amor*, de J. D. G. *Amor*, de J. D. G. *Amor*, de J. D. G.

Desempenho geral e comentários

Este concurso literario, a sua primeira edição, foi um sucesso. De um ponto de vista puramente literario, os trabalhos apresentados foram, em geral, de elevado valor artistico, e de grande variedade de temas. A maioria dos trabalhos foram de natureza sentimental e de temática amorosa, o que é natural, pois este é o tema mais popular e mais tratado na poesia e na prosa.

Os trabalhos de prosa foram de natureza variada, abrangendo temas de ordem social, politica e economica, o que demonstra a preocupação dos participantes com os problemas da sociedade.

Em geral, os trabalhos foram bem escritos, com boa linguagem e boa estrutura, o que demonstra o elevado nível literario dos participantes.

Os trabalhos de poesia foram de natureza variada, abrangendo temas de ordem sentimental, politica e economica, o que demonstra a preocupação dos participantes com os problemas da sociedade.

ca Antonio Prado, 5 - S. Paulo, com a observação: "Para o concurso literario."

Para o autor do soneto victorioso, offerecemos a estatueta *La gloria*, reproduzida neste clichê e que se acha exposta na Casa Garraux.



Para o premio de poesias, poderá o vencedor escolher, dentre as que se seguem, uma obra literaria: *La Fontaine*, *Inferno* de Dante; *Lasadas* de Camões; *Dicionario das seis linguas*; *Sonetos*, de Vieira; *Chamada*, de Graça Aranha, ou uma das obras de Gauthier, Lamartine, Bourcier, Alencar e Luciles da Cunha.

A Comissão julgadora dos trabalhos apresentados, compoese-se dos srs. drs. Freitas Guimarães, Gomes Jardim e Amadeu Abural, nomes bastante acatados no meio intellectual de S. Paulo.

La gloria gloriosa.

Esta é a estatueta a qual o victorioso do praz do

tantissimo a Duetta espera a Chanchaga ergue

Um monumento.

É um verdade, é bem verdade.

O Garibolho, como o viu, estas com a culpa

neste estado, de la de Garibolho.

É a parte italiana, principando de a italiana e eu

GRANDE CONCURSO MUSICAL

Organizado pela redacção d' "A VIDA MODERNA"

Premio - UMA BELLISSIMA MEDALHA DE OURO

A direcção desta revista, no intuito de iniciar a publicação de musicas, resolveu abrir inscripção para um grande concurso de produções musicaes, no qual poderão tomar parte todos aquelles que se julgarem habilitados para tal fim.

"A Vida Moderna" conferirá como premio uma valiosa medalha de ouro e estampará o retrato do autor da melhor musica que será impressa em grande tiragem a fim de ser distribuida como brinde aos seus leitores, nesta capital e interior, Rio e outros Estados.

As condições essenciaes para este concurso serão as seguintes:

- 1.^a A musica para o nosso primeiro premio será valsa de quatro, escripta para piano e composta no mínimo de tres partes.
- 2.^a A inscripção resumir-se numa simples carta dirigida á redacção d' "A Vida Moderna" e na qual deverá constar o nome, nacionalidade, profissão e residência do concorrente acompanhada do original da musica que deverá figurar no concurso.
- 3.^a As musicas deverão ser enviadas até o dia 5 de Junho, impreterivelmente, ficando excluidas todas aquellas que chegaram depois dessa data.
- 4.^a Os concorrentes deverão enviar as musicas bem escriptas de modo a se tornar facil a sua leitura. Poderão usar pseudonymos, dando-se a conhecer depois do julgamento.
- 5.^a O julgamento será feito por uma comissão composta de pessoas capazes e efficientes, sendo no dia 15 de Junho, em lugar e hora que serão previamente annunciados, acto de que possa ser assistido pelos interessados.
- 6.^a A valsa premiada tomará o nome de "A Valsa da Moderna" tornando-se propriedade da redacção que em seguida fará a sua impressão em grande tiragem para distribuição gratuita.
- 7.^a As produções que figurarem no concurso e forem consideradas boas serão publicadas d' "A Vida Moderna", de accordo com a ordem da inscripção, cuja lista será tambem publicada nesta revista.
- 8.^a Cada concorrente só poderá apresentar a julgamento uma valsa, ficando sem direito ao premio todo aquelle que figurar com mais de uma.
- 9.^a O premio será entregue pela comissão immediatamente após o julgamento e os originaes não serão restituídos.

Em virtude de não nos ter chegado o material, por nós encomendado, para a impressão das musicas fomos forçados a addiar para 15 de Junho o julgamento do presente concurso, bem como receberemos produções musicas até o dia 5 do mesmo mez.

As acreditadas casas de musicas Levy, Bevilacqua, Chiaffarelli e Di Franco prestar-se-hão gentilmente a receber as musicas destinadas ao concurso

Para mais informações na redacção d' "A Vida Moderna" - R. Cap. Salomão n. 14
Caixa postal 218 - S. Paulo

Ilustração 56 - "Grande Concurso Musical", n. 38, 1908.

Como forma de mostrar respeito e interesse por seu público, a revista informava todas as mudanças sofridas por ela, como, por exemplo, as mudanças estruturais, de conteúdo e de preço, além de informar também sobre as novas aquisições de maquinários.

Oferecia ainda aos seus assinantes brindes como cigarreiras, relógios e prêmios em dinheiro, que divulgava em pequenas notas ao longo do periódico.

OS NOSSOS BRINDES

Para assignantes de 1912--1913

Os clichés abaixo reproduzem em seu tamanho natural um dos relógios de algibeira do afamado systema ROSSKOPF garantidos por dois annos dos quaes "A VIDA MODERNA" encommendou cinco mil á conhecida casa importadora Edmond Hanau & C., para offererlos aos seus assignantes de 1912-1913, a começo desta data, brindes esses que serão enviados livres de porte do correio a todos que pagarem a importancia da assignatura para 12 mezes.



Relógio de algibeira com desenho de flores.

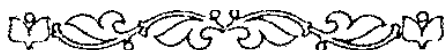


Relógio de algibeira com desenho de uma fruta.

Para obter um desses relógios assignante deve assignar a "A VIDA MODERNA" a importância de 170\$ por 12 mezes, e pagar a importância de 170\$ á casa importadora Edmond Hanau & C.

Edmond Hanau & C., Importadores, Rua Uruguaiana, 8 e 10, Rio de Janeiro.

Ilustração 57 - "Os nossos brindes", n. 119, 1912.



DIRECÇÃO
D' "A VIDA MODERNA"
Já está

preparando a edição especial para comemorar o seu 3.^o aniversário, no próximo Natal.

A confecção desse número especial será caprichosa, havendo importantes concursos com distribuição de **valiosos prêmios.**

Ilustração 58 – “A direção *D'A Vida Moderna*”, n. 47, 1908.

Edição especial

A direcção d'*A Vida Moderna* está trabalhando com verdadeiro empenho para apresentar uma edição digna de ser distribuída em Buenos Ayres por ocasião das festas do Centenario argentino.

E' seu intuito reunir tudo que possa ser util para demonstrar o nosso progresso em varios ramos de actividade, illustrando as suas paginas com gravuras escolhidas e nitidas.

O texto será bastante variado. Além da parte literaria que será bem cuidada, figurando trabalhos de reconhecido valor, serão adicionados nessa edição varios artigos de collaboração sobre o nosso commercio, lavoura e industria, alguns dos quaes serão escriptos em lingua italiana.

As gravuras para essa Edição Especial serão escolhidas com capricho e representarão tudo o que pôde haver de interessante.

Ilustração 59 – “Edição especial”, n. 73, 1910.

Além disso, mostrava mudanças no seu corpo editorial, mudanças estéticas e as aquisições de máquinas para melhorar a impressão e distribuição.

Podemos perceber que a revista investia em sua autopromoção e demonstrava grande interesse e apreço por seu público. Estas características, entre outras, fazia de *A Vida Moderna* uma das revistas de variedades mais vendidas no início do século XX.

3.5 Números especiais

A Vida Moderna publicou ao longo de sua existência vários números especiais. Esses exemplares variavam de tema e eram publicados, em média, uma vez ao ano.

O periódico investia muito em propagandas para a venda dos exemplares especiais. Cerca de dois meses antes do exemplar especial ser lançado, *A Vida Moderna* já começava a publicar notas ao longo de suas páginas avisando da publicação.



Ilustração 60 – “A Vida Moderna”, n. 39, 1908.

Os números especiais contavam com uma matéria importante e imediatista. Esta matéria ocupava grande parte do conteúdo da revista, trazia muitas fotos grandes, muitas vezes de páginas inteiras, e, não possuía assinatura. Contudo, também eram publicadas nesses números algumas seções da revista de maneira reduzida. Essas seções variavam de exemplar para exemplar.

Os principais temas abordados nesses números especiais foram: grandes festas populares, feriados nacionais, exposições de arte e pintura na cidade, outros periódicos, monumentos construídos e assuntos políticos. Podemos citar alguns dos números especiais a que tivemos acesso:

- Edição Especial de Natal – 25/12/1907;

- Edição Especial da Exposição de São Paulo – 18/07/1908 – 30/09/1908 – 22/10/1908;
- Edição Especial de Carnaval – 28/02/1911 – 26/02/1914;
- Edição Especial Cooperativas Agrícolas de Minas Gerais – 22/08/1912;
- Edição Especial de Monumento a Feijó – 29/05/1913;
- Edição Especial A Parada de 15 de Novembro – 20/11/1913;
- Edição Especial *O Estado de São Paulo* – 12/02/1914.

Os números especiais no geral eram dotados de particularidades. O exemplar de Natal, publicado em 25/12 de 1907, possuiu cerca de cem páginas. Neste exemplar foram publicadas as colunas da revista normalmente: *Sports, Poemas, Chornicas, Museu, Pelo Telephone, Actualidades, Instantâneos, Artes e Teatros, Quebra-Cabeças, Chardismo*. Além dessas colunas foram publicados muitos textos específicos do tema: *Jesus, As Crianças, Natal, O Prêmio Nobel, O grão de trigo*.



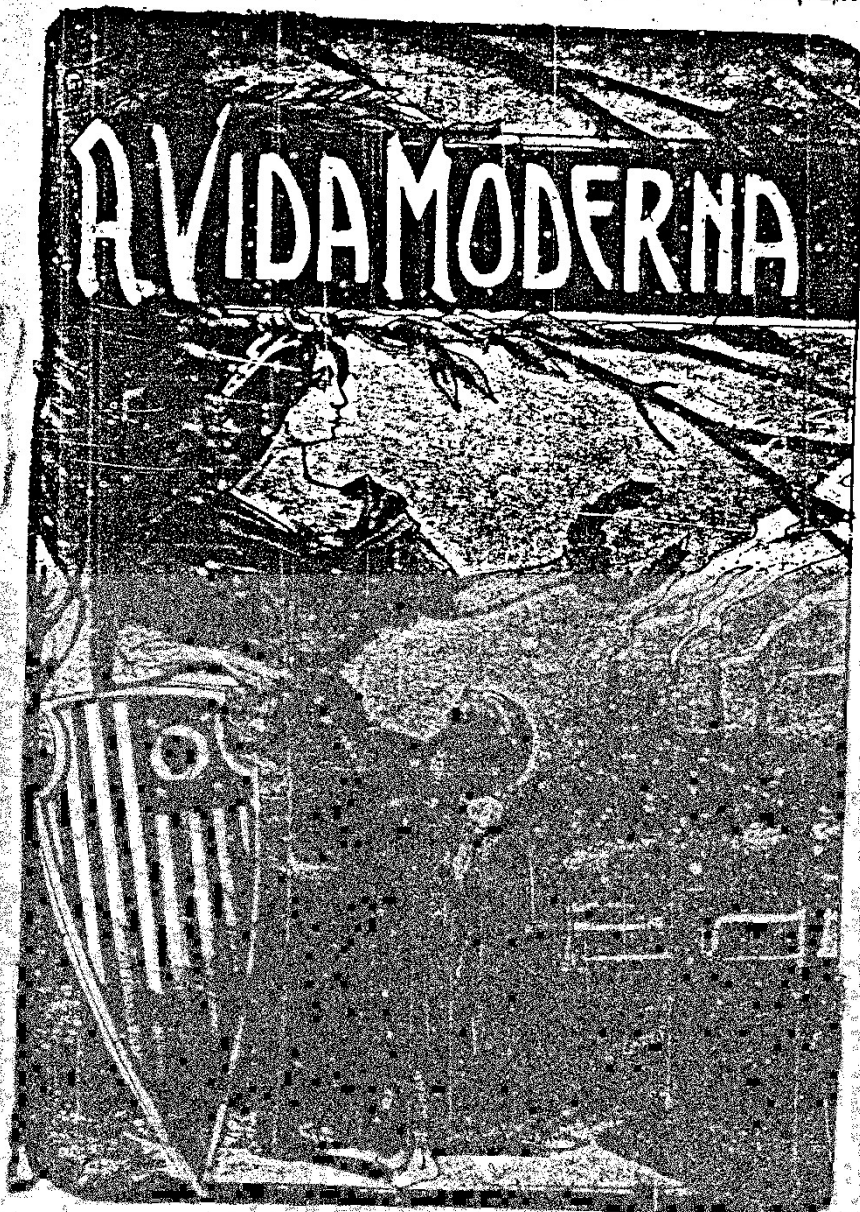
Ilustração 61 – Capa da Edição especial de Natal - n. 29/30, 1907.

Os números especiais de Exposição vinham repletos de fotos e instantâneos. A revista trazia nestes exemplares exposições industriais e de artes, e publicava também suas seções rotineiras: *Sports*, *poemas*, *artes e teatros*, *Chornicas*, *Museu*, *Pelo Telephone*, *Quebra-Cabeças*, *Chardismo*. Se seguir mostramos as capas de três exemplares dedicados a Exposição Nacional.

Anno III - N. 42

Julho - 1908

Preço 2\$000



Officina de L. F. T. de Moraes

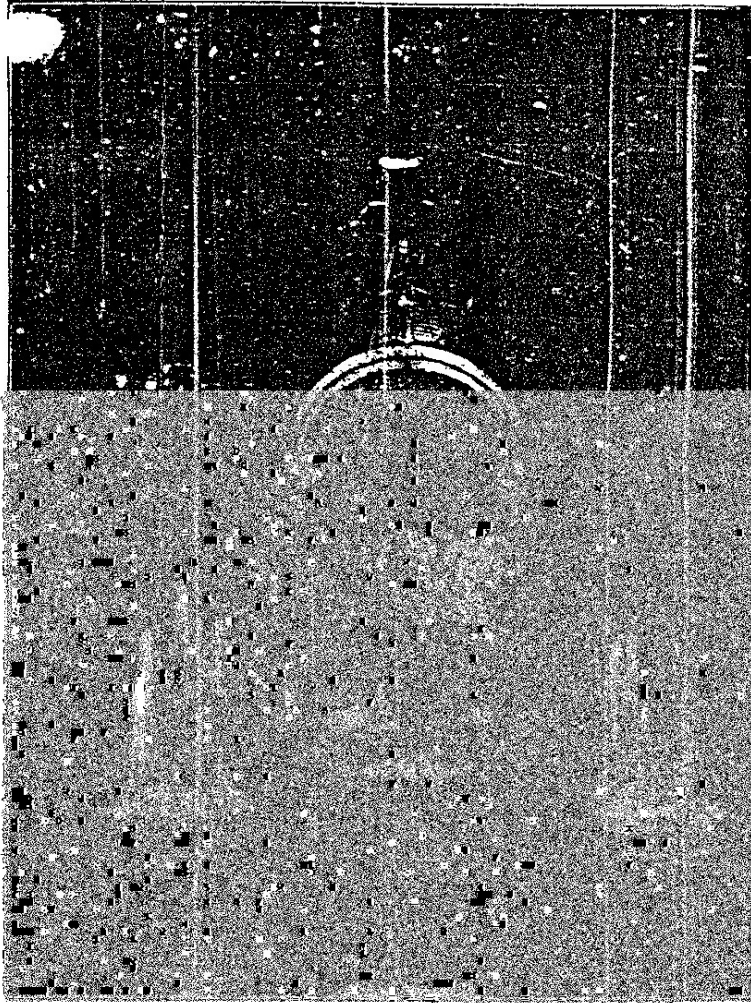
ANNO III - N. 45

S. Paulo, 30 de Setembro de 1908

Preço 300 rs.

A VIDA MODERNA

REVISTA ILLUSTRADA QUINZENA
REDACÇÃO E OFFICINAS - RUA CAP. SALOMÃO N. 16



Até ao fim do século
O tipo de vida que se vive na cidade
é o mesmo que se vive no campo.

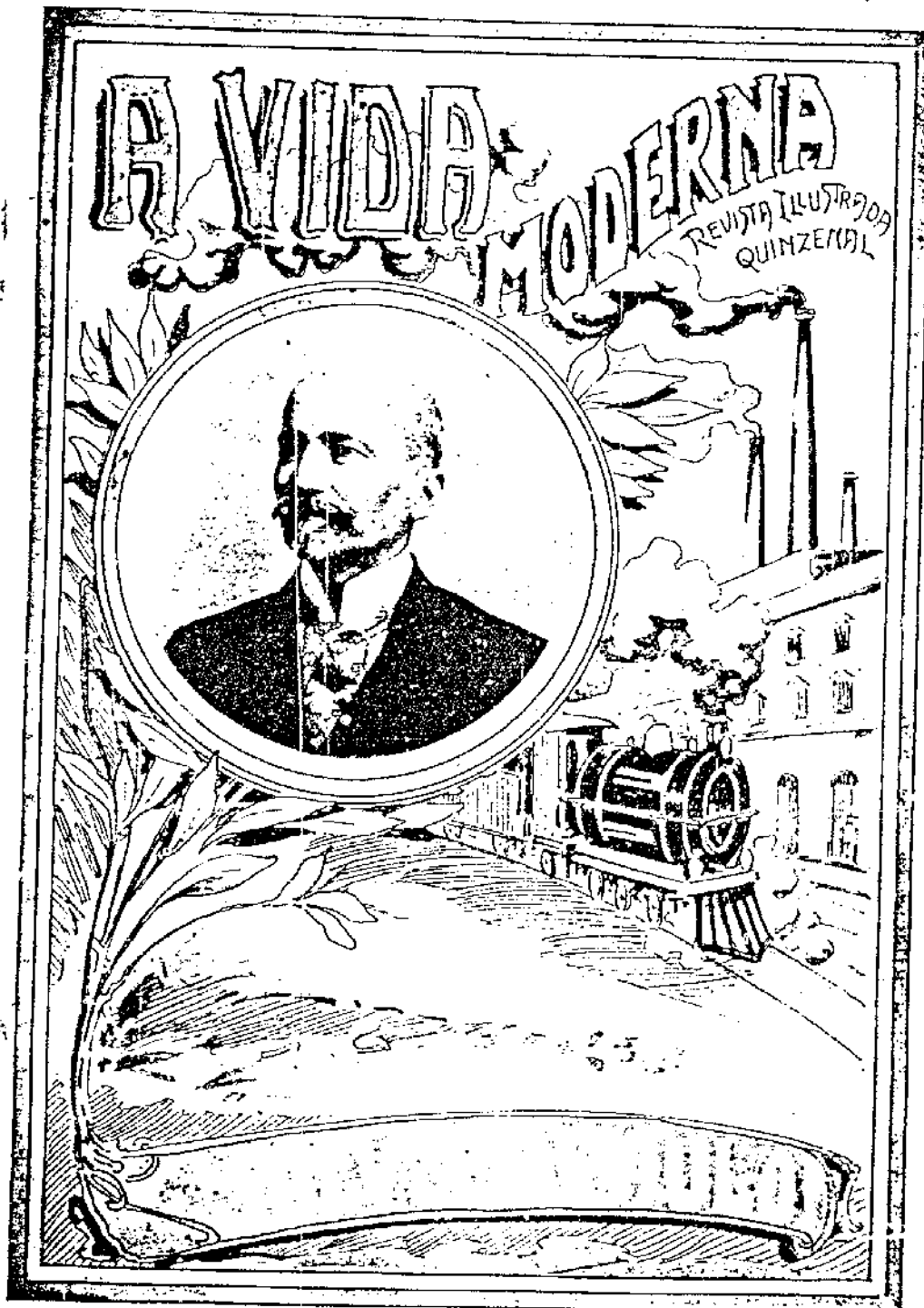


Ilustração 62 - Capas n. 42,1908; n. 45, 1908 e n. 46, 1908.

Os exemplares especiais de carnaval eram repletos de fotos e gravuras e traziam a cobertura do carnaval de rua e dos bailes nos salões mais badalados da cidade. Além disso,

publicava algumas colunas específicas sobre a data como: *Ecos do Carnaval, Cinzas... Do Carnaval...*, *Retratinhos do Carnaval e o Corso na Avenida*. Percebemos que essas seções comemorativas do carnaval, eram publicadas ao longo de três a quatro exemplares após o número especial. A revista publicava também, suas colunas fixas normalmente.

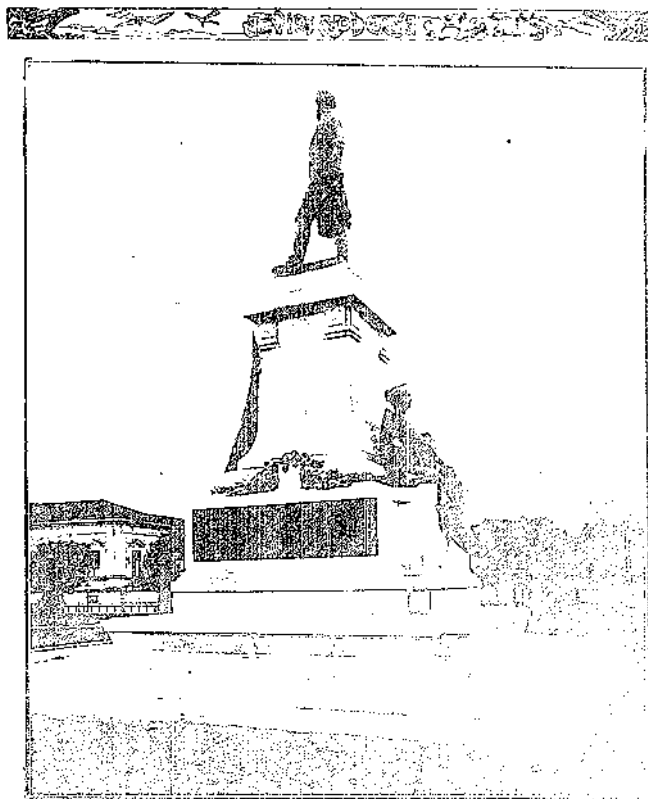


Ilustração 63 - Capa de *A Vida Moderna*, n. 210, 1914.

A *Vida Moderna*, publicou, também, um exemplar especial sobre o monumento realizado em homenagem a “Feijó”. Diogo Feijó (1784-1843) foi estadista e sacerdote. Nasceu no dia 17 de agosto de 1784 em São Paulo, onde morreu no dia 10 de novembro de 1843. Em 1809 ordenou-se sacerdote, exercendo o sacerdócio em Parnaíba, Guaratinguetá e Campinas. Foi Professor de História, Geografia e Francês. Mais tarde estabeleceu-se em Itu, dedicando-se ao estudo de Filosofia. Em 1821, partiu para Lisboa, como deputado por São Paulo. No exercício do mandato, pugnou abertamente pela independência do Brasil. Em consequência do movimento de agitação contra os brasileiros separatistas, Feijó viu-se obrigado a fugir para a Inglaterra. Regressou ao Brasil depois da proclamação da Independência. Assumiu a pasta da justiça em 1831, tomando parte ativa na política. Destaca-se dentre as iniciativas de Feijó: a proteção que dispensou à colonização que deveria substituir o trabalho escravo, a regulamentação do ensino primário e a reorganização do serviço alfandegário. Desejando-se que José Bonifácio fosse destituído da tutoria dos príncipes e vendo-se contrário abandonou o ministério. Foi feito presidente do Senado em 1833, pelo Rio de Janeiro. Assumiu a regência do Império em 1835, presidiu o Senado em 1839, mudando-se mais tarde para São Paulo, com a intenção de dedicar-se à lavoura. Contudo, durante a revolução de 1842, seguiu para Sorocaba. Foi preso, levado para Santos, depois para o Espírito Santo. Defendeu-se da acusação em 15 de maio de 1843, conseguindo ser absolvido. Considera-se Feijó um dos fundadores do Partido Liberal. Teve grande importância na política imperial, tanto por seus atos, como por sua influência, ocupando um lugar de destaque na História do Brasil. Suas obras: *Demonstração da Abolição do Celibato*, *Preliminares da Filosofia* e outras (http://www.e-biografias.net/biografias/diogo_feijo.php). A grande matéria exibida pela revista, contém muitas fotos como podemos observar nas ilustrações que seguem:



Monumento à Feijó *Logo após a inauguração do monumento a Domingos Antônio de Figueiredo, então presidente da República, em 1913, em Feijó, com o brigadeiro do exército paulista Vitor e a seu lado os senhores Paulo de Almeida, Carlos Pires, Carlos Imort, Fortunato Moreira, Roberto...*



Monumento à Feijó *Logo após a inauguração do monumento a Domingos Antônio de Figueiredo, então presidente da República, em 1913, em Feijó, com o brigadeiro do exército paulista Vitor e a seu lado os senhores Paulo de Almeida, Carlos Pires, Carlos Imort, Fortunato Moreira, Roberto...*

Ilustração 64 - Monumento à Feijó, n. 171, 1913.

A Edição Especial *O Estado de São Paulo* (12/02/1914), enfoca esse periódico ligado ao nosso *corpus* e que acaba confirmando a relação comercial citada anteriormente de *A Vida Moderna* com *O Estado de São Paulo*.

Esse exemplar especial foi publicado no dia 12/02/1914 e traz estampada em sua capa a primeira folha do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 04/01/1914.



Ilustração 65 – Capa da edição especial: *O Estado de São Paulo*, n. 208, 1914.

A matéria da capa traz o título de “Um Grande Órgão de Publicidade: *O Estado de São Paulo*”. Nessa matéria, a revista homenageia o jornal com uma grande matéria, contando sua história desde o início até a presente data da publicação da revista. Essa matéria foi intercalada com grandes fotos mostrando a foto de Júlio de Mesquita e outros integrantes do jornal com grande destaque, fotos da fachada do prédio onde funcionava o jornal e, ainda, do interior da empresa.

Logo em seguida, a revista apresenta o balanço financeiro de *O Estado de São Paulo* no ano de 1913.



Ilustração 66 – “Nossa Capa” - matéria principal da edição especial: *O Estado de São Paulo*, n. 208, 1914.



"O ESTADO DE S. PAULO"
Fachada das oficinas

Ilustração 67 – Foto da fachada do prédio de *O Estado de São Paulo*, n. 208, 1914.

3.6 O século XX paulista nas páginas da revista-vitrine

Como já salientamos anteriormente, *A Vida Moderna* foi uma revista de variedades muito bem sucedida. Esse sucesso se deveu a vários fatores como o investimento em publicidade, a variedade de assuntos, o cuidado em sempre agradar ao seu público-leitor, além do comprometimento com um grupo de imprensa forte: *O Estado de São Paulo*.

Um dos assuntos “modernos” que a revista sempre trazia em seus exemplares era a própria cidade de São Paulo, ou seja, ela era a revista-vitrine de todo progresso e modernidade em que a cidade se encontrava, refletindo exatamente os tempos de transição pelos quais a cidade passava naquele início de século XX.

Para ser a vitrine da cidade, a revista publicava belas fotos das construções de São Paulo, mostrando, assim, o progresso arquitetônico e as mudanças estruturais sofridas pela capital, convencendo seus leitores de que São Paulo era uma cidade em pleno desenvolvimento e de que a tendência era crescer e progredir mais a cada dia. Publicava também muitos textos exaltando a cidade e beneficiando a imagem da mesma.



Ilustração 68 – “O progresso industrial de São Paulo”, n.214, 1914.

Além do progresso arquitetônico, a revista mostrava as novas formas de entretenimentos da cidade: praças, comércio, teatro municipal, bibliotecas, entre outros. Além disso, cobria praticamente todos os eventos da cidade: desde festas populares, como o carnaval, até exposições de arte. Essas coberturas eram realizadas com grande glamour e destaque nas páginas da revista.

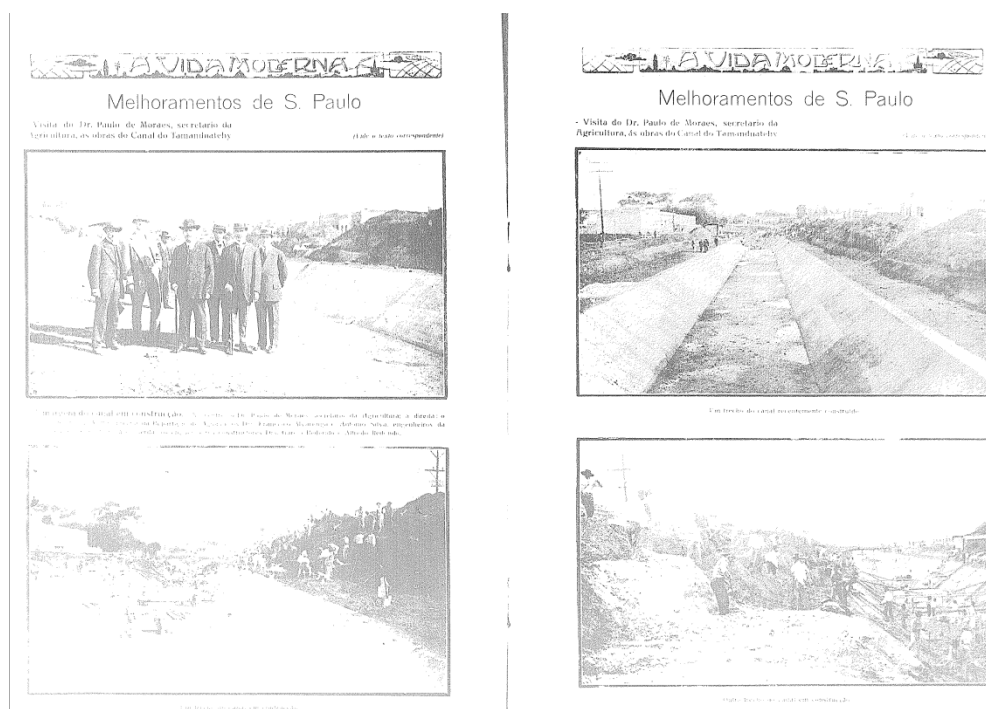


Ilustração 71 – “Melhoramentos de S. Paulo”, n. 200, 1913.

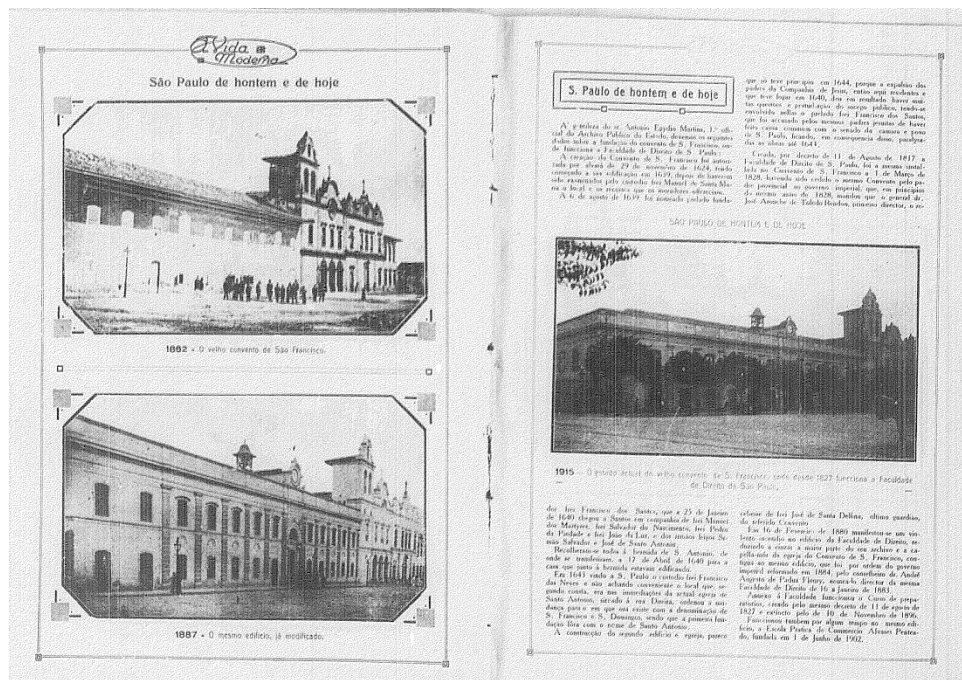


Ilustração 72 – “São Paulo de ontem e de hoje”, n. 272, 1914.

Capítulo 4

São Paulo através das folhas de *A Vida Moderna*: a sutil presença portuguesa

[...] a História da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se efetiva na atualização dos textos literários realizados pelo leitor, que os conhece; pelo escritor que se transforma, por sua vez, em produtor, e pelo crítico que reflete sobre tudo isso.

(JAUSS, 1994, p. 81)

Neste capítulo, apontaremos, dentre os textos encontrados na revista *A Vida Moderna*, aqueles que nos remetem à literatura e à cultura portuguesas, demonstrando a sutil presença portuguesa. Tal verificação, como já observamos nos capítulos anteriores, talvez se deva ao fato de a imigração portuguesa, apesar de ser uma das maiores do período_ as duas primeiras décadas do século XX _, não ter participado da produção do café, que, nesse momento histórico movia a cidade de São Paulo e o sudeste do país, mas, sim, devido ao fato de os imigrantes

portugueses terem permanecido nas cidades e terem se tornado prósperos comerciantes_ donos de restaurantes, padarias casas de aluguel_ .Talvez também seja sutil a presença portuguesa nas esferas de poder na cidade de São Paulo, por serem os portugueses acusados de exploradores na venda de suas mercadorias e nos preços dos aluguéis das casas que alugavam; e mais outro motivo, por se sentirem na condição de concorrentes dos brasileiros na procura de empregos, já que muitos dos imigrantes se destacavam como empregados dedicados.

Para tornar nosso estudo mais didático, apresentaremos o material selecionado da seguinte forma: Literatura Portuguesa e Cultura Portuguesa. Dentro da área de literatura, incluiremos textos em versos, em prosa, notas, comentários e artigos referentes ao tema; no segundo item, colocaremos notícias de Portugal, englobando política, cultura, sociedade e demais assuntos afins.

Nossos comentários se constituirão da compreensão do texto selecionado por meio de elucidação de termos e contextualização dos assuntos veiculados, procurando demonstrar a presença portuguesa, mesmo que discreta, na cidade de São Paulo, nos primórdios do século XX, no periódico *A Vida Moderna*.

4.1 As letras lusas

A revista *A Vida Moderna* trazia textos literários de e sobre autores portugueses. Não é demais lembrar que, como já foi dito nos capítulos anteriores, a revista tinha seu foco na ilustração, fosse esta em forma de foto, desenho, pintura, charge. Cada página vinha, no mínimo, com uma ilustração, sendo muitas delas ocupadas por propagandas, outras por ilustrações de página inteira de alguma matéria. Quando a página continha algum texto, estes eram breves, representando, em média, cerca de 40% da página.

A seguir, apresentaremos cada um desses textos em ordem de publicação, na página inteira da revista, com destaque para o texto, a transcrição do mesmo sem alteração da grafia e o respectivo comentário:

a) Eça de Queiroz

Era uma mulher singularmente atraente; não era linda, era pior; tinha *graça*. Eram admiráveis os seus cabelos loiros e espessos; quando estavam entrelaçados e enrolados com reflexos d'uma infinita doçura de ouro, parecia serem um ninho de luz. Um só cabelo que se tomasse, que se estendesse, como a corda num instrumento, de encontro á claridade, reluzia com uma vida tão vibrante que parecia ter-se nas mãos uma fibra tirada ao coração do sol.

Os olhos eram d'um azul profundo como o da água do mediterrâneo. Havia neles bastante império para poder domar o peito mais rebelde; e havia bastante meiguice e mistério, para que a alma fizesse o estranho sonho de se afogar naqueles olhos.

Era alta bastante para ser ativa; não tão alta que não pudesse encostar a cabeça sobre o coração que a amasse. Os seus movimentos tinham aquela ondulação musical, que se imagina do andar das sereias .

De resto, simples e espirituosa.

(De *Eça de Queiroz*)

Este texto foi publicado na revista de número 36, ocupando de coluna de uma página, na parte superior, o que deu um pouco mais de destaque ao texto.

O texto em prosa não possui título somente a autoria de Eça de Queirós¹. Nesse texto, Eça descreve uma moça muito detalhadamente e de maneira romântica, colocando a mulher como algo superior e celestial.

1 Eça de Queiroz foi diplomata e escritor; nasceu José Maria Eça de Queirós, em Póvoa de Varzim-Portugal, no dia 25 de Novembro de 1845. Era filho do Dr. José Maria Teixeira de Queirós, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e de sua mulher, D. Carolina de Eça. Depois de ter estudado nalguns colégios do Porto matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, completando a sua formatura em 1866. Foi depois para Leiria redigir um jornal político, mas não tardou que viesse para Lisboa, onde residia seu pai, e em 1867 estabeleceu-se como

advogado, profissão que exerceu algum tempo. Era amigo íntimo de Antero de Quental, com quem viveu fraternalmente, e com ele e outros formou uma ligação seleta e verdadeira agremiação literária para controvérsias humorísticas e instrutivas. Nessas assembléias entraram Ramalho

Ortigão, Oliveira Martins, Salomão Saraga e Lobo de Moura.

Estabeleceram-se então, em 1871, as notáveis Conferências Democráticas no Cassino Lisbonense, e Eça de Queirós, na que lhe competiu, discursou acerca do "*O Realismo como nova Expressão de Arte*", em que obteve ruidoso triunfo. Foi cônsul geral de Havana, para onde partiu, todavia, permaneceu poucos anos em Cuba, no meio das terríveis repressões do governo espanhol. Em 1874 foi transferido para Newcastle; em 1876 para Bristol e, finalmente em 1888, para Paris, onde veio a falecer. Eça de Queirós era casado com a Sr.^a D. Emília de Castro Pamplona, irmã do conde de Resende. Colaborou na *Gazeta de Portugal*, *Revolução de Setembro*, *Renascença*, *Diário Ilustrado*, *Diário de Notícias*, *Ocidente*, *Correspondência de Portugal*, e em outras publicações. Fundou a *Revista Portugal* com a colaboração dos principais e mais célebres homens de letras do seu tempo. Eça de Queirós morreu em Paris-França, no dia 16 de Agosto de 1900 (Funeral em Lisboa - 17 de Agosto)

b) As Farpas

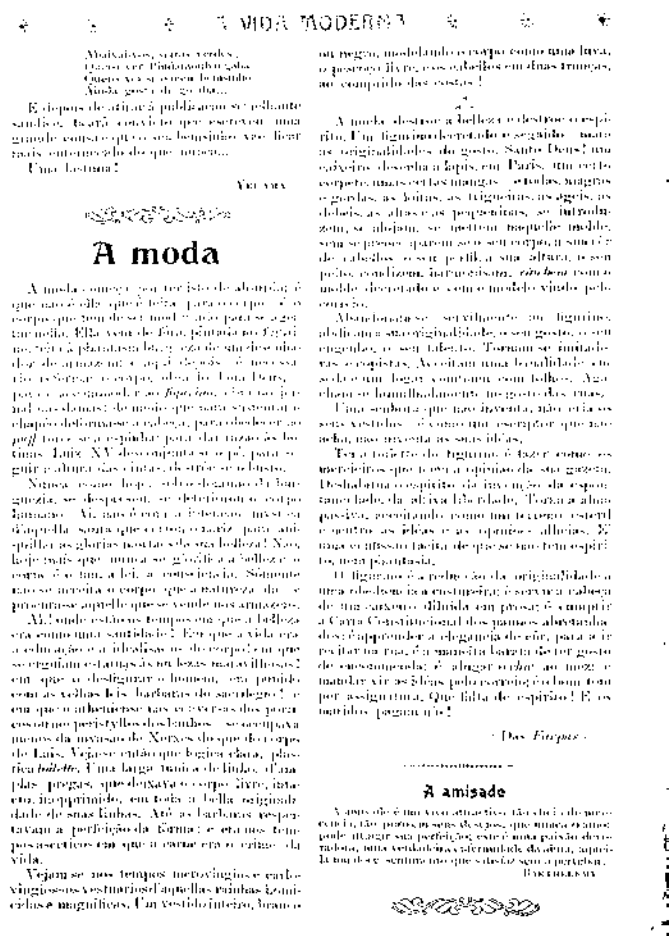


Ilustração 74 – “A moda”, n. 39, 1908.

A MODA

A moda começa por ter isto de absurda: é que não é ela que é feita para o corpo – é o corpo que tem de ser modificado para se ajeitar nela. Ela vem de fora, pintada no figurino, feita à fantasia burguesa de um desenhador de armazéns e aqui depois é necessário reformar o corpo, obra do bom Deus, - para o acomodar ao *figurino*, obra do jornal as damas de modo que para sustentar o chapéu deforma-se a cabeça; para obedecer ao *puff* torce-se a espinha; para dar razão as botinas Luiz XV desconjunta-se o pé para seguir a altura das cintas, destrói-se o busto.

Nunca como hoje, sob o domínio da burguesia, se desprezou, se deteriorou o corpo humano. Ai, não é com a intenção mística daquela santa que cortou o nariz, para aniquilar as glórias mortais da sua beleza! Não, hoje mais que nunca se glorifica a beleza; o corpo é o fim, a lei, a consciência. Somente não se aceita o corpo que a natureza da - e procura-se aquele que se vende nos armazéns.

Ah! Onde estão os tempos em que a beleza era como uma santidade! Em que a vida era a educação e a idealização do corpo! Em que se erguiam estátuas às nudezas maravilhosas! Em que o desfigurar o homem, era punido com as velhas leis bárbaras do sacrilégio! E que o ateniense nas conversas dos pórticos ou nos peristyllos dos banhos – se ocupava da invasão de Xerxes do que do corpo de Lais. Veja-se então que lógica clara, plástica *toilette*. Uma larga túnica de linho, d'amplas pregas, que deixava o corpo livre, intacto, inoprimido, em toda a bela originalidade de suas linhas. Até as bárbaras respeitavam a perfeição da forma: e era nos tempos ascéticos em que a carne era o crime da vida.

Vejam-se nos tempos merovingios e carlovingios - os vestuários daquelas rainhas homicidas e magníficas. Um vestido inteiro, branco ou negro, modelando o corpo como uma luva, o pescoço livre, e os cabelos em duas tranças, ao comprido das costas!

A moda destrói a beleza e destrói o espírito. Um figurino decretado e seguido – mata as originalidades do gosto, Santo Deus! Um

caixeiro desenha a lápis, em Paris, um certo corpete, umas certas mangas – e todas, magras e gordas, as loiras, as trigueiras, as ágeis, as débeis, as altas e as pequeninas, se introduzem, se alojam, se metem naquele molde, sem se preocuparem se o seu corpo, a sua cor de cabelo, o seu perfil, a sua altura, o seu peito, condizem, harmonizam, *tão bem* com o molde decretado e com o modelo vindo pelo correio.

Abandonam-se servilmente ao figurino, abdicam a sua originalidade, o seu gosto das ruas, o seu engenho, o seu talento. Tornam-se imitadoras e copistas. Aceitara uma banalidade em seda e um lugar comum com folhas. Agacham-se humilhadamente no gosto das ruas.

Uma senhora que não inventa, não cria seus vestidos – é como um escritor que não acha, não inventam as suas idéias.

Ter a *toilette* do figurino é fazer com os merceiros que tem a opinião da sua gazeta. Desabitua o espírito da invenção, da espontaneidade, da ativa liberdade. Torna a alma passiva, aceitando como um terreno estéril e neutro as idéias e as opiniões alheias. É uma confissão tácita de que se não tem espírito, nem fantasia.

O figurino é uma redução a originalidade a uma obediência a costureira; é servir a cabeça de um caixeiro diluída em prosa; é cumprir a Carta Constitucional dos panos abretanhados; é aprender a elegância de cor, para a ir recitar na rua; é a maneira barata de ter gosto de encomenda; é alugar o *chic* ao mês; é mandar vir as idéias pelo correio; é o bom tom por assinatura. Que falta de espírito! E os maridos pagam-no!

(Das *Farpas*)

Este texto foi publicado na revista de número 39, ano 1908 e ocupava praticamente a página inteira. Está incluído na obra “As Farpas” e trata da questão da moda, como remete o próprio título.

O ponto chave do texto é o fato de as mulheres sofrerem horrores para “entrar” na moda, quando o que devia ocorrer era o inverso.

Esse texto atribuído a Ramalho Ortigão, na verdade é de autoria de Eça de Queirós e está incluído na obra queirosiana *Uma Campanha Alegre* (p.1203-4, v.3), sendo parte de “As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea”- LXXV- de março de 1872.

O periódico *As Farpas*, foi uma das expressões defendidas pela Geração de 70 (Antero de Quental, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Manuel de Arriaga, Rafael Bordalo Pinheiro, Guerra Junqueiro Jaime Batalha Reis, Guilherme de Azevedo, Augusto Fuschini, Germano de Meireles). *As Farpas: crônica mensal da política, das letras e dos costumes*, tratava de folhetos mensais, escritos por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, publicados em Lisboa, desde 1871. A capa, de cor alaranjada, foi ilustrada por Manuel Macedo e gravada por João Pedroso Gomes da Silva, no formato 11x14cm _ designado de “farpinha” para distinguir de *As Farpas* escritas apenas por Ramalho Ortigão. Tinha 96 páginas, precedidas impressas por um sumário do volume, como era costume nesse tipo de publicação. Vendido por 300 réis, na Livraria A M Pereira, entre outros locais, na Rua Augusta. Eram textos de um jornalismo “[...] de tipo totalmente distinto_ sem compromisso político-partidários, sem concessões à mediocridade envolvente, sem complacências para uma sociedade falsamente civilizada [...]”. (MEDINA, 2000, p.23)

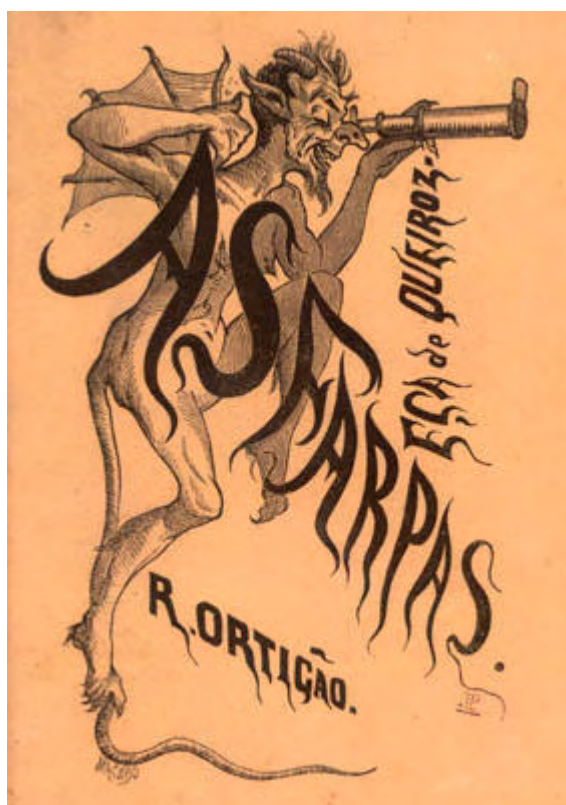


Ilustração 75 - As Farpas

Os textos redigidos por Eça e Ramalho datam de maio/1871, mas começaram a circular em junho e foram até setembro/outubro de 1872. No número de novembro/1872, Ramalho Ortigão já escreve sozinho e ainda por dez anos, até 1882, pois Eça fora trabalhar como cônsul em Havana (Cuba), mantém o nome de Eça na capa. O periódico teve êxito imediato. O primeiro número, com 96 páginas, recebeu uma segunda edição e os números seqüentes, com cerca de 100 páginas, esgotavam-se de um mês para outro.

Em 1886, Ramalho pensou em reeditar *As Farpas* e Eça abdicou do título original, dizendo que pertencia de direito ao amigo. Nesses textos mensais, Eça e Ramalho atacaram não só os fundamentos políticos, culturais e psíquicos de Portugal, mas também dirigiram suas críticas ácidas a figuras importantes de outros países, como o Imperador D. Pedro II, cuja viagem a Portugal é por eles taxada de desastrosa e ingênua.

Os textos escritos por Eça e Ramalho, embora não fossem assinados, não tiveram reedições. Só quando foram recolhidos em volume, na obra dos dois escritores é que a autoria se tornou definida. A reedição aconteceu a partir da revisão profunda dos textos que Eça encaminhou para o editor Corazzi, em 1890-91, sob novo título, *Uma campanha alegre*. “[...] emendou, aperfeiçoou, fez supressões. Teve, como diz, de fazer uma toilette para cada artigo. Nesse aspecto, a feição mais importante é a supressão de algumas crônicas, que na juventude tinham largamente criticado e ridicularizado, por exemplo, pessoas e fatos do Brasil” (BERRINI, 2000, v. 3, p. 659).

c) Ramalho Ortigão – sobre a mentira

S. Paulo elegante

Os nossos instantâneos



O instantâneo, que acima publicamos, foi obra do nosso activo photographo, que se dizido pela captaente belleza da imagem tratou só de retratá-la, sem se preocupar com o seu nome. E como o bello está na pessoa e na sua graça entendemos illustrar os nossos columnas com essa photographia.



As creanças que mentem

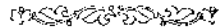
A pequerrucha bebé, nos cinco annos, quando possue inteiramente a palavra e a phrase — começa a mentir. Bebé mente. Uma senhora ingleza ou franceza ou allemã — se vê uma filha mentir sente-se verdadeiramente affendida. Uma mentira só duas degradarões? deixamos de nos respeitar, porque affirmamos o falso e deixamos de respeitar os outros, porque os lançamos em erro.

Em Portugal a mentira das creanças faz fit. É uma graça! prova engenho, a agudeza do pequerrucho cérebro. Hebe começa a mentir para ter triumphosinhos — sonoros de beijos. Começa por negar o que fez — o que é o gemem da covardia; termina por contar o que os outros não fizeram — o que é a semente da calumnia. De resto, aqui a

mentira é um habito publico. Mentem o homem, a politica, a sciencia, o organamento, a imprensa, os versos, os sermões, o romance — a arte, e a paz é uma grande transigencia falsa. Vem da educação.

A creança cresce na mentira. E' um custo, todo esta creança — diz a familia rindo. E não sabem que dizendo graciosamente que é um custo, todo dizem facilmente: será por tanto um intrigante, um falso, um calumniador e um covarde. As meninas sobre tudo — como se suppõe que ellas não tem relações officiaes ou publicitárias em que a mentira possa prejudicar — comente-se a mentira, como uma alegria e uma veicidade innocensiva! Inoffensiva! Como se não importasse menos que o homem minta na publicidade do jornal — do que a mulher no recato da familia. O facto é que Bebé, o boio, o engraxado antigo — mente!

RAMALHO ORTIGÃO



A
DIRECÇÃO
D' "A VIDA MODERNA"
Já está

preparando a edição especial para commemorar o seu 3.^o anniversario, no proximo Natal.

A confecção desse numero especial será caprichosa, havendo importantes concursos com distribuição de **valiosos premios**.



O ex-presidente de volta da sua longa excurção pela Europa está para chegar e os seus antigos o esperam de braços abertos.



As creanças que mentem

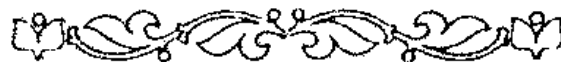
A pequerrucha Bebê, aos cinco annos, quando possui inteiramente a palavra e a phrase — começa a mentir. Bebê mente. Uma senhora ingleza ou franceza ou allemã -- se vê uma filha mentir sente-se verdadeiramente offendida. Uma mentira são duas degradações: deixamos de nos respeitar, porque affirmamos o falso e deixamos de respeitar os outros, porque os lançamos em erro.

Em Portugal a mentira das creanças faz rir, é uma graça: prova engenho, a agudeza do pequenino cerebro. Bebê começa a mentir para ter triumphos sonoros de beijos. Começa por negar o que faz — o que é o germen da covardia; termina por contar o que os outros não fizeram — o que é a semente da calumnia. De resto, aqui a

mentira é um habito publico. Mente o homem, a politica, a sciencia, o orçamento, a imprensa, os versos, os sermões, o romance -- a arte e o paiz é uma grande consciencia falsa. Vem da educação.

A creança cresce na mentira. E' um cesto roto esta creança — diz a familia rindo. E não sabem que dizendo graciosamente que é um cesto roto dizem tacitamente: será por tanto um intrigante, um falso, um calumniador e um covarde. A's meninas sobre tudo — como se suppõe que ellas não têm relações officiaes ou publicidade em que a mentira possa prejudicar — consente-se a mentira, como uma alegria e uma vivacidade inoffensiva! Inoffensiva! Como se não importasse menos que o homem minta na publicidade do jornal — do que a mulher no recato da familia. O tacto é que Bebê, o loiro, o engraçado anjo -- mente!

RAMALHO ORTIGÃO



As crianças que mentem

A pequena bebê, aos cinco anos, quando possui inteiramente a palavra a e a frase – começa a mentir. Bebê mente. Uma senhora inglesa ou francesa ou alemã – se vê a filha mentir sente-se verdadeiramente ofendida. Uma mentira são duas degradações: deixamos de nos respeitar, porque afirmamos o falso e deixamos de respeitar os outros, porque os lançamos em erro.

Em Portugal a mentira das crianças faz rir, é uma graça: prova engenho, a agudeza do pequenino cérebro. Bebê por negar o que faz – o que é o germe da covardia; termina por contar o que os outros não fizeram – o que é a semente da calúnia. De resto, aqui a mentira é um habito publico. Mentem o homem, a política, a ciência o orçamento, a imprensa, os versos, os sermões, o romance – a arte é o país é uma grande consciência falsa. Vem da educação.

A criança cresce na mentira. É um cesto roto esta criança – diz a família rindo. E não sabem que dizendo que é um cesto roto dizem tacitamente: será portanto um intrigante, um falso, um caluniador e um covarde. As meninas sobretudo – como se supõe que elas não tem relações oficiais ou publicidade em que a mentira possa prejudicar – consente-se a mentira, como uma alegria e uma vivacidade inofensiva! Inofensiva! Como se não importasse menos que o homem minta na publicidade do jornal – do que a mulher no recato da família. O fato é que bebê, o loiro, o engraçado anjo – mente!

Ramalho Ortigão

Este texto foi publicado na revista de número 47 e ocupava cerca de meia coluna da página. É um texto escrito por Ramalho Ortigão¹, criticando a sociedade portuguesa por encorajar suas crianças à mentira. O texto, inclusive, cita outros países Europeus como “corretos” em relação à educação das crianças e usa tom pejorativo a respeito de Portugal.

Alexandre Herculano

S. Paulo acudiu com vibração entusiástica, ao appello, que das bandas de Portugal, lhe enviaram os generosos promotores das homenagens cívicas ao grande escriptor e historio-grapho lusitano, que o Brasil em peso conhece e admira: A. Herculano.

O movimento não podia ser mais justo, mais nobre e mais digno. A consagração, que entre nós, tem recebido as letras portuguezas, que em o notavel homenageado têm a mais bella e completa representação, irrecusavelmente teria de produzir essa bellissima agitação em torno do nome venerando do notabilíssimo escriptor.

A ardorosa mocidade de Coimbra cabe a primazia desse dignificante tentamen de glorificação centenária; succedeu-lhe em procedimento na mesma altura confortantemente digna, a inicialiva, que em hõa hora promove a brilhante mocidade academica da nossa terra, que têm lido as paginas scintillantes do grande talento de Alexandre Herculano.

Nós, daqui da civilisada S. Paulo, mandamos aos irmãos portuguezes um abraço forte de inteira solidariedade nesse movimento de justissimas homenagens.

Dr. Pedro Nogueira, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, adjunto do Hospital de Albergaria do Rio, ex-interno da clinica obstetrica e gynecologica, ex-interno de diversos professores, etc. -- Attende a chamadas à R. VPIRANCA, 143. -- Especialidade: partos e molestias das senhoras.

Ilustração 77 – “Alexandre Herculano”, n. 72, 1910.

Alexandre Herculano

S. Paulo acudiu com vibração entusiástica, ao apelo, que das bandas de Portugal, lhe enviáramos generosos promotores das homenagens cívicas ao grande escritor e historiógrafo lusitano, que o Brasil em peso conhece e admira: A.Herculano¹.

O movimento não podia ser mais justo, mais nobre e mais digno. A consagração, que entre nós tem recebido as letras portuguesas, que em o notável homenageado tem a mais bela e completa representação, irrecusavelmente teria de produzir essa belíssima agitação em torno do nome venerando do notabilíssimo escritor.

A Ardorosa mocidade de Coimbra² cabe a primazia desse dignificante tentamen de glorificação centenária; succedeu-lhe em procedimento na mesma altura confortantemente digna, a iniciativa, que em boa hora promove a brilhante mocidade acadêmica da nossa terra, que tem lido as páginas cintilantes do grande talento de Alexandre Herculano.

Nós, daqui da civilizada S. Paulo, mandamos aos irmãos portugueses um abraço forte de inteira solidariedade nesse movimento de justíssimas homenagens.

Este texto foi publicado na revista de número 72, ocupando cerca de ½ página, na parte inferior, mesmo assim com grande destaque. O texto informativo dizia respeito ao centenário de Alexandre Herculano, exaltando ao máximo o historiador, literato e homem público português.

Carvalho e Araújo (Alexandre Herculano de) - (Lisboa-28/03/1810- Vale de Lobos-13/09/1877). Devido a dificuldades econômicas não pode iniciar os seus estudos universitários tendo, no entanto, estudado várias línguas e freqüentado a Aula do Comércio.

Opositor do Absolutismo Miguelista, Alexandre Herculano abandonou o país em 1831, tendo vivido em Inglaterra e em França. Voltou mais tarde integrado no contingente militar que aportou nas famosas praias do Mindelo, no exército do futuro rei D. Pedro IV.

Após a queda do Miguelismo continuou-se a dedicar à política, à investigação, à poesia e à ficção histórica

Alexandre Herculano foi deputado, romancista, crítico, polemista, poeta, investigador e historiador, tendo revelado grande rigor e seriedade na recolha, análise e publicação de manuscritos históricos que perduraram até aos dias de hoje

Colaborou com produções suas em várias publicações literárias e dirigiu outras, como a *Revista Universal Lisbonense*, *O Panorama*, *A Pátria*. Foi, ainda, fundador dos jornais *O País* e *O Português*. Organizou a biblioteca pública do Porto e em 1839 foi nomeado diretor da Real Biblioteca da Ajuda, por D. Fernando II.

Na época da publicação da *História de Portugal*, em 1846, viu-se envolvido em polémicas com o clero, pois, refutou alguns mitos históricos, especialmente o da Batalha de Ourique, em que D. Afonso Henriques teria sido sagrado rei pelo próprio Cristo. A sua obra enquadra-se plenamente no movimento do Romantismo, sendo considerado, por muitos, como a personalidade mais completa do primeiro romantismo português. Foi o introdutor do romance histórico em Portugal de que são exemplos *Eurico*, *o Presbítero* e *o Monge de Cister*.

Obra:

Ficção

Eurico, o Presbítero, 1844; O Monge de Cister, 1848; Lendas e Narrativas, 1851; O Bobo, 1878.

Poesia

A Voz do Profeta, 1836; A Harpa do Crente, 1838; Poesias, 1850.

Obras historiográficas

História de Portugal (1º volume), 1846; Apontamentos para a História dos Bens da Coroa e Forais, 1844; História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, 1859; Estudos sobre o Casamento Civil, 1866; Opúsculos, 1872; Cartas Inéditas, 1944; Cartas de Alexandre Herculano ao Duque de Palmela, 1952; Herculano Inédito, 1953

ODE A HERCULANO

Recitada pelo seu autor na sessão magna comemorativa do 1.º Centenário da Ilustre historiador, no salão nobre da Faculdade de Direito de S. Paulo, aos 28 de abril de 1910.

Alma piedosa e bôa, aos pés da cruz, erguida
Na claréira da serra, á hura em que o cêo se turva,
A Herpa do Crente empunha, em pulvis ambos curva,
Sobe á fonte da vida!

Não tem canto de dôr ultraz ou de descrença,
Mas canto triumphal, canto de gloria, vibez,
E nas azas da estrophe heroica no ar se libez,
Recorde a data immensa!

Entrega a Eurico, apoz, ao negro cavalleiro,
O corante frankisk e a formulação clava,
Ao Chryssus o comuz e os gestos desagravo,
Nim haive aventureiro!

O astro que se apagou, no Cêo sempre formoso
Da terra que Camões cantou em luso verso,
Nobre não foi, porém, vein de humado herço,
De um tronco generoso

O Monge de Cister que, havia muitos annos,
Deixara atroz ficar como esquecido morto,
(Quando, como elle diz, foi baldado no charco
Dessa vida de enganos,

Faz um seculo, abrio o altar á claridade
Esse escriptor que, quasi ha sete homos, camos
Ao mundo descer, erguer-se aos alus cimos
Da immortalidade!

Vida publica, que menos pompa os mais puros,
Veiu á luz, abrial, - um quadro veridico
Da lucta social sob D. João I,
Com seus claros e escuros!

Viver, sangrando os pés nas urzes do caminho,
Mas, em breve, tornou-se o interprete do povo
Que desamou o Oriente e deu um mundo novo
Ao rei, patricio nino!

Para logo entulhe *Leendas e Narrativas*;
Ahi, mesmo que nunca escripto boveira clares,
Nem depois, nunca alguma, ha paginas brillantes,
Formosas, suggestivas,

Era bem moço ainda, e já o soffrimento
Pesadelos lhe traz: para fugir-lhe á sauda,
Abandona o paiz, procura em terra estranha
Achar o esquecimento,

Que lhe deram *renome*, *acesso*, si a não tinha;
Fôra bastante a só *Albino* gloriosa
Que o cêo meante Alfonso erguera e, luminosa,
Nos arcos se sustinha!

Para pouco, entretanto, a sua ausencia: absorto
No amor da patria aliva e estremecida, logo
Regressa do estrangeiro e vai metter-se em fogo,
Em tinta e dous, no Porto!

E dom Bibos, *O Bobo*, inda mal acabado,
Esse jogral que veste em Egos a erguida,
Salva-o da morte certa, e o lucita, o estimula,
Para se ver vingado?

Elle, Estevão, *Narret*, - aguias que já sentiam
O alto vulto do genio em seus ramigos de aço,
Tomam armas os tres, vão luctar braço a braço,
A victoria abreviam

E a *liberdade imperial da Inquisição* maldita?
E a *Outra*, que o sagrem, da monarchia lusa
Té fundar seu reinado o boço Alfonso? E a *Musa*
Que nelle resuscita,

Põe-lhe no peito o rei a cruz da Turca-Espada
Venera unica que elle accitou; mas, depressa,
Um decreto illegal se faz seguir a essa
Condecoração dala!

Novos cantos inspira e alleios carmes verte?
E os discursos que *luz*? E os rutilos pamphletos,
Que arrasca ao coração, palpitante de affeitos
Pela nação inerte?

Por esse acto, foi na publica bibliotheca
Colocado, sem magua; ahi, muito affarado
Dos archivos exuma, estuda e, como um sadio,
Analysa, disséca,

Morto, ainda maior: crece do que vivo!
Nasceu, viveu, luctou, venceu, entrou na historia!
A Gloria o tenta, son, talvez do tempo! A Gloria
O guarda redivivo!

E quando, em Portugal a multidão inquieta,
Nas ruas vocifera e contra o rei se insurge,
Lança um grido sublime o visconde, surge
Como *A voz do Profeta*!

S. Paulo, 28 de Abril de 1910

Folhetos 421-422-423-424

ODE ¹A HERCULANO

Recitada pelo seu autor na sessão magna comemorativa do 1º Centenário do ilustre historiador, no salão nobre da Faculdade de Direito de S. Paulo, aos 28 de abril de 1910.

Não um canto de dor ultriz ou de descrença,
Mas canto triunfal, canto de glória, vibre,
E nas asas da estrofe heróica no ar se libre,

Recorde a data imensa!

O astro que se apagou, no céu sempre formoso
Da terra que Camões cantou em luso verso,
Nobre não foi, porém, veio de honrado berço,

De um tronco generoso

Faz um século, abriu o olhar à claridade
Esse escritor que, quase a sete lustros, vimos
Ao tumulto descer, ergue-se aos altos cimos

Da Imortalidade!

.....

Viveu, sangrando os pés nas urzes do caminho,

Mas, em breve, tornou-se o interprete do povo
Que desvendou o Oriente e deu um mando novo
Ao rei, pátrio ninho!

Era bem moço ainda, e já o sofrimento
Pesadelos lhe traz: para fugir-lhe á sanha,
Abandona o país, procura em terra estranha
Achar o esquecimento.

Dura pouco, entretanto, a sua ausência: absorto
No amor da pátria altiva e estremecida, logo
Regressa do estrangeiro e vai meter-se em fogo,
Em trinta e dois, no Porto!

Ele, Estevão, Garret, - águias que já sentiam
O alto surto do gênio em seus remigios de aço,
Tomam armas os três, vão lutar braço a braço,
A vitória abreviam.

Põe-lhe no peito o rei a cruz da Torre-e-Espada
Venera única que ele aceitou: mas. Depressa,
Um decreto ilegal se faz seguir a essa
Condecoração dada!

Por esse ato, foi na publica biblioteca
Colocado, sem magna; ai, muito alfarrábio
Dos arquivos exuma, estuda e, como um sábio,
Analisa, disseca.

E quando, em Portugal a multidão inquieta,
Nas ruas vocifera e contra o rei se insurge,
Lança um grito sublime o visionário, surge

Com A voz do Profeta !

Alma piedosa e boa, aos pés da cruz, erguida
Na clareira da serra, à hora em que o céu se turva,
A Harpa do Crente empunha, os joelhos ambos curva,

Sobe à fonte da vida!

Entrega a Eurico, após, ao negro cavaleiro,
O cortante frankisk e a formidável clava,
Ao Chryssus o conduz e os godos desagrava,

Num lance aventureiro!

O Monge de Cistér que, havia muitos anos,
Deixara atrás ficar como esquecido marco,
(Quando, como ele diz, foi baldeado no charco

Dessa vida de enganos.

Vida publica, que menos poupa aos mais puros).

Veio à luz, afinal, - um quadro verdadeiro

Da luta social sob D. João I

Com seus claros e escuros!

Para logo conclui *Lendas e Narrativa*:

Ai, mesmo que nunca escrito houvera dantes,

Nem depois coisa alguma, há paginas brilhantes

Formosas, sugestivas,

Que lhe deram renome, acaso, si o não tinha:

Fora bastante a só *Abobada* gloriosa

Que o cego mestre Afonso erguera e, luminosa,

Nos arcos se sustinha!

E dom Bibas, *O Bobo*, inda mal acabado,

Esse jogral que veste em Egas a cogula,

Salva-o da morte certa, e o incita, o estimula,

Para se ver vingado?...

E a história imparcial da *Inquisição* maldita?

E a *Outra*, que o sagrou, da monarquia lusa

Té findar seu reinado a terço Afonso? E a Musa

Que nele ressuscita.

Novos cantos inspira e alheios carmes verte?

E os discursos que faz? E os rutilos panfletos,

Que arranca ao coração, palpitante de afetos

Pela nação inerte?

.....

Morto, ainda maior parece vivo!

Nasceu, viveu, lutou, venceu, entrou na história!

A Glória o tenha, sim, talvez do tempo! A Glória

O guarde redivivo!

S. Paulo, 28 de abril de 1910.

Freitas Guimarães.

Este texto foi publicado na revista de número 73, sem uma seção específica, ocupava uma página inteira. A revista deu grande destaque à ode escrita por Freitas Guimarães em homenagem a Alexandre Herculano. Juntamente ao texto, também ocupando página inteira, encontra-se um retrato de Herculano feito em 1910, em sua homenagem com assinatura ilegível. Essa homenagem ocupou quatro páginas da revista: uma com ilustração e três com textos, o que se constitui em uma exceção, pois a prioridade eram ilustrações e textos breves. Pelo formato, podemos inferir a importância que ainda Herculano mantinha na literatura e na recepção da literatura portuguesa pelos brasileiros ainda nas duas primeiras décadas do século XX.

Percebemos que Herculano é tratado com grande admiração e respeito. Esta ode foi, segundo a própria revista, recitada por seu autor em uma sessão comemorativa em homenagem ao seu 1º centenário, na Faculdade de Direito em São Paulo, local, diga-se de passagem, muito prestigiado na época.

O texto em formato de ode, mais solene e sóbrio no estilo e no conteúdo uma temática de assunto mais sério e denso, pois visa reproduzir com entusiasmo os sentimentos mais ardentes e recônditos sejam de alegria, sejam de dor. Discorre a vida de Alexandre Herculano, desde a infância e juventude pobre e difícil (estrofes 4-5); sua opção política, sua militância pelo Liberalismo, a participação no desembarque do Mindelo (6-7-8); seu trabalho na biblioteca (estrofe 9), e seu protesto contra os governantes, em estilo grandiloquente, no folheto *A Voz do Profeta* - 1836 (estrofe 10); na estrofe 11, comenta sobre o livro de poemas *A Harpa do Crente* (1838); na 12, fala do personagem, o bárbaro visigodo, cavaleiro negro da Idade Média, Eurico, com o cortante frankisk e clava, do seu romance histórico, *Eurico, o presbítero* (1844). Em seguida, toma *O Monge de Cister* (1848), e na estrofe 15,16, 17, tece comentários sobre os textos que compõem o livro *Lendas e Narrativas* (1851), compilação de textos publicados em O Panorama, destacando-se *A Abóboda*, publicada primeiramente em 1839 (estrofe 16), *O Bobo*, de 1843 (estrofe 17). Comenta ainda sobre os livros historiográficos, estrofe 18; a veia doutrinária, polemista, na estrofe 19, e finaliza na estrofe 20 com palavras de louvor a Herculano.

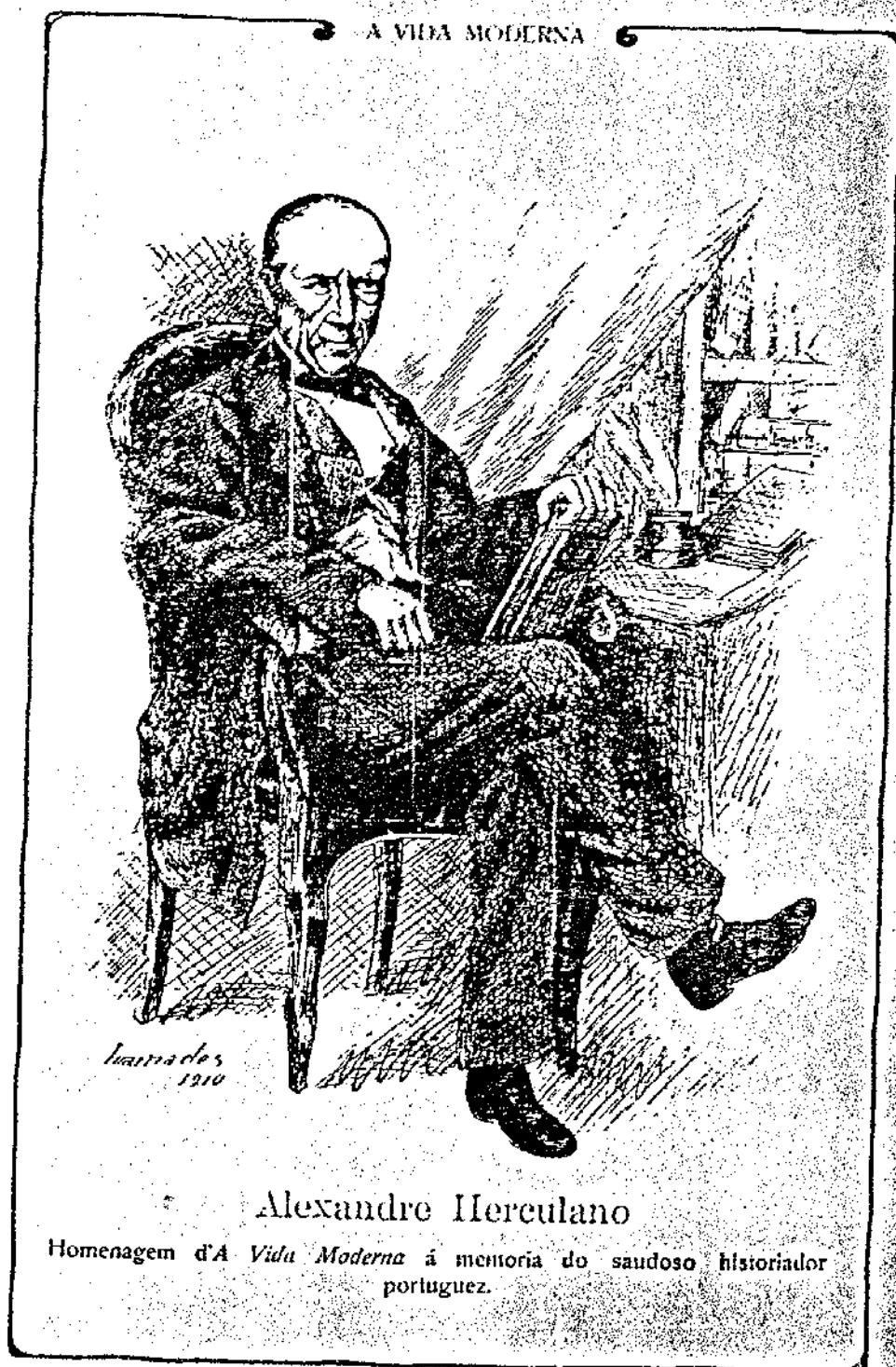


Ilustração 79 – Alexandre Herculano, n. 73, 1910.

1 **Ode** é uma composição poética que se divide em [estrofes](#) semelhantes entre si, tanto pelo número como pela medida dos [versos](#). Do [dicionário Houaiss](#) da língua portuguesa temos: 1 entre os antigos gregos, poema lírico destinado ao canto; 2 poema lírico composto de estrofes de versos iguais, sempre de tom alegre e entusiástico. Poema lírico de forma complexa e variável. Surgiu na [Grécia](#)

Antiga, onde era cantado com acompanhamento musical. A ode caracteriza-se pelo tom elevado e sublime com que trata determinado assunto. As literaturas ocidentais modernas aproveitaram sobretudo, do ponto de vista da forma, a ode composta por três unidades estróficas, correspondentes, no desenvolvimento da idéia do poema, à estrofe, à antístrofe (cantada pelo coro, originalmente) e ao epodo (conclusão do poema). A ode comportava uma série de esquemas métricos e rítmicos, de acordo com os quais era classificada

e) A Padre Antonio Vieira

A VIDA MODERNA

rem, atrozadíssimos em muitos detalhes técnicos, não por falta de interesse e energia, mas sim pelo desejo de tudo normalisar.

As máquinas electricas da Alemanha, em geral, dão rendimento mais favoravel do que as melhores manufacturas. Assim achamos um transformador, diz Wilkens, de 1200 K. V. A. com 98,7% de rendimento, com toda a carga, (da fabrica A. E. G.)

Alguns dados interessantes sobre machi- nas e turbinas a vapor, nos fazem reflectir bem sobre esse assumpto. Como aqui tambem, em Berlim a turbina a vapor fez um progresso extraordinario, sendo usada em quasi todas as centras electricas dahi, pela vantagem de occupar pouco espaço e ser em geral mais economica do que as machi- nas a vapor com uma. Estas mesmas, ainda usadas nas centras de Berlim, parecem ser melhores do que as nossas, trabalhando com mais economia do que as turbinas a vapor por nós fabrica- das.

Uma machina a vapor, com uma de 3000 cavallos, que só gasta 6,1 kilogrammas de va- por kilowatt-hora, deve supprehender os mes- sus engenheiros, pois dá melhor resultado do que uma turbina de 7500 kilowatts, que foi examinada ha pouco em uma das nossas cen- tras machi- nas, sendo incomparavelmente su- perior ás turbinas por nós fabricadas.

As turbinas a vapor, de Berlim, porém, ex- cedem consideravelmente ás nossas, pois achou-se que uma unidade de 3000 kilowatts gastava somente 6 kilogrammas por kilowatt- hora, podendo ainda, em certos casos, dar mais 10%.

Estes resultados são superiores aos das nos- sas melhores turbinas a vapor, sendo a uni- dade até tres vezes maior.

Para justificar aos nossos fabricantes o va- lor das turbinas a vapor, bastará dizer que estes extraordinarios resultados obtidos na Allema- nha são devidos ao uso do vapor superaqueci- da, cujas vantagens são ignoradas pelos nos- sos engenheiros. Elles estão com atrazo de dez annos, não demonstrando a energia que de- sevolvem em outros sistemas. Esse atrazo tambem se tem notado na construcção dos na- vios a vapor.

A prova é que os navios a vapor extran- geiros, usando o vapor superaquecido, gas- tam menos de 1 libra ingleza de carvão por cavallo-hora.

Esta serie de exemplis será talvez muito mais proveitosa para o nosso progresso, que um pinhado de conchellos.

As machi- nas, turbinas, transformadores, etc., acima referidos pelo sr. K. Wilkens são todas fabricadas pela Allgemeine Elektrizi- tets Gesellschaft cuja representação neste Es- tado e no de Minas Geraes pertence á Compa- nhia Paulista de Electricidade, estabelecida á rua de S. Bento, 55.

As meças elegantes só comem os finos bonbons da Casa Falelli.



A fama do Padre Antonio Vieira *

Cosam do maior grego e do romano
As glorias immortaes, que a fama canta,
Que outro orador mais alto se levanta
Noutro sid de eloquencia soberano.

Demosthenes e Tullio Luziano
Antonio foi, mas com vantagem tanta
Tanta leve a dourada illustre e santa
Nos assumptos politicos e profano.

Só de eloquencia foi no movimento
Com que girou, qual sol, a terra escura,
A todo o mundo cheio de luzimento.

E teve, como o sol, esta luz pura
Nuna parte do mundo o nascimento,
Noutra parte do mundo a sepultura.

ANTONIO TELLES DA SILVA.

(*)—O original deste soneto está na *Terra do Tomba*, em Lisboa. No Brazil elle foi editado, em 1897, quando se festejava na Bahia o bicentenario da morte do Padre Antonio Vieira.

E vem de modo recollectar-se que a colleção com- pleta das obras de Vieira consiste em 14 volumes de *Sermons*, 2 das *Uzas Sandosas* 3 das *Cartas*, a *Historia do Futuro* e a *Arte de Falar*.

Museu

Recebemos:

A mola do relógio da Academia do Direito,
O mostruoso palitot cinzento do Altonio
de Vasconcellos.

Os certificados affixados na porta do Café
Carmu.

Os ameis do tenente Quintino.

A palheta nova do Pedro Dente.

O chispellinho da Fedorowna.

A carteira nova do J. Saldanha.

O fracka Luiz XXIV, que o B. Masini man-
dou fazer no affiante vizinho.



A fama do Padre Antonio Vieira (*)

Cessem do orador grego e do romano
As glórias immortaes, que a fama canta,
Que outro orador mais alto se levanta
Noutro sôl da eloquencia soberano.

Demosthenes e Tullio Luzitano
Antonio foi, mas com vantagem tanta
Quanta leva a doutrina illustre e santa
Aos assumptos politicos e profano.

Sôl da eloquencia foi no movimento
Com que girou: qual sôl, à terra escura,
A todo o mundo encheu de luzimento,

E teve, como o sôl, esta luz pura
Numa parte do mundo o nascimento,
Noutra parte do mundo a sepultura.

ANTONIO TELLES DA SILVA.

(*)—O original deste soneto está na *Torre do Tombo*, em Lisboa. No Brazil elle foi editado, em 1897, quando se festejou na Bahia o bi-centenario da morte do *Padre Antonio Vieira*.

E vem de molde recordar-se que a collecção completa das obras de *Vieira* consiste em 14 volumes de *Sermões*, 2 das *Fozes Sandosas*, 3 das *Cartas*, a *Historia do Futuro* e a *Arte de Furtar*.

Ilustração 80 – A Fama do Padre Antonio Vieira, n. 103, 1912.

A Fama do Padre Antônio Vieira (*)

Cessem do orador grego e do romano

As glórias imortais, que a fama canta,

Que outro orador mais alto se levanta

Noutro sol da eloquência soberano.

Demosthenes e Tullio Luzitano

Antonio foi, mas com vantagem tanta

Quanta leva a doutrina ilustre e santa

Aos assuntos político e profano

Sol da eloquência foi no movimento

Com que girou; qual sol, à terra escura,

A todo o mundo encheu de luzimento,

E teve, como o sol, esta luz pura

Numa parte do mundo o nascimento,

Noutra parte do mundo sepultura

Antonio Telles da Silva

(*) – O original deste soneto esta na *Torre do Tombo*, em Lisboa. No Brasil ele foi editado, em 1897, quando se festejou na Bahia o bi-centenário da morte do *Padre Antonio Vieira*.

E vem de molde recordar-se que a coleção completa das obras de *Vieira* consiste em 14 volumes de *Semões*, 2 das *Vozes Saudosas*, 3 das *Cartas*, a *História do Futuro* e a *Arte de Furtar*.

Este texto foi publicado na revista de número 103 em uma seção de poemas não específica _ sem título e local definido _ ocupando cerca de meia coluna de folha, de maneira centralizada. Escrito em homenagem ao Padre Antonio Vieira é um soneto composto por Antonio Telles da Silva e editado na revista por conta da comemoração do bicentenário da morte de Vieira (1897).

Discorrendo rapidamente sobre o homenageado, podemos dizer que Padre António Vieira, a grande expressão da prosa barroca (Lisboa-1608/Bahia-1697)

*foi missionário, pregador, diplomata, político e escritor. Aos sete anos vem com a família para a Bahia (Brasil), onde o pai exercia a função de secretário de Governo. Estuda no Colégio Jesuíta da Bahia, ingressa na Companhia de Jesus, recebe ordens em 1635 e inicia seu trabalho como pregador. Em 1641, parte para Lisboa com o governador para apresentar ao rei D. João IV a adesão à causa da Restauração. O rei encarregou-o de várias missões diplomáticas na Holanda e em Roma. Não sendo bem sucedido nestes encargos, regressou novamente ao Brasil e dedicou-se à catequização dos índios. Após a morte de D. João IV, a Inquisição acusa-o de professar opiniões heréticas (1662-1667), mas é absolvido com a subida ao trono de D. Pedro II. Depois de novo e intenso período de trabalho como diplomata em Roma e como pregador, regressa definitivamente à Bahia, onde morre (1697). Além dos Sermões (13 tomos publicados entre 1679 e 1699), escreveu *Esperanças de Portugal*, *Clavis Prophetarum* e *História do Futuro*.*

Pela comparação abaixo, verificaremos que o autor fez uma homenagem ao Padre Vieira utilizando-se de versos de Os Lusíadas, das construções inversas de Camões (“Demóstenes e Túllio Luzitano/Antonio foi [...]”; das estruturas métricas dos sonetos camonianos.

À Fama do Padre Antônio Vieira	
Cessem do orador grego e do romano	Cessem do sábio Grego e do Troiano (I, 3, 1)
As glórias imortais, que a fama canta,	A fama das vitórias que tiveram (I, 3,4)
Que outro orador mais alto se levanta	Que outro valor mais alto se alevanta (I, 3,8)
Noutro sol da eloqüência soberano.	Chamam-te Fama e Glória soberana (IV, 97,7) (<i>Os Lusíadas</i> -versos avulsos)
Demosthenes ¹ e Tullio Luzitano ²	Cessem do sábio Grego e do Troiano (I, 3, 1) Cale-se de Alexandre e de Trajano ³ (I, 3,3)
Antonio foi, mas com vantagem tanta	

Quanta leva a doutrina ilustre e santa	
Aos assuntos político e profano	
Sol da eloquência foi no movimento	
Com que girou; qual sol, à terra escura,	
A todo o mundo encheu de luzimento,	
E teve, como o sol, esta luz pura	
Numa parte do mundo o nascimento,	Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Noutra parte do mundo sepultura	Quão cedo de meus olhos te levou (soneto- <i>Ama minha gentil, que te partiste</i>)
Antonio Telles da Silva ⁴	

1 *Marco Túlio Cícero* (Arpino, 106 AC. - Formies, 43AC.). Orador, escritor e político romano. Viveu em um período especialmente turbulento da história de Roma. Recebeu uma esmerada educação, passou temporadas em Atenas e Rodes e ocupou importantes cargos políticos. Após o assassinato de César, enfrentou Marco Antônio, pelo que foi degolado quando tentou fugir para o Oriente. Cícero é, com Demóstenes, o melhor expoente da oratória clássica.

2 *Demóstenes* (384-322), ateniense, foi o maior orador da Antigüidade e, possivelmente, também dos tempos modernos. Suas obras são ainda importante referência e modelo para todos os que se dedicam seriamente a discursar diante de algum tipo de público. Chegaram até nós algumas cartas e cerca de 60 discursos atribuídos a Demóstenes.

3 *sábio*: astuto, experimentado; *Ulisses*, herói do poema *Odisséia*, do grego Homero; *Troiano*: Enéas, fugitivo de Tróia, navegou até Catargo e se dirigiu à Itália, herói do poema *Eneida*, do autor latino, Virgílio; *Alexandre*: Alexandre Magno, o Grande, conquistador da Pérsia e da Índia; *Trajano*, imperador de Roma.

4 *Antonio Telles da Silva*- governador-geral do Brasil, bispo, veio substituir, em janeiro de 1642-a 1647, Jorge Mascarenhas, Marquês de Montalvão. Também foi provedor e contador da Fazenda.

No século XVII, tornou-se comum a utilização da estrutura de *Os Lusíadas*, chegando a algumas centenas de composições. Durante o período de domínio espanhol (1580-1640), o sentimento patriótico estava aguçado e uma das maneiras menos arriscadas de ser patriota, para escapar da censura religiosa da Inquisição e da censura política do Governo espanhol era ler a referida obra, que foi a mais lida em todo o século XVII, tendo sido editada vinte e quatro vezes. Portanto, nada mais natural e representativo da época em que foi escrito que o texto em homenagem a Vieira seja calcado nos textos de Camões.

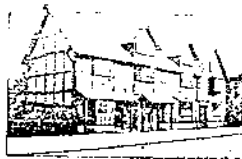
f) Notícia de livros Brasileiros em Portugal



Relíquias preciosas

Um país não vale o nome pelo aspecto exterior da sua civilização, pelo número de vultos que reflecte nos seus habitantes vivos ou pelo poder das suas armas. Vale também pelas suas relíquias literárias. E essas relíquias, por sua vez, quer seja a espada de Garibaldi, ou a Bíblia de Euzébio, ou a espímeto de Verdi, ou o coarado de Saurimaria, ou a Inimicizia de Sierpienski ou o Violino de Paganini, valeu a civilização em a época em que o criou, o usou, o inventou e o heroe florestaram.

Hoje, necessitam de uma cultura mais cuidada, e devem conhecer, além da lingua patria, o francez e o inglez, no interesse de interpretar com mais segurança a arte de Shakespeare, geographia e historia; não se podem contentar com os rudimentos que trouxeram da escola e procuram dar a intelligencia um cultivo mais sólido, tanto no applicar os livros de sciencia como no estudar as litteraturas através dos melhores auctores, e até por isso que não vale em elles o que valeram os tragicos que, até meado do seculo passado, deslumbraram o mundo. Os tempos mudaram as costas, ou o genio está em franca decadencia.



Casa onde nasceu Shakespeare.

Entre as relíquias mais preciosas e os monumentos mais caros figura, decerto, a casa onde nasceu Shakespeare, que o critica aponta como o maior poeta tragico do mundo.

A cultura dos actores

Em *La Estima*, uma das melhores revistas litterarias que se publicam na Italia, um dos seus colaboradores, o conhecido escriptor Giuseppe Macchia, referindo-se á cultura dos grandes actores italianos, disse que essa cultura, até meados do século passado, era pouca ou nenhuma. Os artistas, sabiam apenas ler, ou, quando muito, conservavam apenas os rudimentos que aprenderam nas escolas primarias.

As cartas intimas e correspondencias que se conservam da maior parte desses artistas são escriptas numa linguagem plebeia onde abundam os erros de grammatica.

Como é, pois, que, com tão pouco cultivo, sem conhecer nenhuma das materias mais necessarias ao equilibrio da intelligencia, ignorantes como quezesquer neminhos de escola, conseguiram elles eleger as palavras pela emoção da arte? Como podiam os vellos tragicos encarnar certos personagens da tragedia classica, detalhar-lhes, pelo gesto e pela comprehensão exacta do typo, os sentimentos e os paizes, e externar tudo isso numa lingua perniciosa, se não possuíam nenhuma noção de psychologia e, o que mais é, nem conhecimentos seguros da lingua? Pois elles conseguiram tudo isso e a arte que faziam era a mais pouca e a mais perniciosa. Tinha o genio, e o genio supprta todos os lacunas.

A litteratura no Japão

Até meados do século passado as letras japonezas ainda não tinham recebido nenhuma influencia da litteratura occidental. Apesar do prestigio da lingua inglesa e da franceza, e do espirito dessas duas civilizações, que os Japonezes sempre admiraram, conservaram-se, estritamente independentes, e os escriptores francezes nunca, até então, tinham conseguido vulgarizarem-se por lá. Os escriptores Japonezes raras buscav inspiração e idéas na China, na China veneravel, tão rica e abundante em produções da litteratura de ficção.

Mas antes da intelligencia européa, o Japonez obedecia a certas regras classicas, tracadas pelos grandes mestres: Bakiu, a quem consideram o Walter Scott japonês, Tanielsu, muito popular, mas que foi prohibido de escrever pela censura politica, e Tamenaga, que, por causa de um detalhe um pouco mais livre que deturou escapar hum dos seus romances, foi condemnado ao carcere, onde morreu, acobranhado pelos desgostos e solteamentos.

Em meados do século passado iniciou-se o período das traducções. E parece que nessa época a imaginação japoneza seccou. Os traductores, vulgarizando as obras romanticas francezas, entraram a fazer uma serie concorrente á produção nacional. E d'ahi em diante o Japão europeizou-se, ou, antes, afrancezou-se litterariamente.

Os escriptores europeus mais vulgarizados lá são Shakespeare e Duver Lyton, Dumas e Zola.

Livros brasileiros em Portugal

A litteraria Chardron, do Porto, acaba de publicar, em segunda edição, *O Mario, de Coelho Netto*. Os livros brasileiros que, durante tantos annos, passaram despercebidos da curiosidade dos nossos irmãos d'atém-mar, são lavagados abundantemente as livrarias portuguezas.

A litteraria Chardron está reeditando as principaes obras de Coelho Netto e ao mesmo tempo publicando as novas que saem da penina inextinguivel do musso illustre portico. Já foram publicadas as seguintes obras: *Esphinge Sereno, Agua de Jivento, A Noite de Junho, Romantico, Jardim das Oliveiras, Fubulano, Miragem*, tres volumes de theatro, *Apologos, Myserio do Natal, Interio em flor* e agora *O Mario*, memoria de um lullado.

Livros brasileiros em Portugal

A livraria Chardron, do Porto, acaba de publicar, em segunda edição, *O Morto*, de Coelho Netto.

Os livros brasileiros que, durante tantos annos, passaram despercebidos da curiosidade dos nossos irmãos d'além-mar, vão invadindo abundantemente as livrarias portuguezas.

A livraria Chardron está reeditando as principaes obras de Coelho Netto e ao mesmo tempo publicando as novas que saem da penna inexgotavel do nosso illustre patricio. Já foram publicadas as seguintes obras: *Esphinge*, *Sertão*, *Agua de Juventude*, *A bico de penna*, *Romanceiro*, *Jardim das Oliveiras*, *Fabulario*, *Miragem*, tres volumes de theatro, *Apologos*, *Mysterio do Natal*, *Inverno em flor* e agora *O Morto*, memoria de um fuzilado.

Ilustração 81 – Livros brasileiros em Portugal, n. 142, 1912.

Livros brasileiros em Portugal

A livraria Chardron,¹ do Porto, acaba de publicar, em segunda edição, *O Morto*, de Coelho Neto².

Os livros brasileiros que, durante tantos anos, passaram despercebidos da curiosidade dos nossos irmãos d'além-mar, vão invadindo abundantemente as livrarias portuguesas.

A livraria Chardron está reeditando as principais obras de Coelho Neto e ao mesmo tempo publicando as novas que saem da pena inesgotável do nosso illustre patricio. Já foram publicadas as seguintes obras: *Esfinge*, *Sertão*, *Água da Juventude*, *A bico de pena*, *Romanceiro*, *Jardim das oliveiras*, *Fabulario*, *Miragem*, três volumes de teatro, *Apólogos*, *Mistério do Natal*, *Inverno em flor* e agora *O Morto*, memória de um fuzilado.

Este texto foi publicado na revista de número 142, na seção “Artes e Letras”, ocupando cerca de meia coluna de página rente à margem inferior, o que demonstra pouco destaque.

Trata-se de um texto informativo que noticia o fato de livros brasileiros estarem sendo consumidos em Portugal, o que, a princípio, era muito importante, uma vez que, costumeiramente, ocorria o contrário. Trata-se da obra de Coelho Neto, provavelmente o prosador brasileiro mais lido nas primeiras décadas do [século XX](#). O escritor e sua obra sofreram furiosos ataques do [Modernismo](#) posterior à [Semana de Arte Moderna de 1922](#), o que provavelmente colaborou no injusto esquecimento que o mercado editorial e os leitores brasileiros tem-lhe reservado.

Estes livros estavam sendo reeditados pela famosa livraria Chardron, que, em 1912, já havia editados textos de grandes escritores portugueses, incluídas em coleções encadernadas e brochadas, às grandes obras ilustradas, passando pelas obras de leitura popular, ainda tão apetecidos pelo público leitor. No rol dos autores da Lello bastará citar os nomes de Eça de Queiroz, Camilo C. Branco, Basílio Teles, Guerra Junqueiro, Sampaio (Bruno), Amorim Viana, Cunha Seixas, Antero de Quental, Teófilo Braga, Fialho de Almeida, Abel Botelho, Tomás Ribeiro, Júlio Brandão, Rocha Peixoto, Padre António Vieira, Padre, Manuel Bernardes, João Grave, José Caldas, Sílvio Romero, Flaubert, Renan, Herbert Spencer, E. Haeckel, Strauss, Shakespeare, Louis Buchner e outros.



Ilustração 82 – Fachada Lello e Irmãos



Ilustração 83 – Parte interna Lello e Irmãos

1 Chardron, um dos imóveis mais característicos da cidade do Porto. Foi inaugurada em 1906. Tem uma magnífica fachada construída em estilo neogótico que mereceu a classificação de Patrimônio Mundial. a Livraria Internacional de Ernesto Chardron foi fundada pelo cidadão francês Ernesto. Chardron, em 1869, tendo a sua sede na Rua dos Clérigos, n.296-98, Porto. Outrora empregado da Livraria Moré, Chardron projetava-se agora e doravante como invulgar editor, publicando obras de relevo, como o Tesouro da Literatura Portuguesa, de Frei Domingos Vieira ou o Dicionário de Conversação, além de grande parte das obras do insigne romancista português, Camilo Castelo Branco.

Após o imprevisto falecimento de Ernesto Chardron aos 45 anos de casa editora foi vendida à firma Lugan & Geneuoux, Sucessores e, depois do falecimento de Genelioux, ficou como seu único proprietário Mathieux Lugan. Em 1891, a Livraria Chardron adquiria os fundos da Livraria A. R. da Cruz Coutinho, como também o espólio de outras duas antigas Livrarias desta cidade pertencentes, respectivamente, a Francisco Gomes da Fonseca e Paulo Podestá. A 30 de junho de 1894, Mathieux Lugan vendia a Livraria Chardron a José Pinto de Sousa LELLO, que possuía uma Livraria na Rua do Almada, nº 18-20, fruto da sociedade com seu cunhado David Lourenço

Pereira, com quem constituíra firma comercial em Março de 1881, dedicando-se ao comércio de livros e à edição. Sousa Lello, após o súbito falecimento de David Pereira no ano seguinte, entra em sociedade com seu irmão António Lello. E é com essa razão social -JOSÉ PINTO DE SOUSA LELLO & IRMÃO que tomam conta da Livraria Chardron em 1894, mantendo-a até 1919.

Em 1898, entrava no novo espaço da Chardron o fundo bibliográfico da Livraria Lemos & Cia, fundada pelos irmãos Dr. Maximiliano de Lemos e Manuel de Lemos. Em 1906, era construído na Rua das Carmelitas, n.º 144, o edifício que se tornará mundialmente famoso pelo seu estilo e decoração interior. A 24 de Maio de 1919, mudou-se a razão social para LELLO & IRMÃO, Ltda entrando para a sociedade Raul Reis Lello, filho de António Pinto de Sousa Lello. Mais tarde, em 1924, seguiram-se José Pinto da Silva Edgar Pinto da Silva Lello de José Pinto de Sousa Lello. Em Outubro de 1930, transformou-se o nome em LIVRARIA LELLO, entrando para a sociedade José Pereira da Costa, genro de António Pinto Sousa Lello. Um lustro volvido, de novo se altera a razão social, passando a denominar-se LELLO & IRMÃO por afastamento de José da Costa. Raul Reis Lello falecerá em 1949 e António de Sousa Lello, por sua vez, em 1953. Seguiram-se, até aos dias de hoje, José Pinto da Silva Lello falecido em 1971 e Edgar Pinto da Silva Lello que faleceu em 1989.

O edifício da chamada Livraria Chardron ou mais exatamente Livraria Lello & Irmão, fica situado na Rua das Carmelitas, n.º 144, Porto, e foi mandado construir propositadamente para esta finalidade sendo inaugurado a 13 de Janeiro de 1906, devendo-se este projeto a Xavier Esteves, um distinto engenheiro da época. Em estilo neogótico, um amplo arco abatido, cuja entrada se divide numa porta central, ladeada por duas montras que constituem os verdadeiros expositores públicos da Livraria. Sobre este arco, há uma janela tripla, fechada na platibanda e separada das pilastras, as quais são encimadas por coruchéus originais. Dos lados da janela, destacam-se duas figuras pintadas, da autoria de José Bielman, simbolizando uma a Arte e a outra a Ciência. O resto da fachada completa-se com ornamentação fitográfica e com o nome da livraria. De realçar o rendilhado que encima o edifício, todo ele um autêntico monumento artístico que já mereceu classificação de património nacional. Entrando no interior da Livraria, o visitante sente-se envolvido por um ambiente acolhedor, onde pontificam os livros e uma decoração impressionante. Uma vasta sala, com uma galeria que dá acesso a uma escada ornamental, onde correm algumas mesas que servem para exposição dos livros. Bancos em madeira e revestidos a couro e estantes a toda a altura desta sala perfazem o espaço interior próprio de uma livraria atual, mas que guarda a memória do passado. Nos pilares, à esquerda e à direita, distinguem-se os bustos de ilustres homens de letras: Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Tomás Ribeiro, Teófilo Braga e Guerra Junqueiro. Obra do escultor e distinto artista Romão Júnior, estão cobertos por baldaquinos, rendilhados em estilo gótico. O teto, lavrado, resguarda no centro uma luminosidade diáfana que provém do amplo vitral em que se desenha o ex-libris de Lello & Irmão, Ltda, com a conhecida divisa Decus in Labore. Como escreveu um afamado jornalista do princípio do século, a riqueza de tons do grande vitral, o recorte gracioso das janelas, a balaustrada da galeria e os grandes candelabros situados nos ângulos que demarcam esse espaço, as linhas das ogivas que se entrelaçam no teto sob os florões e que vêm morrer nas nervuras que correm pelos pilares até às mísulas, deixam o visitante deslumbrado.

A abertura da Livraria Lello provocou grande sensação nos meios cultos portuenses da época. A imprensa referiu-se-lhe com largo desenvolvimento, havendo a registrar a cobertura feita pelos jornais A Voz Pública, O Primeiro de Janeiro, O Norte, Diário da Tarde, Jornal de Notícias, O Comércio do Porto e A Palavra, todos portuenses, e ainda, da capital, O Mundo, O Século, o Diário de Notícias, Correio da Europa, Ocidente. No Brasil a repercussão deste acontecimento propalou-se

pelos jornais Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro e pelo famoso periódico O Estado de S. Paulo. De fato, nesse distante 13 de janeiro de 1906, por volta do meio-dia, a baixa portuense acotovelava-se para ver as individualidades mais destacadas das Letras portuguesas, professores universitários, artistas, jornalistas, homens políticos e comerciantes do Porto, entre os familiares dos proprietários, todos se dirigindo para o interior Lello, onde se procederia à solenidade de abertura. Presentes figuras como Guerra Junqueiro, Abel Botelho, Duarte Leite, João Grave, Bento Carqueja, António Arroio, Eduardo Pimenta, Júlio Brandão, Rocha Peixoto, Justino de Montalvão, João de Oliveira Ramos, Lopes Teixeira, Sã de Albergaria, Alexandre de Barros, João Oliveira Ramos, Marques de Abreu, Ayres de Carvalho, Aurélio da Paz dos Reis, António Lopes Guimarães, António Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José Barreiros, Afonso Costa, Xavier Esteves, Dr. Queirós e Castro, Drs. Eduardo de Sousa e Germano M, Dr. José Carlos Machado, Acácio Pereira, Delfim Pereira Costa, Lino Ferreira do Nascimento, Graça e Cruz, José Pedrosa e muitos outros...

Assim, no Porto, abriu as portas aquela que se tomara uma das principais Livrarias do País conhecida mesmo no estrangeiro, cujos fastos perduram ainda na memória culta portuense...Decorridos quase noventa anos após a abertura da Livraria LELLO, chegou o momento de apresentar ao público de hoje uma outra imagem desta Livraria, o que presentemente se acaba de concretizar, quer através do restauro e modernização do seu interior - entretanto desgastado pelo tempo - quer pela remodelação dos seus núcleos de serviço, atendendo as solicitações atuais do mundo do livro e do público em geral.

Criou-se, portanto, uma nova Sociedade, a PRÓLOGO LIVREIROS, S.A., que reúne o esforço e o saber de três profissionais da área editorial e livreira, um dos quais o herdeiro dos antepassados históricos da Livraria Lello.

2 Coelho Neto, Henrique Maximiano, (Caxias/Maranhão-1864/ Rio de Janeiro1934), escritor , jornalista, fundador da cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras, e também seu presidente (1926). Republicano, abolicionista, professor, Foi secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro, Diretor dos Negócios do Estado, deputado federal pelo Maranhão (1909, 1917).

Manteve e multiplicou a sua atividade em revistas e jornais de todos os feitos, no Rio e em outras cidades. Além de assinar trabalhos com seu próprio nome, escrevia sob inúmeros pseudônimos, entre outros: Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N. Puck, Tartarin, Fur-Fur, Manés.

Cultivou praticamente todos os gêneros literários e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil, tendo, provavelmente a sua maior consagração ao ser nomeado, em votação aberta ao público promovida pela revista *O Malho*, "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", em 1928.

O Malho foi uma revista humorística brasileira criada por Crispim do Amaral em 1902. Sua especialidade era satirizar fatos políticos, e entre seus desenhistas e caricaturistas destacaram-se J.Carlos, Angelo Agostini, Max Yantok, Kalixto e Theo.Por ocasião da Revolução de 1930 a redação da revista foi empastelada e a publicação impedida de circular por um breve período.

Sua obra, marcada por forte presença realista, inclui mais de um centena de volumes, dentre os quais destacam-se *A Capital Federal* (1893), *O Rei Fantasma* (1895) e *Sertão* (contos) (1896).

BORBOLETAS

(Lenda portuguesa)

Borboletas, borboletas,
Quando são de linda côr,
Diz o povo: Boa nova!
Benza-a Deus Nosso Senhor!

Borboletas, borboletas,
Quando são bonitas,
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...
Mas, quando são pretas,
Borboletas, borboletas,
Ai que medo, ai que horrôr!
Está para morrer alguém...
Deus nos livre das maleitas...
Que o Senhor nos guarde. Amen...

Borboletas, borboletas,
Quando são bonitas,
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...

Mas, quando a gente
Ao vê no ar,
Deve assim dizer somente:
Boa nóva! Boa nóva!
Que estará para chegar?!...
E não estar a pensar
Constantemente
Assim com ar de ternura
E de paixão,
Senão, senão... é azar:
Foge-nos logo a ventura
Que vinha mesmo a chegar...

Borboletas, borboletas,
Quando são de linda côr,
Quando são bonitas,
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...

— Quando são bonitas...

— Benza-as Deus Nosso Senhor!...

Marques da Cruz.

BORBOLETAS

(Lenda portuguesa)

Borboletas, borboletas,
Quando são de linda cor,
Diz o povo: Boa nova!
Benza-a Deus Nosso Senhor!

Borboletas, borboletas,
Quando são bonitas,
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...
Mas, quando são pretas,
Borboletas, borboletas,
Ai que medo, ai que horror!
Está para morrer alguém...
Deus nos livre das maleitas...
Que o Senhor nos guarde. Amém...

Borboletas, borboletas,
Quando são bonitas,
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...

Mas, quando a gente
Ao vê no ar,
Deve assim dizer somente:
Boa nova! Boa nova!
Que estará para chegar?!...
E não estar a pensar
Constantemente
Assim com ar de ternura
E de paixão
Senão, senão... é azar:
Foge-nos logo a ventura
Que vinha mesmo a chegar...

Borboletas, borboletas,
Quando são de linda cor,
Quando são bonitas
Trazem às vezes visitas
Do meu amor...

- Quando são bonitas...

- Benza-as Deus Nosso Senhor!...

Sol de Portugal

(Crônica)

Nem parece que nos visitou o outono com suas tintas nostálgicas e seus lamentos de agonizantes. As chuvas ainda não engrossaram as levadas, que mansamente deslizam em segredos murmurados, por entre os choupos de folhagem vestidos, e que espiritualizam a paisagem, como alças de ascefas erguendo preces para o alto. Nem se apagaram as vidências luxuriantes das campinas e do céu, através a amplidão do azul puríssimo, na poeira luminosa que nos longes se alastra em rajadas pelo infinito, descem ósculos de sol triunfal. De modo que até as aves alpendradas nos sabugueiros das ribas se enganam com a quadra e desferem cânticos alegres em plena orquestra primaveril acordando ecos pelas gargantas dos vales onde as sombras se emaranham caprichosamente.

Benditas alvoradas estas! Aprazem e consolam aos que, como eu, longe do bulício dos meios, se erguem as primas manifestações do dia, recreando o olhar na pompa gloriosa dos panoramas que nossos sentidos afagam, deleitando o espírito na suave análise de produtos literários, sob o doce das ramarias ainda frescas, perto da cristalinidade das águas claras e cantantes, na placidez e na paz evangélica dos campos *au-delà*, onde lavradores na constância de seus enfados imploram a terra-mater mais pão para abastança de seus casais e à natureza mais alentos para o seguro amparo de sua gente estremecida.

E enquanto não se notam, nas transparências das nuvens os embaciamentos precursores da mudança da temporada e nos longes do horizonte ou nas crostas das montanhas os prenúncios de algidez das geadas, vamos-nos deliciando neste ambiente carinhoso de luz e de ternura.

Por Lisboa passou, há dias, como um meteoro que deixa nos olhos dos que o fitam a rápida miragem do seu reflexo, essa heraldica figura de madona – madame Caillaud – envolva na tristeza da sua amargurada aventura.

Em companhia de seu marido, admirou a esplendidez panorâmica da outra banda, a bordo do transatlântico que os conduz a paragens brasílicas, fixando embebecida a surpreendente *alture* do casório da cidade, coitado de verduras e, sob o sorriso de um belo dia de sol, passeou através das avenidas peçadas de passeiantes descuidosos e que num repararam a tempo que, a seu lado, transitara aquela que, mezes antes, os fizera tremer de assombro, com seu gesto resoluto de mulher ferida no mais recôndito de seus transportes de paixão.

Almoço no *Tavares*, servido por creados de casaca, entre cristas luzentes e risos de flores admiráveis. Demorou-se no Chiado onde engrinaldou o peito com um ramo de perfumadas violetas e, donairoso, apoiada ao braço do cavaleiro andante do seu pensar, por quem o seu sentimento se rebelou até à tragédia semelhava uma arvcola fendendo ares a caminho da ventura...

Dizem que, já no tombadilho do transporte, quando volvia olhares saudosos à cidade encantada, os seus lábios se despregaram num único sorriso, talvez de alívio por se encontrar livre das interjeições importunas dos que reconhecessem em suas dores linhas fisionômicas, o espectro vingador da sua paz para sempre turbada!

Vamos para a guerra... e um frêmito de entusiasmo audaz relampeja em todos os temperamentos portuguezes. E nesta hora memorável para os destinos da nossa Pátria que por todos os espíritos perpassam, lusídos e triunfaes, os feitos de nossos antepassados que se immortalisaram em descobertas e em conquistas. Sebe-se que o inclassificável, megalômano teutão, sonhando o império dos povos europeus, - negro abutre da tirania, tentando estrangular a civilização e a liberdade - ameaçou riscar do mapa das nações este lindo país, berço adorável de tantos poetas e tamanhos heroes!

Talvez que na derrocada estrepitosa de seu trono e à beira do abismo que a sua loucura abriu para sempre a esse povo de iniciativa e de labor, bem digno de melhor sorte, se lembre, ao contemplar a amarga desilusão do seu destino, dos rostos aguerridos de nossos soldados que não podem assombrar as tradições gloriosas do passado, quando as

bandeiras das quinas atravessou avante, beijada pelo sol da vitória, por toda a parte onde soaram passos de seus filhos, desde os píncaros enevoados da Estrela até as campinas infindáveis da Rússia e às plagas ardentes do solo africano, em cuja liça, há poucos dias, os elementos militares obedientes à voz imperativa do Kaiser, morderam o pó dos campos em retréga, e onde, sadio e quente, varonil e arrebatado, palpitou o gênio desta inesquecível faça lusitana.

Os livros para mim são como as flores. Dia em que às minhas mãos nervosas me seriam trazidos, ou que na recolhida atmosfera do meu gabinete, na mesa do trabalho, posam solitários tulados de rosas frescas, nasce-me na alma um rubro fulgor de íntima doçura.

Hoje pela manhã, ainda o sol era um beijo suave de luz, neste cantinho da terra feliz, onde tranqüiliso por alguns dias as cancelas de meu enfadonho mister de advogado, alegrou-se meu espírito com a recepção de alguns volumes, brindes gentis e bizarros ao meu afeto dirigido pela patente bondade de seus artistas.

Os adoráveis poetas Julio Brandão, Afonso Lopes Vieira, Martinez Lissa, Jaques Nayral e Florian Parmentier, e os magníficos romancistas espanhóis Ricardo Elon e Felipe Trigo quizeram, mais uma vez, confundir-me com a fidalga oferta das recentes provas do seu talento.

Não é ocasião asada, nem cabe nos limitados ambientes desta pequena centelha do meu sentir, a análise aos seus afortunados trabalhos. Porém, reservando-lhes, desde já, um lugar na minha secção de crítica literária na imprensa diária do meu país, eu vos afirmo a alvoroçar da alegria que tive pelas suas magnanimidades e a alta e pura significação do meu reconhecimento inapagável.

... ora pois, era uma linda e loura figurinha, vibrátil e agradável, mariposa estonteada a luz férica do amor que parecia crescer, impetuoso, puro e límpido, na sua ingênua, como as águas cristalinas dos montes abrolham ao coração das nascentes. A sua vida era um poema de ventura, alhelada dos espinhos da maldade, envolta na grandeza olímpica que os seus amontoavam aos seus pés. Nasceu entre os faustos incomparáveis, luxos estonteantes, comodidades privilegiadas que traziam a seus entidos

ondas de sensações de agrado e de apetites satisfeitos. Arte única e vicejante de um casal feliz desenvolveu-se entre eflúvios de candura, nam presentindo nunca o torvo amargor das lagrimas choradas, cobertas de constante transportes de carinho.

Era minha vizinha e, anualmente, na confortável e na sumptuosa herdade que assombra com sua magnificência os curtos palmos de terra onde minhas arvores são conhecidas manchas, em confronto com as luxuriantes dedalos de suas avenidas alfombras, via fernecer os dias desta temporada radiosa que seus pais escolheram para espairecer da sorna panria dos grandes centros, em que habitualmente viviam, entre os seus prediletos galgos brancos, acariciando o veludo macio de dos seus faisões doirados.

Na luminosa trajetoria de sua mocidade florescente abriu-se, porém, momentaneamente um parêntesis. Foi o primeiro alvoroço na sua alma de virgem para a vitória da paixão. Por uma tarde outonal prendeu-se aos arrebatamentos meridionaes, dum sonhador que, em seus rasgos de elemco tropeiro, a fascinou com as fulgidas palpitações do seu talento, fantasiou venturas infindáveis, um viver doce e contemplativo, entre gorgeios de aves felizes, beijos de brisa perfumada, enlevos de fontes cantadeiras, longe do mundo mentiroso e perdido, no socego daquele ambiente recolhido e divino. As suas almas gêmeas, enlaçadas subiam aos paramos dos deslumbramentos, osculando-se no vôo das quimeras e prendendo-se de vez para o triunfo ou para a morte.

Transviou, contudo. No meio ensurdecador para onde voltara esqueceu depressa os juramentos elevados a luz das estrelas, ante o jantar supremo da verdade e reclinou seu busto adorável para aquele que lhe impuzeram como perfeito e modelar. Casou... e preste veio a algidez da realidade matar-lhe impiedosamente a alvorada redentora que retratara em sua retina. O escolhido aparecera somente a sua riqueza, afastando de si caricias que renegava, amontoando-lhe no intimo amarguras e dores. Como queria volver ao passado cortas os diamos que manielavam a desventura!

Mas, ai! O regresso ao lar, onde tinha aberto o coração à aleluia bendita do amor primeiro, avivou-lhe por entre a penumbra, que seu olhos desvendaram, a imaginação dos tempos idos, e a saudade iniciava

em sua alma o pranto pelo seu entristecido sonho morto. Que pavor, o da sua vida atual, ao lado dum ente que semelhava uma estátua, sem um afago, mentiroso sequer ou uma esperança que brilhasse em seu rosto impenetrável onde só se erguiam sintomas de abandono e de repulsa!

E relembrava altivamente esse dourado alvorecer, onde sua vida agora ilusões murchas, em paridade com a sua desdita incomparável, rodeadas de soluções, e de martírios.

Foi por isso que ontem me desembrenhei da pacatez do meu calmo vestido de olaias e enramado por madresilvas, deixei por umas horas o cântico nostálgico de meus rudes compostos e fui incorporar-me no meu cortejo lusido, acompanhando piedosamente o ataúde dessa pobre e triste transviada até ao seu florido e calado se puleiro de suicida...

Vila Nova de Fascalena

Novembro de 1914.

ORLANDO MARÇAL¹

O Sol de Portugal, na realidade foi uma seção de crônicas que apareceu algumas vezes na revista. Esta foi publicado no exemplar 255 e ocupava duas páginas inteiras e se encontrava em lugar privilegiado no periódico. O texto trazia como assunto principal a vida política de Portugal e a visão do autor de Portugal em relação a Primeira Guerra (1914-1918) e a participação do país neste combate. Além disso, escrita com belas palavras esta crônica trazia o saudosismo dos grandes feitos portugueses (no período das navegações) que não conseguiam se repetir neste início de século XX.

Tabela - Acontecimentos marcantes no ano de 1914

- | | |
|-----------------|---|
| 9 de Fevereiro | O governo chefiado por Bernardino Machado toma posse, tentando ser um governo de reconciliação nacional. O ministro da guerra é o general Pereira d'Eça. |
| 10 de Fevereiro | O embaixador francês em Londres, Paul Cambon, faz notar à Grã-Bretanha que a publicação do acordo anglo-alemão de Outubro de 1913 sobre as colônias portuguesas, tornava significativa a aproximação anglo-alemã, o que implicava o |

enfraquecimento da «Entente Cordiale» entre Paris e Londres.

- 28 de Junho O arquiduque Francisco Fernando, herdeiro presuntivo do imperador austro-húngaro Francisco José, é assassinado em Sarajevo, capital da província da Bósnia-Herzegovina, por revolucionários sérvios..
- Discute-se no parlamento português o orçamento do ministério da Guerra. O ministro confia a um dos deputados, sobre o que o exército tinha ou não tinha para assegurar a defesa nacional: «Não digo que tem pouco, digo que não tem nada».
- 28 de Julho A Alemanha acede a assinar o Acordo Anglo-Alemão sobre as colónias portuguesas nos termos pretendidos pela Grã-Bretanha.
- A Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia. A Rússia mobiliza, dando início às movimentações que levarão ao desencadear em 4 de Agosto da Primeira Guerra Mundial.
- 1 de Agosto A Alemanha declara a guerra à Rússia.
- A França ordena a mobilização geral dos exércitos.
- 3 de Agosto A Alemanha declara a guerra à França, e invade o Luxemburgo e a Bélgica.
- O governo britânico entrega uma carta ao embaixador de Portugal em Londres, instando junto do «Governo português para se abster, por agora, de publicar qualquer declaração de neutralidade».
- Uma multidão junta-se à porta do Banco de Portugal, para trocar as notas por metal, provocando uma crise financeira temporária. O montante das trocas diárias vai diminuindo ao longo dos dias seguintes.
- 4 de Agosto A Grã-Bretanha declara a guerra à Alemanha, devido à violação do Tratado de 1831 que declarava a Bélgica território neutral perpetuamente.
- O governo britânico informa oficialmente o governo português, por intermédio do seu embaixador em Lisboa, que «em caso de ataque da Alemanha contra qualquer possessão portuguesa, o Governo de Sua Majestade considerar-se-á ligado por estipulações da aliança anglo-portuguesa».
- 7 de Agosto Devido ao deflagrar da 1.^a Guerra Mundial, o Congresso da República, reunido extraordinariamente aprova um documento de intenções sobre a condução da política externa. Afirma-se que Portugal não faltaria aos seus compromissos internacionais, sobretudo no que diz respeito à Aliança Luso-Britânica.
- 12 de Agosto É decidida a organização de uma expedição militar com destino a Angola e a Moçambique.

É assinado o Tratado de Comércio e Navegação Luso-Britânico.

A França e a Grã-Bretanha declaram a guerra à Áustria-Hungria.

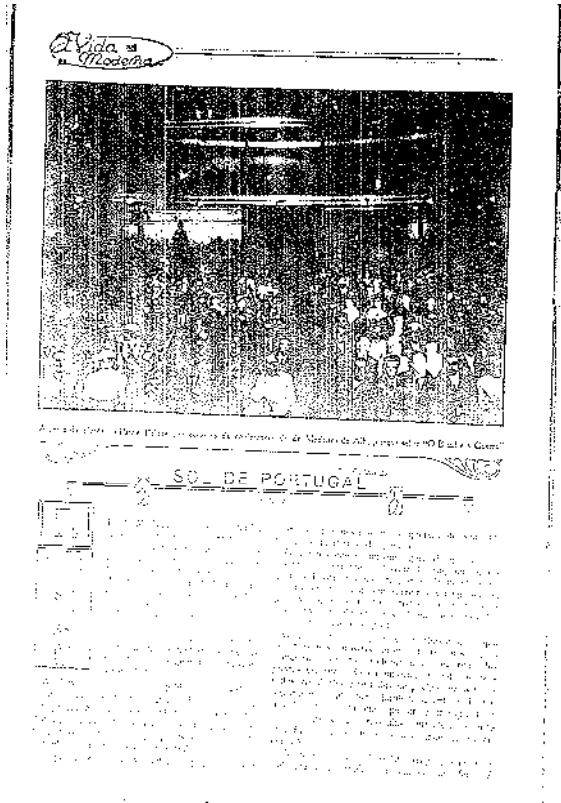
O Japão declara a guerra à Alemanha.

- 11 de Setembro Partida de Lisboa de uma expedição militar, comandada pelo tenente-coronel Alves Roçadas, com destino a Angola.
- Partida de um corpo expedicionário para Moçambique. O posto fronteiriço de Mazúia, na fronteira de Moçambique com a África Oriental Alemã (actual Tânzania) tinha sido novamente atacado.
- 10 de Outubro O governo britânico, invocando a antiga aliança, «formalmente convida o Governo Português a deixar a sua atitude de neutralidade, e enfileirar activamente ao lado da Grã-Bretanha e dos seus aliados.»
- 19 de Outubro Partida de uma missão militar, composta pelos capitães Ivens Ferraz, Fernando Freiria e Azambuja Martins para conferenciar com o estado-maior britânico.
- 20 de Outubro Movimentos revolucionários monárquicos em Mafra e Bragança. Declaram-se contra a participação de Portugal na Guerra.
- O Partido Socialista promove uma manifestação de apoio ao Aliados.
- 5 de Novembro Forças militares de reforço da guarnição portuguesa em Angola partem de Lisboa, comandadas pelo capitão-tenente Coriolano da Costa, devido a incidentes graves com tropas alemãs na fronteira.
- 17 de Novembro É proibida a subida ao palco de uma revista, no Teatro da Rua dos Condes, por dar um quadro pouco abonatório do exército português.
- 23 de Novembro Reunião extraordinária do Congresso da República em que o governo é autorizado a participar na guerra ao lado da Grã-Bretanha, e a ceder desde logo 20.000 espingardas com 600 cartuchos cada uma e 56 peças de artilharia pedidas pelo governo britânico.

Fonte: <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm1910.html>

1 Orlando Marçal – português, advogado e escritor. Escreveu em Portugal e no Brasil: crônicas e crítica literária. Dentre suas obras está o livro: *Os baldios podem ser reduzidos a propriedade particular pela prescrição, de 1921*.

Esta coluna perdurou apenas entre 1914 e 1915 e foi assinada, em todas suas aparições na revista, por Orlando Marçal. Trazia como tema a vida política e social de Portugal. E sempre ocupava lugar de destaque – geralmente o centro da revista. Com espaço entre uma e duas páginas inteiras. Vejamos a seguir alguns exemplos, apenas ilustrativos, desta coluna.



A Vida Moderna

Uma das grandes questões da vida política em Portugal, é a questão da liberdade de imprensa. A liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia. A liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia.

Quando se trata de liberdade de imprensa, é necessário lembrar que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia. A liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia.

Em Portugal, a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia. A liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia.

SOL DE PORTUGAL

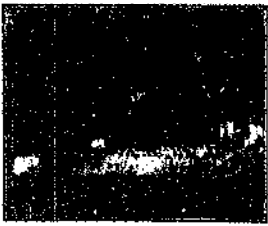
Quando se trata de liberdade de imprensa, é necessário lembrar que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia. A liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia, e é por isso que a liberdade de imprensa é um dos princípios fundamentais da democracia.

Sol de Portugal



El mundo moderno... (Introductory text for the story 'Sol de Portugal')

El mundo moderno... (Continuation of the introductory text)



Copa de oro... (Caption for the photograph)

El mundo moderno... (Continuation of the story text)

El mundo moderno... (Introductory text for the story 'Quivoco')

El mundo moderno... (Continuation of the introductory text)

QUIVOCO

A VIDA MODERNA EM PORTUGAL

El mundo moderno... (Introductory text for 'Quivoco')



Una reproducción... (Caption for the photograph)

FESTA DAS AVES



A festa das Aves... (Caption for the photograph)

SOL DE PORTUGAL

El mundo moderno... (Introductory text for 'Sol de Portugal')

El mundo moderno... (Introductory text for 'Quivoco')

El mundo moderno... (Continuation of the introductory text)

El mundo moderno... (Introductory text for 'Quivoco')



Una reproducción... (Caption for the photograph)

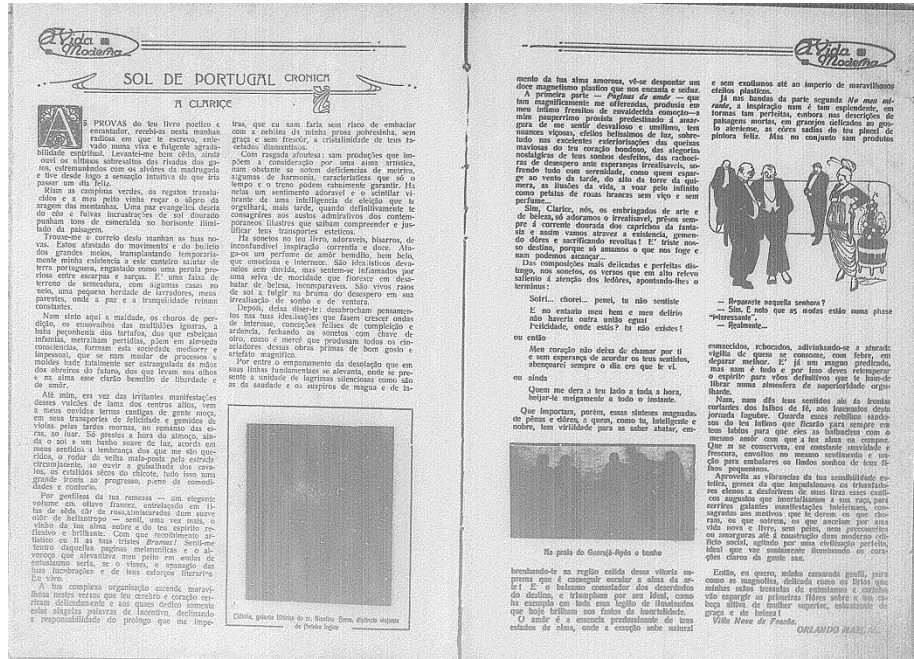


Ilustração 86 - Seção "Sol de Portugal", respectivamente do nº 260 ao 265, 1914.

4.2 Cultura lusitana e algo mais

Em relação aos textos ou fotos que demonstram o interesse em Portugal e em sua cultura, encontramos vários exemplos que comprovam esse interesse. São eles:

a) Sobre assassinato do rei D. Carlos I.

N. 41 8 Paris, França, Fevereiro, 1908. Ano III

A VIDA MODERNA

REVISTA QUINZESIMAL



D. Carlos I Rei de Portugal
Assassinado no dia 1 de Fevereiro, no Terreiro do Paço, em Lisboa.

Não há mais a quem se queira...
...a quem se queira...
...a quem se queira...

A VIDA MODERNA



D. Luiz Philippe
A outra vítima do atentado do dia 1 de Fevereiro

...no facto vivo e impetuoso que o homem com os
...frutos de idem, a vida, que é o seu alma,
...dura o golpe sinistro da Fritada do Paço.

Nada justificaria o acto de barbarismo que
...cedeu a vida a um monarca em plenas vistas
...e a um príncipe no auge das acções, quando
...a vida ainda não offerece as desordens do
...mundo, mas somente auctora as esperanças
...que povoam a imaginação dos homens.

Fosse um infortunio, he-lhe da perfeição
...humana, fosse o resultado d'uma conspiração
...armada pelos adversarios da linha de politica
...em Portugal, o crime que se commetteu de por-
...tra-se não pode desparar a mais equanimidade no
...paiz.

Não será a terra e logo, supozemos em não
...barbaros circumstantias, alvejado uma fa-
...milia inteira, que o poder se ha de supri-

...em um paiz pequeno como Portugal. Não
...señalado um pedestal de sangue que os her-
...dores do monarca, ao plantarem a Republi-
...ca na Pousadia, se não se abria, para não ficar a
...base, que o edificio não resistiria ao primeiro
...sopro de tormenta.

Não, Portugal é uma nação grande e gene-
...rosa, a qual, repugnando os meios violentos e
...estupidos que se armam com a carabina e
...com o puzal.

E não se diga que o jugo de um tyrannico
...povo, omissa a liberdade. Por mais contrarios
...que fossem os interesses publicos, por mais
...antagonicas que fossem as aspirações in-
...ternas do povo, a figura de D. Carlos, o soberano
...faro de um povo, extremo para com
...a patria como para com a familia, que aban-
...dona jamais poderia ser alvejado em tão tragi-
...cas circumstantias.



A rainha D. Amélia

Esqueleto de viúvas que de cida bal-
yon para arriolar a alma portuguesa, que
mal fez elleas adversarias do governo por-
tuguez, de um instante para outro, com a estupe-
facção que se cede ás grandes catástrophes,
arrastam nelle o esposo amado, o filho que
ribo, e o corpo presentou guardas contra es-
cudo do seu país?

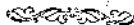
Esqueleto infante de porte elegante e mar-
cial, de sentimento e de liberto, que mais por-
ta um republicano do que o herdeiro de
um throno, qual o crime que poderia que
dêse lugar a um dia fatal, sem que au-
mentos soulesse porque morria assim irrespon-
savelmente, e de que era tão jovem, e não co-
mossa a mãe?

Agora que está todo consumido, se posta
no povo portuguez, e afigar as lagrimas que

chela dos herdeiros os olhos e confier na
bênção de sua mãe patria, hoje entregue ao
rei D. Manuel II, e sepa empregar pelas
tradições de um passado de glórias, e pelas
do póis mais brilhantes proupos de Camões
e de Garrett.

Que Portugal seja sempre o jardim da
Europa, e a maior plantação, sempre viva,
e eternamente florido.

D. P.



Portuguezs Roscram da Sul, fabricado de Per-
mollinos, Margas da Bahia, Peris da California,
Especie-pañes e outros especiálidades delicias,
se encontram na Confeitaria Vinícola.

O melhor chocolate da America da Sul
é da marca ANTONIO PRADO
da Fabrica Fatchi.



D. Manuel II, actual rei de Portugal

e D. Manuel II, actual rei de Portugal, n. 33, 1908.

Ainda está muito viva em nosso espírito a impressão de assombro que nos trouxe a notícia do hediondo atentado que cobriu de luto o velho reino de Portugal. E são tão íntimos os liames que prendem o coração brasileiro ao português, e tão acentuadas as afinidades de sangue que unem uma a outra nação, que, primeiro que a dor que abalou a alma portuguesa repercutisse em outros cantos, os nossos sentimentos brotaram como de um jato vivo e impetuoso para chorar com os irmãos de além-mar a perda que lhes acarretara o golpe sinistro do Terreiro do Paço.

Nada justificaria o ato de barbarismo que ceifou a vida a um monarca em pleno viço a um príncipe no verdor dos anos, quando a vida ainda não oferece as decepções do mundo, mas somente encerra as esperanças que povoam a imaginação dos moços.

Fosse um incidente isolado da perversão humana, fosse o resultado de uma conspiração armada pelos adversários da situação política em Portugal, o crime que se acaba de perpetrar só pode despertar a mais repugnante repulsa.

Não será a ferro e fogo, empregados em tão bárbaras circunstâncias, alvejando uma família inteira, que o poder se há de conquistar em um país pacífico como Portugal. Não será sob um pedestal de sangue que os inimigos da monarquia implantarão a República na Península. Se tal se dera, fora tão fraca base, que o edifício não resistiria ao primeiro sopro da tormenta.

Não. Portugal é uma nação grande e generosa, a qual repugnam os meios violentos e estúpidos que se armam com a carabina e com o punhal.

E não se diga que o julgo de um tirano provocasse a vindicta. Por mais contrários que fossem os interesses políticos, por mais antagonicas que parecessem as aspirações internas do reino, a figura de D. Carlos, o soberano brando e carinhoso, extremoso para com a pátria como para

coma família que adorava, jamais poderia ser alvejado em tão trágicas condições.

E aquele anjo de virtudes que do céu baixou para acariciar a alma portuguesa, que mal fez ele aos adversários do governo para ver, de um instante para outro, com a estupefação que sucede às grandes catástrofes arrebataram-lhe o esposo amado e o filho querido, cujo corpo procurou guardar com o escudo do seu peito?

E aquele infante de porte elegante e marcial, de sentimentos tão liberais, que mais parecia um republicano do que o herdeiro de um trono, qual o crime que praticara que desse lugar a um fim tão brutal, sem que ao menos soubesse porque morria assim inesperadamente, ele era tão jovem e não conhecia o mal?

Agora que está tudo consumado, só resta ao povo português enxugar a lágrimas que ainda lhe umedece os olhos e confiar no futuro da sua nobre pátria, hoje entregue no rei D. Manuel II, a quem cumpre zelar pelas tradições de um passado de glórias, celebrado pelas mais brilhantes pompas de Camões e de Garrett.

Que Portugal seja sempre o jardim da Europa a beira-mar plantado, sempre viçoso, eternamente florescido.

G.P.

Esta extensa matéria sobre o assassinato da família real portuguesa foi publicada na revista de número 33. A folha de rosto da revista trouxe a foto de D. Carlos¹ e o início do texto, seguidos de mais duas páginas com fotos de D. Amélia² e D. Phelippe, e, com a continuidade desse texto, encerrando com uma quarta folha que trazia a foto de D. Manuel II³.

A matéria relatava o assassinato e o espanto de todos pelo ocorrido, chegando a colocar D. Carlos I, por várias vezes, como um excelente monarca. O texto também apontava para o fato de D. Carlos não merecer morrer assassinado e chamava D. Luiz Felipe de anjo inocente, morto sem saber ao menos o porquê, além de mencionar os motivos dos assassinatos: política. O regicídio⁴ foi motivo de indignação e causou grande comoção na diretoria da revista e no público em geral.

A revista exaltou a nação portuguesa por muitas vezes durante o texto, mencionando que “a grande nação” superaria aquele momento difícil, e estimava que Portugal continuasse a ser “o Jardim da Europa”.

1 D. Carlos I nasceu em Lisboa a 28 de Setembro de 1863, e é o filho primogénito de el-rei D. Luís I e da rainha senhora D. Maria Pia de Sabóia.; Sendo ainda príncipe herdeiro casou em Lisboa, a 22 de Maio de 1886, com a princesa senhora D. Maria Amélia Luísa Helena de Orléans, filha de Luís Filipe Alberto, conde de Paris, e neta de Luís Filipe, rei de França. Do seu consórcio existem dois filhos: S. A. Real o príncipe D. Luís Filipe e S. A. Sereníssima o infante D. Manuel. D. Carlos é considerado uma individualidade artística, homem de ciência e habilíssimo em todos os exercícios físicos, tais como a caça, a pesca, equitação, etc. Dono de um espírito culto, tinha paixão pelas belas artes.

2 D Amélia. Rainha de Portugal, pelo seu casamento com o rei D. Carlos I. Nasceu em Twickenham a 28 de Setembro de 1865, filha de Luís Filipe Alberto de Orléans, conde de Paris, e da princesa Isabel de Orléans, sua prima, filha dos duques de Montpensier. Quando a família Orléans foi banida de França, estabeleceu a sua residência em Inglaterra, onde a gentil princesa teve esmerada educação. Sendo muito inteligente adquiriu muitos conhecimentos literários, afirmando-se ao mesmo tempo uma notável *sports-woman*.

A cerimónia do casamento realizou-se a 22 de Maio na igreja de Santa Justa, vendo-se ornamentadas elegantemente todas as ruas por onde seguia o cortejo. Durante alguns dias houve pomposas festas: iluminações brilhantes, récitas de gala nos teatros de S. Carlos e de D. Maria, que se viam ricamente adornados, baile no paço da Ajuda, parada militar na Avenida da Liberdade, fogo de artifício, corridas de cavalos, tourada, dada pelo *Turf Club*, etc.

3 D. Manuel II Nasceu em Lisboa e morreu em Inglaterra. Foi o último monarca de Portugal tendo governado de 1908 a 1910. Filho de D. Carlos e de D. Amélia de Orléans. Devido ao regicídio e morte violenta do príncipe real D. Luís Filipe, começou a reinar (1-2-1908). Como rei D. Manuel II procurou ir ao encontro das reivindicações operárias, chamando Léon Poincaré para estudar as possibilidades duma reforma das condições económicas e sociais do país. Duplicou o número de deputados republicanos por Lisboa no ano de 1910. Com efeito nas eleições municipais de Lisboa de 1908, os Republicanos elegeram uma câmara municipal de 100% sua e nas eleições de 1910 os Republicanos ganharam em Lisboa e em vários círculos. D. Manuel constituiu assim um governo caracterizado pela transigência e brandura para os Republicanos.

Em política externa procurou estabelecer boas relações com a Espanha e a Inglaterra. No dia 3 de Outubro de 1910 rebentou uma revolta republicana em Lisboa que triunfou em 5 de Outubro, e D. Manuel decide-se por Plymouth. No exílio manteve-se interessado pela política de Portugal, advogando a entrada do nosso país ao lado dos aliados na primeira guerra mundial. Por volta de 1914 os Monárquicos, aproveitando o governo mais tolerante de Bernardino Machado, formaram a causa Monárquica, que aspirava a estabelecer novamente o regime deposto. Gozava de toda a confiança e apoio do rei D. Manuel II, que nomeou um lugar-tenente (Azevedo Coutinho, Aires de Ornelas, etc.).

4 Regicídio de 1 de Fevereiro de 1908, ocorrido na Praça do Comércio (mais conhecida por Terreiro do Paço), em Lisboa, marcou profundamente a História de Portugal, uma vez que dele resultou a morte do Rei D.Carlos e do seu filho e herdeiro, o D.Luíz Phelippe e sua esposa D. Amélia. O atentado ficou-se a dever ao progressivo desgaste do sistema político português, vigente desde a Regeneração, em parte devido à erosão política originada pela alternância de dois partidos no Poder: o Progressista e o Regenerador. O Rei, como árbitro do sistema político tornou-se então no alvo de todas as críticas como: a questão dos Adiantamentos à Casa Real (regularização das dívidas régias ao estado, sendo que a Lista Civil da Casa Real não era revista há mais de cinquenta anos), e a assinatura do Decreto de 30 de Janeiro de 1908, que previa a expulsão sumária para as colônias dos envolvidos numa intentona republicana ocorrida dois dias antes. O regicídio de 1908 acabou por abreviar a monarquia ao colocar no trono o jovem D.Manuel II e lançando os partidos monárquicos uns contra os outros, com gáudio dos republicanos. A Europa ficou revoltada com este atentado, uma vez que D.Carlos era estimado pelos restantes chefes de estado europeus.

b)Conselheiro João Franco e o Jornalista João Chagas

The image shows a page from a newspaper with two circular portraits. The top portrait is of a man in a military-style uniform, identified as João Franco. The bottom portrait is of a man in a suit, identified as João Chagas. Between and around the portraits is a column of text in Portuguese, which is partially legible and appears to be a news article or report. The newspaper's masthead at the top reads 'A Voz da Moda'.



Conselheiro João Franco
ex-presidente do Conselho de Ministros
de Portugal.



João Chagas
saudoso jornalista português morto
na prisão.

Ilustração 88 – “Conselheiro João Franco – ex-presidente do Conselho de Ministros de Portugal” e “João Chagas saudoso jornalista português morto na prisão”, n. 33 1908.

Estas fotos de João Chagas¹ e João Franco² foram publicadas na revista de número 33, ambas na mesma página, ocupando cada uma meia coluna de página cada uma, e apareciam em meio à continuidade de um texto diverso, sem ligação com as mesmas. Essas fotos mostram que, de alguma forma, os portugueses ainda despertavam interesse no público paulista.

1 João Chagas foi jornalista e escritor. Na realidade ele nasceu no Rio de Janeiro a 1 de Setembro de 1863, sendo descendente duma família de Liberais, que no período das lutas civis teve de emigrar. Veio para Portugal, e foi educado em Lisboa, indo depois para o Porto, onde, dedicando-se ao jornalismo, entrou em 1883 para a redacção do *Primeiro de Janeiro*.

João Chagas foi um dos fundadores da Associação dos Jornalistas e Homens de letras do Porto, e escreveu e publicou as seguintes obras: *Diário dum condemnado politico*; *Na brécha*; *De bond*; *Crime da Sociedade*; desta obra só uma parte lhe pertence; pois teve de interromper o seu trabalho durante o tempo em que permaneceu em Madrid, de 1898 a 1899; *Trabalhos forçados*; *Historia da Revolta do Porto*, tendo por colaborador Manuel Maria Coelho. Traduziu a *Martyr* de D'Ennery, primeiramente publicada em folhetins no *Primeiro de Janeiro*, e a prosa da opereta *Os Bandidos*, de Offenbach, que se representou no teatro do Príncipe Real do Porto.

2 João Franco foi estadista, presidente de conselho de ministros, ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino; conselheiro de Sua Majestade e de Estado. Nasceu no Alcaide em 14 de Fevereiro de 1855. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1875. Entrando na carreira administrativa, desempenhou os seguintes cargos, os quais conquistou em concurso, por provas públicas, com a classificação de distinto: Delegado do procurador régio nas comarcas de Sátão, Baião, Alcobça, e Lisboa (2.^a vara); chefe de serviço na administração geral das alfândegas; administrador geral, interino, das alfândegas; auditor do tribunal do contencioso fiscal aduaneiro.

c) Exéquias dos Soberanos Portuguezes



Exequias dos Soberanos Portuguezes

—————●—————

Não podia ser mais expressiva a demonstração de pesar manifestada pela estimada colonia portugueza de S. Paulo á memoria dos seus Soberanos, victimas do attentado de 1 de Fevereiro.

As exequias tiveram lugar no dia 29 de Fevereiro, as 9 horas da manhã, na igreja da Sé, e a ellas compareceram os membros mais proeminentes da colonia portugueza, presidente do Estado, altos funcionarios e a fina sociedade paulista, que foi levar o seu voto de pesar aos irmãos de alem mar, pelo golpe doloroso que acabam de soffrer.

A ornamentação da cathedral, interna e externa bem como a erecção do soberbo catafalco que se levantára no centro da igreja, foram confiados a conceituada casa Rodovalho, que melhor projecto apresenton, executando essa incumbencia com extraordinario capricho e apurado gosto.

Ilustração 89 – “Exéquias dos Soberanos Portuguezes”, n. 34, 1908.

Exéquias dos Soberanos Portugueses

Não podia ser mais expressiva a demonstração de pesar manifestada pela estimada colônia portuguesa de S. Paulo à memória dos seus Soberanos, vítimas do atentado de 1 de Fevereiro.

As exéquias tiveram lugar no dia 29 de Fevereiro, às nove horas da manhã, na igreja da Sé, e a elas compareceram os membros mais proeminentes da colônia portuguesa, presidente do Estado, altos funcionários e a fina sociedade paulista, que foi levar o seu voto de pesar aos irmãos de além mar, pelo golpe que acabam de sofrer.

A ornamentação da catedral, interna e externa bem como a ereção do soberbo catafalco que se levantara no centro da igreja foram confiados a conceituada casa Rodvalho, que melhor projeto apresentou, executando essa incumbência com extraordinário capricho e apurado gosto.

Este texto foi publicado na revista de número 34, ocupando meia coluna de página, estando ele na parte superior da página, o que deu maior destaque ao texto.

Comenta o terrível assassinato do rei D. Manuel. A revista lamenta profundamente o acontecido e relata o fato de a colônia portuguesa no Brasil ter prestado homenagens aos seus irmãos “d’além mar”.

A repercussão do regicídio foi imensa e provocou comoção e indignação pelo mundo, *A Vida Moderna* transmitiu este sentimento em suas páginas e, mostrou, mais uma vez, sua afeição pelos portugueses, de um modo geral, e, neste caso específico, pelos que viviam na cidade de São Paulo.

d) O magnífico pavilhão oferecido pelo governo do Brasil a Portugal.

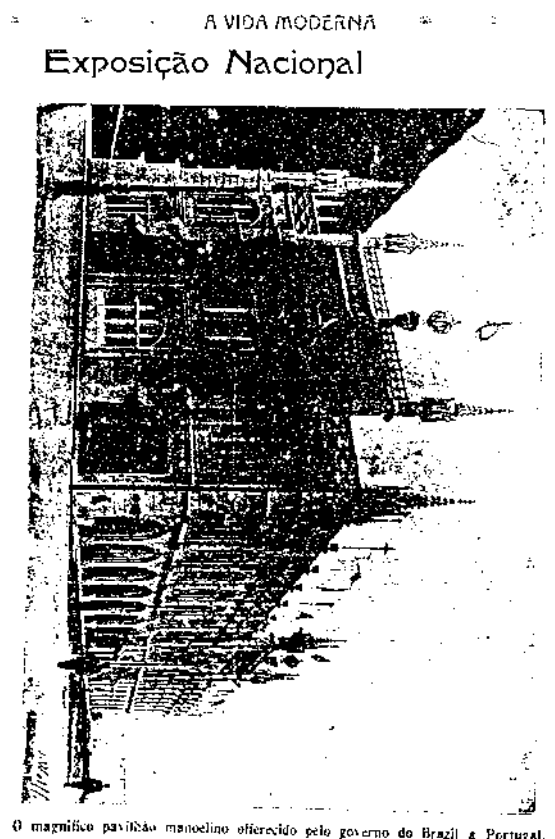


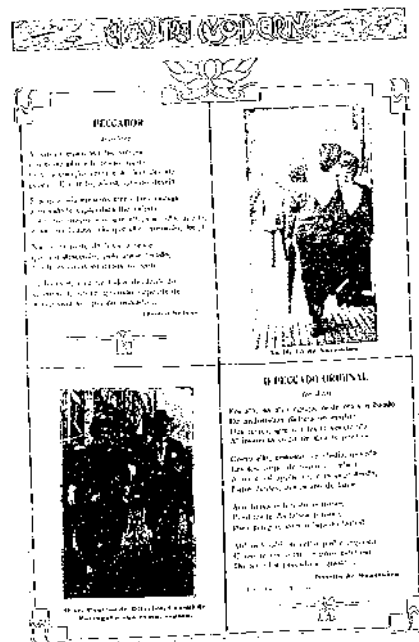
Ilustração 90 – “Pavilhão Manoelino oferecido pelo Brasil à Portugal”, n. 46, 1908.

Fotografia publicada na revista de número 46 ocupando uma folha inteira, com grande destaque na revista, em meio a grande matéria realizada sobre a Exposição Nacional.

Aqui temos uma fotografia do Pavilhão, estilo manoelino, que o Brasil ofereceu à Portugal. A inscrição abaixo da foto diz: “*O magnífico pavilhão manoelino oferecido pelo governo do Brasil a Portugal*”. Este pavilhão foi construído por ocasião da Exposição Nacional, realizada no Rio de Janeiro em 1908, segundo a própria revista. Esta exposição teve uma grande importância para São Paulo e para *A Vida Moderna*, pois a cidade viu neste evento a oportunidade de mostrar ao Brasil seu progresso e modernidade e a revista divulgou o evento através de números especiais sobre a Exposição. Nesta cobertura realizada pela revista, ela ressalta o fato de ter uma pavilhão dedicado à Portugal dentro de uma exposição nacional, o que demonstra os laços entre os dois países.

1 Manuelino - Foram os historiadores e escritores românticos - Varnhagem, Almeida Garret e Luis Silva de Albuquerque que, em meados do século XIX, batizaram com o nome de "Arte Manuelina" a arquitetura que floresceu durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521) e que se prolongou mesmo depois da sua morte. No entanto, a Arte Manuelina teve início ainda na fase final do reinado de D. João II. Foi um estilo que se antecipou ao Barroco, com formas sólidas, robustas e sensuais, fortemente escultóricas e de grande fôlego decorativo. Assente nas estruturas góticas, a Arte Manuelina manifesta-se na arquitetura civil, religiosa, palácios, moradias particulares, aquedutos, entre outros aspectos. As fachadas dos edifícios levavam como distintivo as divisas do rei D. Manuel I, a esfera armilar e a cruz de Cristo. As janelas e as portas, acusavam a presença de diversos elementos simbólicos e emblemáticos que alguns historiadores atribuem à procedência marítima e outros dizem de origem tradicional: toros enroscados, hastes de cardo, cápsulas de papoula, alcachofras, animais de origem africana e oriental, etc. Um exemplo muito ilustrativo desse estilo arquitetônico é o Mosteiro dos Jerônimos, no Bairro do Belém, em Lisboa, e o Convento de Cristo, na cidade de Tomar, em especial, uma janela do Convento.

e) Foto do Cônsul de Portugal: Paulino de Oliveira





O sr. Paulino de Oliveira, Consul de Portugal e sua exma. esposa.

Ilustração 91 – “O sr. Paulino de Oliveira Cômulo de Portugal e sua exma. Esposa.”, n. 115, 1912.

f) “A Portuguesa é feia e a hespanhola é bonita”

A presente fotografia foi publicada no exemplar de número 115 de *A Vida Moderna* em meio a poemas e uma outra foto, ocupava cerca de meia coluna na parte inferior da página. Paulino de Oliveira era poeta, e, foi cômulo de Portugal em São Paulo de 1911 a 1914. Sua esposa Ana de Castro Osório também foi escritora, porém de literatura infantil. Mais uma vez percebemos que a revista gosta de mostrar os portugueses na cidade demonstrando através de fotos e ressaltando a nacionalidade portuguesa na legenda.

ESCOLA DE COMERCIO "ALVARES PENTEADO", S. PAULO

PERFIS FEMININOS

Mio O. L. R.



Castelões de 1914

Como em um jogo. Ostar ao no mal desobediência. Clara e ro- sado. Vestido curto. Excessiva em tudo. Manchas no rosto. Anã. As curvas, dando aos braços e en- corando os cabelos das passadas. Lar- gos, a genti e a sãra coberta.

Brasil. Será o propósito de tu- ben implorando, ou ri larga e so- necamente. Lábios rubros e de con- tinuadas finas.

Estas girls no Conservatório. E, ao passo, à sua doblagem se alu- hadas e amadas em impudicas nervosa, avda de chegar ao fim, sem se importar com o compa- cio. É, tal como, faz com abonda- di e em voz alta.

Inteligente e bem educada. Mag- e bonita. Saca olhos grandes e cla- ros. As falgarças de esculida. Os braços de um tipo de diro- mica de canção belga.

É, segundo de um tipo de diro- mica de canção belga.

Exaggero na afirmação do velho e terrível crí- tico portuguez. O que parece mais certo é que isto, como em tudo mais, a verdade reside no meio termo, e que, de facto, a fôrma desgra- çiosa, inesthetica e antiquada das cidades portu- guezas concorre, de alguma fôrma, para tornar feias as populações.

A portugueza tem os tornozellos grossos, o que constitui um defeito em esthetica; a hespanhola tem-nos arredondados e finos. A por- tugueza tem os quadris amplos e bamboleantes no movimento do passo; a hespanhola tem-nos redondos, sem muita amplitude. A portugueza tem os pés grandes, chatos e gordos; a hespanhola tem-nos pequenos, em curva graciosa e magros. A portugueza é rubicunda e tem as maçãs do rosto enflumescidas; a hespanhola é pallida, de uma carnção branca de camella, e tem o rosto oval. A portugueza, depois da ma- ternidade, fica obesa; a hespanhola é de fibra magra. A portugueza é pesada; a hespanhola é graciosa, elegante e leve.

Emfim, a mulher hespanhola é, pela tradi- ção e pela fama, a mais bella do mundo. E nenhum povo, depois do italiano, tem, mais que o hespanhol, o culto da belleza.

A portugueza é feia e a hespanhola é bonita

A Hespanha é o paiz das mulheres bellas. Esta é, pelo menos, a fama de que goza ha muitos seculos. Porque? Porque é que as portuguezas, e principalmente aquellas que habitam as provincias mais vizinhas as fronteiras hespanholas, não são igualmente bellas, si são oriundas das mesmas raças que formaram umas e outras, si têm os mesmos habitos e falam quasi a mesma lingua?

Ramalho Ortigão, tentando explicar o extranho phenomeno, disse, por outras palavras, que as portuguezas são feias porque nellas se reflecte a fealdade do ambiente em que vivem. Feias são as cidades, feio é o aspecto das ruas, feia a fôrma das construcções, feio é tudo que o olhar procura e com que se encontra a cada passo. Esta fealdade geral, pois, sem um traço, um contorno, um vestigio vivo d'arte ou gosto que a atenne, envolve a população tambem, reflectindo-se nella e creando typos á sua feição.

Não sabemos o que ha de verdade ou de exaggero na afirmação do velho e terrível crí- tico portuguez. O que parece mais certo é que isto, como em tudo mais, a verdade reside no meio termo, e que, de facto, a fôrma desgra- çiosa, inesthetica e antiquada das cidades portu- guezas concorre, de alguma fôrma, para tornar feias as populações.

A portugueza tem os tornozellos grossos, o que constitui um defeito em esthetica; a hespanhola tem-nos arredondados e finos. A por- tugueza tem os quadris amplos e bamboleantes no movimento do passo; a hespanhola tem-nos redondos, sem muita amplitude. A portugueza tem os pés grandes, chatos e gordos; a hespanhola tem-nos pequenos, em curva graciosa e magros. A portugueza é rubicunda e tem as maçãs do rosto enflumescidas; a hespanhola é pallida, de uma carnção branca de camella, e tem o rosto oval. A portugueza, depois da ma- ternidade, fica obesa; a hespanhola é de fibra magra. A portugueza é pesada; a hespanhola é graciosa, elegante e leve.

Emfim, a mulher hespanhola é, pela tradi- ção e pela fama, a mais bella do mundo. E nenhum povo, depois do italiano, tem, mais que o hespanhol, o culto da belleza.

Ilustração 92 - "A Portugueza é feia e a hespanhola é bonita", n. 255, 1914.

A portugueza é feia e a hespanhola é bonita

A Hespanha é o país das mulheres bellas. Esta é, pelo menos, a fama de que goza a muitos séculos. Porque? Porque é que as portuguezas, e principalmente aquellas que habitam as provincias mais vizinhas às fronteiras hespanholas, não são igualmente bellas, se são oriundas da

mesma raça que formaram umas e outras, se tem os mesmos hábitos e falam quase a mesma língua?

Ramalho Ortigão, tentando explicar o estranho fenómeno, disse, por outras palavras, que as portuguezas são feias porque nelas se reflete a situação do ambiente em que vivem. Feias são as cidades, feio é o aspecto das ruas, feia é a forma das construções, feio é tudo que o olhar procura e com que se encontra a cada passo. Esta fealdade geral, pois, sem um traço, um contorno, um vestígio vivo d'arte ou gosto que a atenua, envolve a população também, felectindo-se nella e creando typos a sua feição.

Não sabemos o que há de verdade ou de exagero na afirmação do velho e terrível crítico portuguez. O que parece mais certo é que nisto, como em tudo mais, a verdade reside no meio ferino, e que, de facto, a forma desgraciosa, inesthetica, e antiquada das cidades portuguezas concorre, de alguma forma, para tornar feias as populações.

A portugueza tem os tornozellos grossos, o que constitui um aleijão em esthetica; a hespanhola tem-n'os arredondados e finos. A portugueza tem os quadris amplos e bamboleantes no movimento do passo; a hespanhola tem-n'os redondo, sem muita amplitude. A portugueza tem os pés grandes chatos e gordos; a hespanhola tem-n'os pequenos, em curvas graciosas e magros. A portugueza é rubicunda e tem as maçãs do rosto entumescidas; a hespanhola é pallida, de uma carnção branca de camélia, e tem o rosto oval. A portugueza depois da maternidade fica obesa; a hespanhola é de fibra magra. A portugueza é pesada; a hespanhola é graciosas, elegante e leve.

Emfim, a mulher hespanhola é, pela tradição e pela fama, a mais bella do mundo. E nenhum povo, depois do italiano, tem, mais que o hespanhol, o culto da belleza.

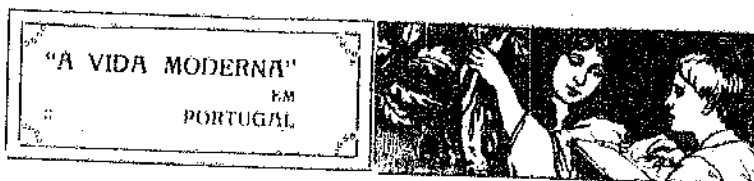
Este texto publicado na edição 255 de *A Vida Moderna*, ocupava cerca de meia página da revista e foi publicado na parte inferior da folha.

O texto reflete a cultura momentosa do início do século XX na cidade de São Paulo, onde muitas vezes não só a mulher portuguesa, mais também, Portugal, como um todo, era visto de maneira pejorativa, por uma parcela da população.

g) *A Vida Moderna em Portugal*



VIDA SOCIAL. Eulace Augusto Nascimento-Margherida Neves — Os noivos e convidados foram para *A Vida Moderna* após as celebrações matrimoniais.



A Montanha, nei das más brilhantes e populares avarias que se publicam no Porto, referiu-se, num dos seus últimos números, á nossa revista de uma forma altamente lisonjeira para o nosso amor próprio e transcreveu a notícia com que acolhemos a colaboração do illustre escriptor portuguez dr. Ualanda Marçal.

Não resistimos ao prazer de transcrever as palavras do important. organo da imprensa portugueza:

Honrase o Brasil moital de possuir a esplendida revista literaria — *A Vida Moderna* — uma das melhores, sem duvida, que a America do Sul possui. Dirige-a o superior criterio do distinto adeo-

galo e illustre poeta sr. dr. Julio Cesar da Silva. Uota de relevo na sua colossoza cação literaria e artistica, a importante revista, cujo traço atinge os 30000 exemplares, não limita a sua missão divulgadora de nomes illustres ao nobre país brasileiro, mas, muito mais, alongase pela Franca, Espanha, Inglaterra e todos os reinos literarios americanos.

Agora acaba o nosso prezabilissimo amigo e prosador brilhante, sr. dr. Orlando Marçal, de ser convidado a desempenhar o honroso emargo de cronista em Portugal, d' *A Vida Moderna*. É acriada a escripta, e nós repubilamos sinceramente com ella.

"A VIDA MODERNA"
EM
PORTUGAL



A *Montanha*, um dos mais brilhantes e populares diários que se publicam no Porto, referiu-se num dos seus últimos números, á nossa revista de uma forma altamente lisonjeira para o nosso amor próprio e transcreveu a notícia com que acolhemos a colaboração do illustre escriptor portuguez dr. Orlando Marçal.

Não resistimos ao prazer de transcrever as palavras do importante organ da imprensa portugueza:

Honra-se o Brasil mental de possuir a esplendida revista literária — *A Vida Moderna*, uma das melhores, sem duvida, que a America do Sul possui. Dirige-a o superior critério do distinto advogado e illustre poeta sr. dr. Julio Cesar da Silva. Cheio de relevo na sua colaboração literária e artistica, a importante revista, cuja tiragem atinge os 50.000 exemplares, não limita a sua missão divulgadora de nomes illustres ao nobre pais brasileiro, mas, muito mais, alarga-se pela França, España, Inglaterra e todos os centros literários americanos.

Agora acaba o nosso prezabilissimo amigo e prosador brilhante, sr. dr. Orlando Marçal, de ser convidado a desempenhar o honroso encargo de cronista em Portugal, d' *A Vida Moderna*. É arettada a escolha, e nós repubilamos sinceramente com ella.

Agora acaba o nosso prezabilissimo amigo e prosador brilhante, sr. dr. Orlando Marçal, de ser convidado a desempenhar o honroso encargo de cronista em Portugal, d' *A Vida Moderna*. É arettada a escolha, e nós repubilamos sinceramente com ella.

Ilustração 93 – A Vida Moderna em Portugal, nº 260, 1914.

“A Vida Moderna” em Portugal

A *Montanha*, um dos mais brilhantes e populares diários que se publicam no Porto, referiu-se num dos últimos números, a nossa revista de uma forma altamente lisonjeira para o nosso amor próprio e transcreveu a notícia com que acolhemos a colaboração do escriptor portuguez Orlando Marçal.

Não resistimos o prazer de transcrever as palavras do importante organ da imprensa portugueza:

Honra-seo Brasil mental de possuir a esplendida revista literária — A Vida Moderna, uma das melhores, sem duvida, que a América do Sul possui. Dirige-a o superior critério do distinto advogado e illustre poeta Sr. Dr. Julio César da Silva. Cheio de relevo da sua colaboração

literária e artística, a importante revista, cuja tiragem atinge os 50.000 exemplares, não tímida a sua missão divulgadora de nomes ilustres ao nobre país brasileiro, mas, muito mais, alonga-se pela França, Espanha, Inglaterra e todos os centros literários americanos.

Agora acaba o nosso presadíssimo amigo e prosador brilhante, Sr. Dr. Orlando Marçal, de ser convidado a desempenhar o honroso encargo de cronista, em Portugal, d'A Vida Moderna. É acertada a escolha, e nós rejubilamos sinceramente com ela.

Este texto, publicado na revista de nº 260 ocupou meia página da revista e trazia a satisfação e o empenho da revista em “se fazer” internacionalmente. O fato de ter uma nota, em um periódico estrangeiro, favorável *A Vida Moderna*, gerava orgulho e satisfação aos seus editores, que por sua vez, faziam questão de demonstrá-la ao público. Podemos perceber exaltação da revista em Portugal devido ao fato da mesma ter convidado para colaborar com crônicas em suas páginas um escritor português: Orlando Marçal.

4.3 A sutil presença portuguesa

Percebemos através destes textos a presença portuguesa na cidade de São Paulo, nos primórdios do século XX, existia no cotidiano paulista. A revista *A Vida Moderna* retratava esta sociedade, tão presa ao passado e tão desejosa do futuro.

Em São Paulo dos anos 1900 – 1922, a recepção de literatura portuguesa estava sintonizada, principalmente, com os autores canônicos como Camões (século XVI) e Padre António Vieira (Século XVII) e com os do século XIX – Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Garrett, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz –, demonstrando a vitalidade das referidas obras e possibilitando um relacionamento histórico e temporal da obra literária [...] (FEITOSA, 2004, p. 156).

Esta citação de Rosane Gazolla demonstra nossa constatação a respeito da presença literária e cultural de Portugal, mesmo que discreta, na cidade de São Paulo, entre 1900 – 1922, no periódico *A Vida Moderna*. Pudemos observar nos textos encontrados na revista o interesse por autores canônicos do século XVI, XVII, XVIII e XIX, pois encontramos textos dedicados a Vieira, sobre Herculano, do próprio Herculano, de Eça, dentre outros.

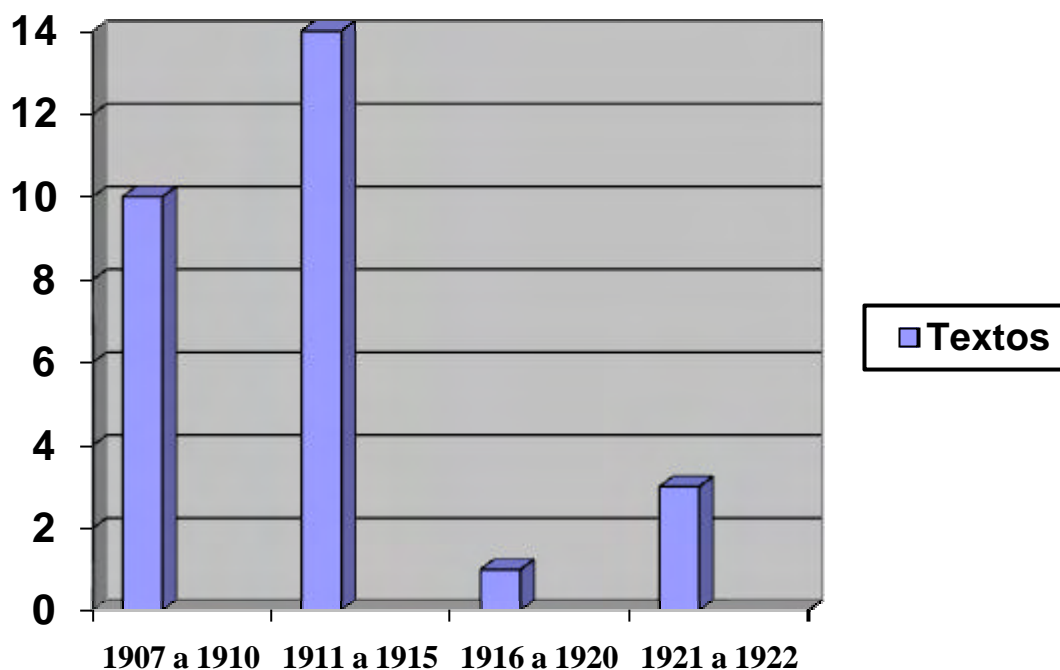
Para melhor visualização dos nossos dados, tecemos a seguinte tabela:

Tabela 6 – Números de textos ou ilustrações, relativos à Portugal, publicadas na revista *A Vida Moderna* (1907 -1922)

ANO	N. DE TEXTOS DE LITERATURA OU CULTURA PORTUGUESA		ANO	N. DE ARTIGOS SOBRE LITERATURA PORTUGUESA
1907	0		1915	1
1908	7		1916	1
1909	0		1917	0
1910	3		1918	0
1911	0		1919	0
1912	4		1920	0
1913	0		1921	0
1914	9		1922	3

Podemos perceber que o interesse pela literatura Portuguesa e pela cultura portuguesa existiam, todavia foi discreto nesse periódico, demonstrando o momento vivido pela cidade onde Portugal e qualquer assunto relativo a este considerado “retrocesso” e não representava a modernidade que a cidade e o periódico vendiam.

Gráfico 2 – Textos publicados na revista *A Vida Moderna* relativos à Portugal



Acreditamos que através deste gráfico fica bem mais visível a recepção portuguesa em São Paulo no início do século XX, no periódico *A Vida Moderna*.

Não podemos nos ater ao número de páginas, mas sim na proporcionalidade entre texto e imagem, pois a *Vida Moderna* privilegiava a imagem em detrimento do texto; a revista se constituía de 60% de figuras e 40% de texto, em média, por página e podemos dizer que destes 40% de textos na revista, 20% eram de literatura ou relacionado a ela. Dentro desses números, como já comentamos no capítulo três, os textos eram breves em detrimentos das imagens. O sutil toque português em *A Vida Moderna* reflete o momento vivido, na cidade, em relação aos irmãos “d’além mar”, que eram vistos como um “retrocesso”; assim como o processo de transformação que cidade vivia, de modernidade e de conservadorismo. Neste caso os paulistas queriam negar à Portugal, mais não deixavam de publicar a literatura e a cultura portuguesa.

Considerações Finais

Não acuso. Nem perdôo

Nada sei. De nada.

Contemplo

(Cecília Meireles)

O período abordado de 1907 a 1922, considerado Pré-modernista, foi um período de transição e de um embate entre o localismo e cosmopolitismo. São Paulo passava por muitas transformações e procurava modernizar-se e expandir-se em todos os aspectos. Firmou-se

enquanto pólo econômico, o que possibilitou investir em outras áreas como, por exemplo, a imprensa no mercado editorial.

O Pré-modernismo trazia uma disputa entre o novo e o velho, ou seja, entre uma literatura academicista e europeizada e uma literatura que procurava trazer a realidade da sociedade paulista naquele momento. Percebemos que a literatura do período, de modo geral, era um espelho da sociedade da época e se formava, antes de tudo, a partir dela. Juntamente com o progresso de São Paulo e com a transição pela qual a cidade passava, a literatura também se viu em mudança, dando espaço a novas idéias, mais próximas do cotidiano da sociedade menos elitizada.

O principal meio de divulgação da literatura nestes tempos eram os jornais e as revistas e, grande parte, eram as revistas de variedades, como *A Vida Moderna*, que dedicavam um espaço relativamente significativo para a literatura, já que as revistas especificamente literárias duravam pouquíssimo tempo e tinham pouca divulgação.

A Vida Moderna foi uma publicação muito bem elaborada graficamente, tendo passado por várias mudanças ao longo de sua existência, para cada vez mais tornar-se um empreendimento comercial de sucesso. Suas belas capas e fotos, a diversidade de assuntos, a inovação constante e o respeito ao público consumidor, já que esta preocupação era visível ao longo de sua história, faziam dela uma das revistas de maior vendagem do período.

Percebemos a sutil presença portuguesa em São Paulo no periódico *A Vida Moderna*, por meio dos poucos textos existentes, se pensarmos no total de publicações de 1907-1922. Todavia, apesar toda modernidade expressada por esta revista, também a literatura publicada pendia mais para a tradição do que para a modernidade: Portugal ainda aparecia refletido em suas páginas por meio da literatura, pois Portugal ainda era uma referência extremamente importante tanto intelectual quanto culturalmente.

No que diz respeito ao periódico estudado, acreditamos que a revista possui ainda uma infinidade de itens a serem explorados e analisados. Poderíamos através dela reconstruir, por exemplo, grande parte da história da cidade da sociedade paulista no início do século XX, já que ela relata os fatos correntes. Uma indexação da revista também seria fundamental.

Para que atingir nossa finalidade, que era procurar textos que demonstrassem a presença da literatura e cultura portuguesa no início de século paulista, analisamos alguns pontos importantes da revista: no primeiro capítulo, fizemos um breve panorama do contexto histórico, social e literário do Brasil, e principalmente da cidade de São Paulo, no período de 1900-1922. Destacamos, ainda, a questão da imigração, os grandes avanços tecnológicos e os aspectos econômicos-sociais da cultura do café. Voltamos nosso olhar para a literatura paulistana dos primórdios do século XX, nos baseando principalmente na teoria de Antonio Candido que trata a

relação entre literatura e sociedade, ou seja, a preocupação com os aspectos sociais da criação, da recepção e da distribuição das obras como um todo.

No segundo capítulo, destacamos a imprensa, no Brasil e em São Paulo, apontando a história dos periódicos que se constituíram como empreendimentos comerciais. Tecemos, também, um breve paralelo com *A Vida Moderna*, *A Cigarra e a Revista Feminina*, apontando as principais características, semelhanças e diferenças, entre estes três sucessos editoriais.

No terceiro capítulo, descrevemos a revista *A Vida Moderna*, mostrando suas características estruturais, seu conteúdo, sua publicidade, sua periodicidade, seu público-leitor, evidenciando quão importante e significativo foi esta publicação para a história de São Paulo. Destacamos as principais seções e apontamos grande parte dos colaboradores. Além disso, mostramos os textos de auto-propaganda e editoriais da revista, bem como, os “números especiais” como o aquele que se dedicou ao jornal *O Estado de São Paulo*.

No quarto capítulo, mostramos o quanto e como o periódico vendia a cidade de São Paulo, colocando-se como uma revista-vitrine de todo progresso e modernidade da cidade no início do século XX. Apresentamos também os textos (originais e transcritos) que encontramos no periódico que demonstram a sutil presença portuguesa na cidade de São Paulo, tecendo comentários sobre eles.

Podemos dizer que o universo da literatura portuguesa em *A Vida Moderna*, apesar de sutil, gerou “ [...] uma participação na vida social e espiritual na cidade de São Paulo [...]” (CANDIDO, 1975, p.139), exercendo um papel nas “ [...] formas de sociabilidade intelectual e da sua relação com a sociedade, na caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo.” (p.142).

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, M. A. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

ABREU, Marcia (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ ABL; São Paulo: FAPESP, 1999.

A Cigarra. Ano 2, n. 23, 06/07/1915.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895 – 1915)*. 2.ed. São Paulo: Carenho Editorial, 2004.

ANTELLO, R. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. (Ensaio, 105).

A Vida Moderna. São Paulo: 1907 – 1922.

BARBOSA, João. Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

_____. *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BARROS, Maria Paes de. *No tempo de Dantes*. São Paulo: Brasiliense, 1945.

BARTHES, R. O que é a crítica. In: _____. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 157-163.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org). *O Brasil Republicano, sociedade e instituições (1889 – 1930)*. São Paulo: Cultrix, 1970.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, s/d.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalinas*. Oeiras: Celta, 1998.

BRAGA, Theóphilo. Lucros e perdas. Crônica mensal dos acontecimentos, por Sylvio Romero e Araripe Júnior, 1883. In: *Revista Estudos Livres*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883-1884.

BRITO, Mário da Silva. *Historia do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed, 1975.

BRUNO, Sampaio. *Brasil mental*. Porto: Lello Editores, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e historia literária*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARPEAUX, Otto M. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios, 81).

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia: 1925.

COELHO, Jacinto do Prado (dir). *Dicionário de literatura*. 4.ed. Porto: Mário Figueirinhas, 1994. 5v.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP, 1968.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta – periodismo e vida urbana – 1890 – 1915*. São Paulo: EDUC, FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, 2000.

_____. (org.). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulista 1870 – 1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. (Coleção Memória, Documentação e Pesquisa, 4).

_____. *São Paulo em revistas*. São Paulo: CEDIC- PUC, 1997.

DEAN, W. *A Industrialização de São Paulo (1880 – 1945)*. São Paulo: Difel, 1971.

DIAS, Carlos Malheiro. O problema da colonização portuguesa no Brasil. In: *Revista Águia*. vol. 18, jul./dez., 1920.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; MEC, 1976. v. 1.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Enciclopédia Larrousse Cultural. 1998. v. 19.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Editorial Verbo, 1985. 18v.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. *História concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1977. tomo3, v. 2.

FEITOSA, Rosane Gazolla A. A literatura portuguesa em periódicos paulistas (*O Estado de São Paulo* e *O Pirralho*) no período pré-modernista brasileiro (1900 – 1922). In: CAIRO, Luiz Roberto; ESTEVES, Antonio R.; OLIVEIRA, Ana Maria Domingues (Orgs). *Estudos Comparados de literatura*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2005.

FIGUEIREDO, Fidelino de. Um século de relações luso-brasileiras. In: *Revista de História*. Lisboa, n. 53 - 56, 1925.

FIORENTINO, Teresinha A. Del. *Prosa de Ficção em São Paulo: produção e consumo*

(1900 – 1922). São Paulo: Hucitec, 1982.

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1913.

FOUCAULT, Michel *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa, Edições 70, 1989.

FREITAS, Affonso A. *A imprensa periódica de São Paulo: dos seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo Tipografia do Diário Oficial, 1915.

GARCIA, José Manuel. *História de Portugal: uma visão global*. 4.ed. Lisboa: Editora Presença, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: 1977.

HOBSBAWM, Eric. *A questão do nacionalismo: nações e nacionalismo desde 1780*. Lisboa: Terramar, 1998.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira. 1867 – 1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Traduzido por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

Revista Águia. vol. XVII, 1919.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

LEITE, Sylvia H. T. A. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900 – 1920)*. São Paulo: Editora UNESP, 1996. (Prismas).

LEVI, Darrel. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.

LOPES, Óscar. *Álbum de Família: ensaios sobre autores portugueses do século XIX*. Lisboa: Caminho, 1985.

LYRA, Heitor C. *Histórias de revistas e jornais literários: índice da Revista Brasileira*. v. 2. Rio de Janeiro: MEC ; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

MALLARD, Leticia e outros. *História da literatura: ensaios*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.

MARTINS, Ana Luiza *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1973.

_____. *A palavra escrita*. História do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MAUD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografias e histórias e interfaces*. In: *Tempo*. Niterói: Departamento de História, v. 1, n. 2, dez., 1996.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.

MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica e de estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (estudo clínico dos anatólinos). São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOISÉS, Massaud (Dir.). *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1999. 4v.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.

NOBRE, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Leia, 1950.

P. Coisas da Cidade. In: *O Estado de São Paulo*. 21/10/1922, p. 5.

PRADO JUNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo – geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, R., *Do reclame à comunicação*. São Paulo: Atual, 1995.

REIS, Carlos. *Construção da leitura: ensaio de metodologia e crítica literária*. Coimbra: INCM, 1982.

Revista Águia. v.17, 1919.

Revista Águia. v.18, 1920.

Revista Águia. v. 19, 1921.

Revista Feminina. São Paulo: 1914 – 1927.

RIBEIRO, Gladys Mata Galego. *Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

ROSENFELD, Anatol. *Texto /Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto, 1996.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1979. (Coleção Saber, 123).

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SERRÃO, Joel. *Do sebastianismo ao socialismo em Portugal*. 2.ed.Lisboa: Gleba (Coleção Horizonte).

_____. *Da “Regeneração” à República*. Lisboa: Livros Horizontes, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauá, 1999.

_____. *História militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SEVCENKO, Niacolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1956.

ZILBERMAN, Regina. *Almeida Garrett e a formação da consciência nacional*. 1999.

_____ et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

www.academia.org.br

www.itaucultural.org.br

Das ilustrações

Ilustração 1 - Proclamação da República, alegoria. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, 2002, p. 247.

Ilustração 2 - Marechal Deodoro da Fonseca. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Velha. Acessado em 24 de novembro de 2005.

Ilustração 3 – O Teatro Municipal de São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 93 (30 /set/1911).

Ilustração 4 – Pinacoteca de São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 86 (15/abr/1911).

Ilustração 5 – Prédios Modernos de São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 101 (25/jan/1912).

Ilustração 6 – Palacete em São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 102 (01/fev/1912).

Ilustração 7 – Palacete em São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 98 (04/jan/1912).

Ilustração 8 - Triângulo Comercial de S. Paulo. Capa – *A Vida Moderna*, n. 102 (01/fev/1912).

Ilustração 9 - Rua Direita. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.com.br/galeria/gg01.jpg>. Acessado em: 27/04/2006.

Ilustração 10 - Operários do Contíficio Rodolfo Crespi. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>. Acessado em 25/07/2006.

Ilustração 11 - Interior de uma indústria na cidade de São Paulo no início do século XX. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>. Acessado em 25/07/2006.

Ilustração 12 - Av. Paulista, Vista da Esquina da Praça Oswaldo Cruz em Direção à Consolação. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.com.br/galeria/gg02.jpg>. Acessado em 27/04/2006.

Ilustração 13 - Cartaz da Semana de Arte Moderna.

Ilustração 14 - Jardim Público de São Paulo. *A Vida Moderna*, n. 83 (15/fev/1911).

Ilustração 15 – Página de *O Estado de São Paulo* (3/out/1897).

Ilustração 16 – Capas das revistas, respectivamente: *Fon-Fon*, *A Cigarra* e *A Vida Moderna*.

Ilustração 17 – Capa de *A Cigarra*. n. 7 (1914).

Ilustração 18 - Capa da *Revista Feminina*. n. 60.

Ilustração 19 – Capa da Revista *Sportman*. *Sportman*, n. 18 (15/jun/1907).

Ilustração 20 – Editorial “A Vida Moderna”. *A Vida Moderna*, n. 24 (17/set/1907).

Ilustração 21 – Editorial “Nova Phase”. *A Vida Moderna*, n. 25 (15/out/1907).

Ilustração 22 – Capa de *A Vida Moderna*. *A Vida Moderna*, n. 533 (mar/1929).

Ilustração 23 – Editorial “Edição de Natal”. *A Vida Moderna*, n. 28 (30/nov/1907).

Ilustração 24 – Texto editorial “A *Vida Moderna*, semanal”. *A Vida Moderna*, n. 98 (04/jan/1912).

Ilustração 25 – Foto da administração da revista. *A Vida Moderna*, n. 29/30 (25/dez/1907).

Ilustração 26 – Propaganda. *A Vida Moderna*, n. 99 (11/jan/1912).

Ilustração 27 – Foto de Estudantes da Faculdade de Direito. *A Vida Moderna*, n. 26 (31/out/1907).

Ilustração 28 - Capa de *A Vida Moderna*. *A Vida Moderna*, n. 212 (12/mar/1914).

Ilustração 29 – Capa de *A Vida Moderna*. *A Vida Moderna*, n. 219 (30/abr/1914).

Ilustração 30 – Folha de rosto. *A Vida Moderna*, n. 212 (12/mar/1914).

Ilustração 31 – Exemplos de expediente: *A Vida Moderna*, n. 92 (07/09/1911) e n. 123 (27/jun/1912).

Ilustração 32 – Seção “A Vida Moderna”. *A Vida Moderna*, n. 31 (15/jan/1908).

Ilustração 33 – Seção Actualidades. *A Vida Moderna*, n. 40, (03/jun/1908).

- Ilustração 34 – Seções “Museu” e “Pelo Telefone”. *A Vida Moderna*, n. 25 (15/out/1907).
- Ilustração 35 – Seção “Sports”. *A Vida Moderna*, n. 33 (18/fev/1908).
- Ilustração 36 – Seções “Charadismo” e “Quebra-cabeças”. *A Vida Moderna*, n. 31 (15/jan/1907).
- Ilustração 37 – Seção “Os nossos instantâneos”. *A Vida Moderna*, n. 214 (26/mar/1914).
- Ilustração 38 – Seção “Perfis”. *A Vida Moderna*, n. 82 (01/fev/1911).
- Ilustração 39 – Seção “O Progresso Arquitetônico de S. Paulo”. *A Vida Moderna*, n. 96 (25/nov/1911).
- Ilustração 40 – Seção “Bebê”. *A Vida Moderna*, n. 122.(20/jun/1912).
- Ilustração 41 – Seção “O Progresso em Guaratinguetá”. *A Vida Moderna*, n. 212 (12/mar/1914).
- Ilustração 42 – “A Kermesse no Jardim da Luz”, *A Vida Moderna*, n. 218 (23/abr/1914).
- Ilustração 43 – Seção “Ver e Falar”. *A Vida Moderna*, n. 188 (25/set/1913).
- Ilustração 44 – Seção “Sonetos”. *A Vida Moderna*, n. 26 (31/out/1907).
- Ilustração 45 – Seção de folhetins. *A Vida Moderna*, n. 81 (10/jan/1911).
- Ilustração 46 – Seção “De Monóculo”. *A Vida Moderna*, n. 271 (09/set/1915).
- Ilustração 47 – Seção “O momento literário”, *A Vida Moderna*, n. 422 (12/jan/1922).
- Ilustração 48 – Seção de contos “Jesus”, *A Vida Moderna*, n. 29/30 (25/dez/1907).
- Ilustração 49 – Seção “Livros e Autores”. *A Vida Moderna*, n. 99 (11/jan/1912).
- Ilustração 50 – Seção “Artes e Letras”. *A Vida Moderna*, n. 135 (19/set/1912).
- Ilustração 51 - Seção “Os Nossos Autographos”. *A Vida Moderna*, n. 136 (26/set/1912).

- Ilustração 53 – “A Arte em São Paulo: Exposições Femininas”. *A Vida Moderna*, n. 200 (18/dez/1913).
- Ilustração 52 – Charge. *A Vida Moderna*, n. 93 (30/set/1911).
- Ilustração 54 – Seção “Cine-Revista”. *A Vida Moderna*, n. 432 (15/jun/1922).
- Ilustração 55 - “Concurso literário d’A Vida Moderna. *A Vida Moderna*, n. 99 (11/jan/1912).
- Ilustração 56 – “Grande Concurso Musical”. *A Vida Moderna*, n. 38 (03/mai/1908).
- Ilustração 57 – “Os nossos brindes”. *A Vida Moderna*, n. 119 (30/mai/1912).
- Ilustração 58 – “A direção D’A Vida Moderna”. *A Vida Moderna*, n. 47 (15/nov/1908).
- Ilustração 59 – “Edição especial”. *A Vida Moderna*, n. 73 (01/mai/1910).
- Ilustração 60 – “A Vida Moderna”. *A Vida Moderna*, n. 39 (18/mai/1908).
- Ilustração 61 – Capa da Edição especial de Natal. *A Vida Moderna*, n. 29/30 (25/dez/1907).
- Ilustração 62 - Capas. *A Vida Moderna*: n. 42,1908; n. 45, 1908 e n. 46, 1908.
- Ilustração 63 - Capa de *A Vida Moderna*, n. 210 (26/fev/1914).
- Ilustração 64 - Monumento à Feijó. *A Vida Moderna*, n. 171 (29/mai/1913).
- Ilustração 65 - Capa da edição especial: *O Estado de São Paulo*. *A Vida Moderna*, n. 208 (12/fev/1914).
- Ilustração 66 – “Nossa Capa” - matéria principal da edição especial: *O Estado de São Paulo*. *A Vida Moderna*, n. 208 (12/fev/1914).
- Ilustração 67 – Foto da fachada do prédio de *O Estado de São Paulo*. *A Vida Moderna*, n. 208 (12/fev/1914).
- Ilustração 68 – “O progresso industrial de São Paulo”. *A Vida Moderna*, n. 214 (26/mar/1914).

Ilustração 69 – “Pelo Progresso” e “Ministério da Agricultura: valorização do café”. *A Vida Moderna*, n. 69 (15/fev/1910).

Ilustração 70 – “O progresso Architectonico de S. Paulo”. *A Vida Moderna*, n. 101 (25/jan/1912).

Ilustração 71 - “Melhoramentos de S. Paulo”. *A Vida Moderna*, n. 210 (26/fev/1914).

Ilustração 72 – “São Paulo de ontem e de hoje”. *A Vida Moderna*, n. 272 (23/set/1915).

Ilustração 73 – Sem título. *A Vida Moderna*, n. 36 (04/abr/1908).

Ilustração 74 – “A moda”. *A Vida Moderna*, n. 39 (18/mai/1908).

Ilustração 75 - As Farpas

Ilustração 76 – “As creanças que mentem”. *A Vida Moderna*, n. 47 (15/nov/1908).

Ilustração 77 – “Alexandre Herculano”. *A Vida Moderna*, n. 72 (21/abr/1910)

Ilustração 78 – “Ode a Herculano”. *A Vida Moderna*, n. 73 (01/mai/1910).

Ilustração 79 - “Alexandre Herculano”. *A Vida Moderna*, n. 73 (01/mai/1910).

Ilustração 80 – “A Fama do Padre Antonio Vieira”. *A Vida Moderna*, n. 103 (08/fev/1912).

Ilustração 81 – “Livros Brasileiros em Portugal (página). *A Vida Moderna*, n. 142 (07/nov/1912).

Ilustração 82 – Fachada Lello e Irmãos

Ilustração 83 – Parte interna Lello e Irmãos

Ilustração 84 – “Borboletas”. *A Vida Moderna*, n. 146 (05/dez/1912).

Ilustração 85 – “Sol de Portugal”. *A Vida Moderna*, n. 255 (jan/1914).

Ilustração 86 - Seção “Sol de Portugal”. *A Vida Moderna*, respectivamente do n. 260 ao 265, 1914.

Ilustração 87 – D. Carlos I Rei de Portugal; D. Luiz Phelippe; A rainha D. Amélia e D. Manuel II, actual rei de Portugal. *A Vida Moderna*, n. 33 (18/fev/1908).

Ilustração 88 – “Conselheiro João Franco – ex-presidente do Conselho de Ministros de Portugal” e “João Chagas saudoso jornalista português morto na prisão”. *A Vida Moderna* n. 33 (18/fev/1908).

Ilustração 89 – “Exéquias dos Soberanos Portugueses”. *A Vida Moderna*, n. 34 (05/mar/1908).

Ilustração 90 – “Pavilhão Manoelino oferecido pelo Brasil à Portugal”. *A Vida Moderna*, n. 46 (22/out/1908).

Ilustração 91 – “O sr. Paulino de Oliveira Cônsul de Portugal e sua exma. Esposa.”. *A Vida Moderna*, n. 115 (02/mai/1912).

Ilustração 92 - “A Portuguesa é feia e a hespanhola é bonita”, *A Vida Moderna*, n. 255, (jan/1914).

Ilustração 93 – *A Vida Moderna* em Portugal, *A Vida Moderna*, n. 260 (25/mar/1915).